



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos da Linguagem

CAROLINA GOMES DA COSTA

O QUE BOOKTUBERS DIZEM SOBRE A TRADUÇÃO?
UM ESTUDO DE RESENHAS DE LIVROS TRADUZIDOS

CAMPINAS
2021

CAROLINA GOMES DA COSTA

O QUE BOOKTUBERS DIZEM SOBRE A TRADUÇÃO?
UM ESTUDO DE RESENHAS DE LIVROS TRADUZIDOS

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Linguística Aplicada, na Área de Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Érica Luciene Alves de Lima

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA CAROLINA
GOMES DA COSTA, E ORIENTADA PELA
PROFA. DRA. ÉRICA LUCIENE ALVES DE
LIMA.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

C823o Costa, Carolina Gomes da, 1996-
O que BookTubers dizem sobre a tradução? Um estudo de resenhas de livros traduzidos / Carolina Gomes da Costa. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Érica Luciene Alves de Lima.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. (In)visibilidade do tradutor. 2. Resenhas de traduções. 3. Booktube. I. Lima, Érica Luciene Alves de, 1968-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: What do BookTubers say about translation? A study on the reviews of translated books

Palavras-chave em inglês:

Translator's (in)visibility

Reviews of translations

Booktube

Área de concentração: Linguagem e Sociedade

Titulação: Mestra em Linguística Aplicada

Banca examinadora:

Érica Luciene Alves de Lima [Orientador]

Cynthia Beatrice Costa

Eliane Fernandes Azzari

Data de defesa: 23-04-2021

Programa de Pós-Graduação: Linguística Aplicada

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-8433-4416>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/2632140223629545>



BANCA EXAMINADORA:

Érica Luciene Alves de Lima

Eliane Fernandes Azzari

Cynthia Beatrice Costa

IEL/UNICAMP

2021

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

AGRADECIMENTOS

Foram dois anos e meio de caminhada para chegar ao fim desta pesquisa que trouxe tantas realizações. Mesmo vivendo uma pandemia no percurso, consegui manter o foco graças ao apoio daqueles que me cercam diretamente e indiretamente.

Agradeço à minha família e, principalmente, à minha mãe, Linda, por sempre estar presente e por me apoiar nos momentos mais difíceis deste processo.

Agradeço também ao meu melhor amigo, Carlos, colega acadêmico desde a faculdade e maior apoio na vida que eu poderia ter, por me ajudar e me ouvir falar sobre este trabalho (quase) todos os dias.

Agradeço às minhas amigas e aos meus amigos que, mesmo distantes, me ouviram falar dessa loucura que é o mestrado, apoiando-me e ajudando-me a me distrair quando necessário.

À minha orientadora e professora, Érica Lima, agradeço a confiança, parceria e atenção nesses últimos anos.

Às professoras Cynthia Beatrice Costa e Eliane Fernandes Azzari, agradeço pelas considerações e sugestões feitas na qualificação desta dissertação.

Às professoras Joana de São Pedro Inocente, Eliane Righi de Andrade, Rita Elena Melian Zamora, Viviane Veras, que na graduação e na pós-graduação estiveram presentes, agradeço a inspiração de me fazer seguir no mundo acadêmico e ter fé e esperança por dias melhores.

À Giulia Mendes Gambassi, agradeço a disponibilidade e atenção ao me ajudar na revisão final deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 - por meio do processo 1821645/2019.

RESUMO

Com o advento do mundo digital, o sistema literário (EVEN-ZOHAR [1990] 2013; LEFEVERE, [1992] 2007) se modificou e novas configurações de resenhas de textos, sobretudo literários, passaram a coexistir com as já conhecidas de jornais e revistas. *Sites*, *blogs* e canais do *YouTube* começaram a se tornar mais relevantes nesse meio e a atrair milhares de visualizações em suas resenhas, como é o caso de diversos canais brasileiros dedicados à literatura (*BookTube*), nos quais notamos uma grande quantidade de resenhas de obras traduzidas. Nesse contexto, este trabalho propõe uma discussão acerca de vídeos que apresentam resenhas de livros traduzidos, abordando especialmente dois pontos: o primeiro diz respeito à menção ou não de quem traduziu e o segundo aborda como essa menção é feita e os possíveis efeitos que podem ter para a área. Para isso, selecionamos vídeos de alguns dos canais de *BookTubers* mais influentes (em número de visualizações e de seguidores), com o intuito de identificar se e de que maneira a tradução e seus profissionais aparecem. De modo a fomentar teoricamente essas discussões, nos baseamos nos textos de Lawrence Venuti (1995), Carol Maier (1990, 2001), Reiner Schulte (1986; 1995), Antoine Berman (1995) e José Yuste Frías (2015). A partir do recorte feito, traçamos relações entre as falas das *BookTubers* sobre a tradução ou sobre os tradutores e os estudos acadêmicos da área. Com base nos dados recolhidos, atestamos que houve um aumento gradativo de menções aos tradutores nas vídeo-resenhas ao longo dos anos. Anteriormente, a tradução, quando esporadicamente mencionada, era atribuída à editora da publicação ou o texto era creditado singularmente ao autor. Entretanto, mesmo com esse aumento, o número de *BookTubers* que não menciona que o texto é traduzido e o nome do profissional da tradução responsável pelos livros resenhados ainda é alarmante. Além disso, a maneira como essa menção é feita nem sempre é positiva, seja para a área, seja para o próprio tradutor.

Palavras-chave: (In)visibilidade do Tradutor; Resenhas de Traduções; *BookTube*.

ABSTRACT

With the advent of the digital world, the literary system (Even-Zohar [1990] 2013; Lefevere, [1992] 2007) shifted and new configurations of reviews for texts, especially literary ones, began to coexist with the already established newspapers and periodic magazines. Websites, blogs and YouTube channels became more relevant in this matter and started to attract millions of views in their reviews, as with the several Brazilian channels dedicated to literature (BookTube), in which we notice a great number of reviews for translated books. In this context, this thesis anticipates a discussion about these types of video reviews, mainly focusing on two aspects: whether the translator responsible for the book being reviewed is mentioned or not, and, as consequence, the way this mentions occurs and the possible effects that it can have on our area of study. In order to do so, we selected videos from some of the most influential BookTube channels (in regard to the number of views and subscribers), with the intent of identifying if translation and its professionals are mentioned, and how that happens. Basing our discussions theoretically, we rely on the studies of Lawrence Venuti (1995), Carol Maier (1990, 2001), Reiner Schulte (1986, 1995), Antoine Berman (1995) and Yuste Frías (2015). From our selection, we traced parallels between what the BookTubers said about translation or translators and the academic studies in the field. Based on the data collected, we noticed an increase in the mentions to translators in the video-reviews along the years. Previously, the translation was mentioned rarely, and when it happened it was credited to the publishing house or the text as a whole was attributed solely to the author. However, even with this growth in the rightful recognition, the number of BookTubers that don't mention that the text they are reviewing was in fact translated or even cite the name of the translator responsible for the job, is still alarming. Moreover, the way in which these mentions are done is not always positive, whether considering its implications for the field of study or for the translators themselves.

Keywords: Translator's (in)visibility. Reviews of translations. BookTube.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: captura de tela 1	72
Figura 2: captura de tela 2	72
Figura 3: captura de tela 3	73
Figura 4: captura de tela 4	74
Figura 5: captura de tela 5	75
Figura 6: captura de tela 6	84
Figura 7: captura de tela 7	85
Figura 8: captura de tela 8	87
Figura 9: capturas de tela 9 e 10	88
Figura 10: captura de tela 11	88
Figura 11: captura de tela 12.	94
Figura 12: captura de tela 13	96
Figura 13: captura de tela 14	97
Figura 14: capturas de tela 15 e 16	101
Figura 15: captura de tela 18	101
Figura 16: captura de tela 19	102
Figura 17: captura de tela 20	102
Figura 18: captura de tela 21	103
Figura 19: captura de tela 22	104
Figura 20: captura de tela 23	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: quantidade de vídeos considerados	33
Quadro 2: canais considerados	34

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: quantidade de vídeos antigos.....	70
Gráfico 2: quantidade de vídeos recentes	70
Gráfico 3: quantidade de vídeos total	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO UM.....	18
1.1 Contextualização.....	18
1.2 Os polissistemas na crítica literária <i>online</i> de traduções	25
1.3 As mídias digitais.....	27
1.4 Metodologia utilizada	29
CAPÍTULO DOIS	36
2.1 A Invisibilidade do tradutor por Venuti.....	36
2.2 A resenha como paratradução	43
2.3. Resenhas de traduções literárias	45
2.4 Berman e a crítica de traduções	56
2.5 A crítica jornalística.....	58
2.6 A tarefa criativa e interpretativa da tradução.....	60
2.7 A crítica nos tempos atuais	65
CAPÍTULO TRÊS.....	69
3.1 Críticas à tradução	76
3.1.1 Créditos à editora	77
3.1.2 O estranhamento da domesticação	77
3.1.3 Os títulos dos livros.....	79
3.1.4 A crítica negativa	82
3.1.5 “Erros de tradução”	83
3.1.6 Retraduções	90
3.2 Textos canônicos.....	91
3.3 Tradutores famosos.....	94
3.4 Elogios à tradução.....	98
3.5 Resenhas de outros tipos de traduções.....	99
3.6 O nome na tela – a visibilidade imagética	101
3.7 Tradução nos comentários	102
CONCLUSÃO.....	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
ANEXOS	122
ANEXO A: Pamela Gonçalves.....	122
ANEXO B: Mellory Ferraz.....	124
ANEXO C: Isabella Lubrano.....	126
ANEXO D: Tatiana Feltrin.....	128

ANEXO E: Paola Aleksandra.....	130
ANEXO F: Victor Almeida	132
ANEXO G: Bel Rodrigues	134
ANEXO H: Juliana Cirqueira	136
ANEXO I: Beatriz Paduletto	138

INTRODUÇÃO

O advento da *internet* vem possibilitando a comunicação entre tradutores e a divulgação de seus trabalhos. Atualmente, “[...] novos aplicativos e tecnologias móveis emergentes também permitiram que tradutores literários trocassem ideias e aumentassem a interação profissional por meio de *blogs*, *microblogs*, *Twitter*¹ e *sites* de redes sociais”^{2,3} (CONSTANTINE, 2018, p. 99). Com essa presença online a tradução passou a ser muito mais exposta. É por meio de resenhas de livros traduzidos principalmente em vídeos no *YouTube* ou até mesmo em *blogs* e *sites* que notamos a tradução cada vez mais inserida no contexto digital. Esses conteúdos produzidos por esses resenhistas do meio *online* acabam se tornando um meio de promoção do texto traduzido e, por consequência, dos tradutores, quando a tradução é, de fato, levantada no vídeo ou texto. É nesse sentido que os próprios tradutores passaram a ter espaço para cobrar esse reconhecimento – e é por diferentes meios que esses profissionais se mostram presentes e ganham voz⁴. No entanto, apesar de o meio digital possibilitar que os tradutores se apresentem, exponham suas reflexões, trabalhos etc., será que eles estão visíveis em todos os ambientes virtuais? O que acontece com essas resenhas publicadas *online* em que a maioria dos textos resenhados foram traduzidos antes de serem lidos por seus críticos?

É nesse âmbito que esta pesquisa, situada no campo da Linguística Aplicada, se dá, tendo como foco a área da linguagem, transculturalidade e, principalmente, a tradução. Contudo, o objetivo deste estudo não está no trabalho com o processo tradutório, mas sim em produzir uma reflexão sobre a pessoa tradutora como profissional no meio em que seu trabalho circula. É por isso que entendemos essa pesquisa como uma reflexão importante para a área da Linguística Aplicada pois as discussões presentes nesta dissertação tem relação com uma análise social da área de tradução que leva em conta a forma como o material traduzido circula no ambiente virtual. É por meio das relações sociais e culturais presentes nesse ambiente que poderemos refletir sobre como a tradução

¹ Rede social de *microblogging* que permite ao usuário postar pequenas mensagens em um número limitado de caracteres e também interagir com outros usuários instantaneamente.

² Esta e as demais traduções cujo original e as transcrições em outra língua estiverem em nota são de minha responsabilidade. Serão diferenciadas apenas as transcrições de vídeos das demais notas contendo texto original.

³ “New applications and emergent mobile technologies have also enabled literary translators to exchange ideas and increase professional interaction through blogs, microblogs and Twitter, and social networking sites” (CONSTANTINE, 2018, p. 99).

⁴ Dentre eles, destacam-se, por exemplo, os *blogs* do tradutor Caetano Galindo no site da Companhia das Letras, da tradutora Denise Bottmann e o de Cláudia Belhassof, assim como perfis em redes sociais como o da tradutora Regiane Winarski e o canal no *YouTube* do tradutor Reinaldo José Lopes.

é enxergada pelos resenhistas que, por meio de suas falas, podem influenciar na maneira como a tradução ou o profissional da tradução é visto pelo público consumidor desses textos.

A motivação desta pesquisa, assim como a principal fundamentação teórica, é o conceito da invisibilidade do tradutor, apresentado por Lawrence Venuti (1995a) em livro de mesmo nome (*The Translator's Invisibility*). O autor define esse conceito em duas frentes: a primeira possível ocorrência pode estar relacionada com a “ausência” do tradutor no texto – por exemplo, quando o autor se esconde através da domesticação do texto de origem; a segunda, pode ser uma invisibilidade socioeconômica – isto é, a forma como os leitores enxergam o texto traduzido e o tradutor –, que determina, em consequência, o baixo *status* cultural e econômico da tradução. Tomamos, então, como ponto de partida a segunda questão, considerando os tradutores como sujeitos de uma sociedade que os invisibiliza. Como parte do meio, esses profissionais são muito mais do que a sua tradução e a sua não-presença acarreta um apagamento significativo de suas identidades. Dito isso, questionar até que ponto esses profissionais se fazem presente nos meios em que seu trabalho circula é essencial para compreender a natureza dessa característica.

Com isso, questiona-se: de que forma o tradutor literário está presente no meio virtual? Como é que o ambiente digital está permitindo (ou não) que esses profissionais possam ser reconhecidos? Pensando nesses pontos, contextualizamos a questão da invisibilidade dos tradutores no ambiente digital, levando em conta o grande consumo da literatura traduzida e difundida por resenhistas autônomos presentes nesse local. Em tempo, apontamos que apesar de esse aspecto dos tradutores já ser bastante estudado na academia⁵, aqui propomos um olhar diferenciado, levando em consideração o contexto virtual de divulgação de textos traduzidos.

Ademais, ainda que os *blogs* literários com críticas e resenhas sejam cruciais para a visibilidade dos tradutores, optamos por estudar esse conceito a partir dos vídeos-resenha, pois acreditamos que esses conteúdos possam influenciar um público muito maior atualmente do que os *blogs* e *sites*. Essa comunidade literária⁶ engloba o que é

⁵ Na Unicamp, por exemplo, temos a pesquisa de Aduino Lucio Caetano Villela, de 2001 e a pesquisa de Ana Maria Siqueira, de 2002. Entre as pesquisas mais recentes, destaca-se a dissertação de mestrado de Caroline Rodvalho Boriolo, de 2018.

⁶ Entende-se como comunidade literária todos aqueles que se propõem a falar sobre livros no ambiente virtual, incluindo os leitores, ou seja, o público desses resenhistas e influenciadores digitais da literatura.

conhecido como *BookTube*. Para a pesquisadora Tara Anderson Gold (2020), o *BookTube* é

uma rede informal de usuários do YouTube que criam, comentam e assistem a vídeos do YouTube sobre livros e leitura. Os participantes se referem à comunidade coloquialmente como "BookTube" e usam o termo verbalmente, nas descrições, nos títulos e nas tags⁷ (GOLD, 2020, p. 13).

Nesse sentido, considerando a possibilidade de pesquisa nesse ambiente virtual, segundo Gold (2020), o *BookTube* também pode ser um espaço para a pesquisa em letramento, pois possibilita cruzamento entre suas formas novas e tradicionais (GOLD, 2020, p. 116). Para além disso, a *BookTuber* estadunidense Emma Giordano, em um vídeo (GIORDANO, 2020) de seu canal, também abordou a temática ao apresentar e discutir estudos acadêmicos sobre a influência do *BookTube* na sociedade leitora. No vídeo, Emma⁸ destaca que ficou fascinada com pesquisas acadêmicas sobre a comunidade e, por isso, trouxe algumas de suas descobertas para comentar em seu canal. Diante do exposto, percebemos como o estudo dessa comunidade literária é de interesse tanto da academia quanto dos próprios integrantes desse grupo de produtores de conteúdo.

Pensando, então, nas possibilidades de estudos que esse nicho literário proporciona, destacamos neste trabalho que esse grupo se comporta de uma outra maneira no Brasil, apesar de o *BookTube* mundial seguir um certo padrão. Aqui, a quantidade de livros resenhados que são traduzidos é muito maior. É por esse motivo que o objetivo desta pesquisa é reunir as questões envolvendo a invisibilidade dos tradutores com o poder do *BookTube* em influenciar tantas pessoas consumidoras de conteúdos literários, neste caso, traduzidos, discutindo a maneira que esses tradutores aparecem nessas resenhas – que possuem um alcance notável em termos de visualizações, assinantes, compartilhamentos, curtidas, comentários, entre outros.

Para tanto, apesar de existirem dezenas de canais brasileiros nesta comunidade, consideramos os canais das seguintes *BookTubers* Brasileiras: Bel Rodrigues, Tatiana Feltrin, Isabella Lubrano, Pam Gonçalves, Paola Aleksandra, Juliana

⁷ “[A]n informal network of YouTube users who create, comment on, and watch YouTube videos about books and reading. Participants refer to the community colloquially as “BookTube,” and use the term verbally, in descriptions, in titles, and in tags” (GOLD, 2020, p. 13).

⁸ Nas ocorrências dos nomes das *BookTubers*, optamos por citá-las no corpo do texto pelo primeiro nome, como são conhecidas na *internet*. Em contrapartida, os pesquisadores e estudiosos serão citados pelo sobrenome, conforme a ABNT.

Cirqueira, Beatriz Paludetto, Mellory Ferraz e o *BookTuber* Victor Almeida. Todos esses canais possuem mais de 100 mil inscritos, sendo este o principal critério de seleção.

É por meio de uma avaliação detalhada sobre a nova configuração da não presença desses tradutores que as condições sobre ela serão definidas, analisadas e questionadas. De forma geral, essa discussão abrange diversos objetos e aspectos que vão além do campo da tradução, mas a problematizações sobre a falta de visibilidade ao tradutor carece de uma nova atenção e necessita se atualizar para os novos contextos sociais e tecnológicos.

Ainda, pontuamos que a escolha pelo tema da invisibilidade social dos tradutores demonstra não apenas uma vertente teórica, mas também metodológica. Portanto, o trabalho se dará com os materiais em vídeos de resenhas de livros traduzidos, uma vez que o objetivo é estudar e analisar a figura do tradutor no contexto digital de críticas literárias e a forma como esse profissional aparece nesse meio, considerando as consequências disso para a sua visibilidade. Todo o estudo tem um caráter qualitativo – em relação às considerações sociais da área da tradução –, mas também quantitativo, uma vez que nos fundamentaremos em gráficos para constatar os dados numéricos obtidos. Além disso, as análises dos vídeos são primordiais para os resultados aqui apresentados. Assim, a abordagem quantitativa será combinada à abordagem qualitativa para que se obtenha um resultado mais completo.

Para isso, dividimos esta pesquisa em três momentos. No capítulo um apresentamos o *BookTube*, abordamos a questão dos polissistemas literários a partir de Itamar Even-Zohar ([1990] 2013) e Andre Lefevere ([1992] 2007), a relação do *BookTube* com as mídias sociais com Raquel Recuero (2009, 2012) e também apresentamos a metodologia utilizada para analisar as resenhas em vídeo. No capítulo dois discutimos a visibilidade ou a invisibilidade dos tradutores – questionada por Venuti (1995b) – para, em seguida, situá-la na crítica de textos traduzidos. Para isso, tomamos como fundamentação teórica autores como Carol Maier (1990, 2001), Rainer Schulte (1986, 1995), Yuste Frías (2015), Rosemary Arrojo (1992), Ivone Benedetti (2015), Cláudia Nina (2007), Paulo Henriques Britto (2012) e Antoine Berman (1995). Por fim, no terceiro capítulo, buscamos analisar as resenhas que apresentaram alguma forma de menção ou reflexão sobre a tradução. Então nos utilizamos de diversos aportes teóricos para poder explorar e discutir esses pontos. Como conclusão, estabelecemos uma reflexão a partir dos resultados obtidos no capítulo três levando em consideração as discussões do segundo capítulo. Foi a partir dos dados compilados (com os gráficos e os recortes dos

vídeos) que conseguimos observar que a menção aos tradutores ainda acontece em poucos vídeos e, em muitos deles, traz uma visão negativa do texto traduzido.

CAPÍTULO UM

1.1 Contextualização

Com a consolidação do ambiente digital na sociedade, os chamados influenciadores digitais se estabeleceram nesse ambiente como produtores de conteúdos e transmissores de informações – muitas vezes de forma instantânea – através de *sites*, *blogs*, páginas, vídeos etc. Esses produtores de conteúdo, em sua maioria amadores – como discutiremos a seguir –, buscam, através dessas plataformas, difundir um conhecimento sobre determinado assunto, ou divulgar seu trabalho de forma fácil e gratuita para atingir o maior número de pessoas possível.

Um dos caminhos para esses criadores são os conteúdos para a plataforma *online YouTube*, na qual, diariamente, são publicados milhares de vídeos de diferentes gêneros e assuntos. Dentre esses vídeos, podem ser encontrados conteúdos voltados à educação, ao entretenimento, a músicas, *vlogs* sobre inúmeros assuntos e até mesmo críticas literárias, às quais nos voltaremos. Nesta dissertação analisaremos vídeo-resenhas e é importante ressaltar que os críticos que produzem esse tipo de conteúdo nem sempre possuem o conhecimento “formal” para resenhar ou criticar determinado produto, seja ele um *game*, um produto de beleza, um filme, um livro etc. Ressaltamos que o conhecimento formal aqui apontado seria a formação acadêmica no campo sobre o qual se pretende realizar vídeos, como na área do cinema – para críticas de produtos audiovisuais – ou da literatura, conforme ocorre com os críticos de textos literários.

Neste trabalho, como mencionado na introdução, daremos ênfase aos conteúdos literários. Nesse sentido, de acordo com Gold (2020), esse material *online* sobre literatura se destaca por ser

parte da grande comunidade on-line de amantes de livros que se reúnem em sites como Goodreads, Wordpress, Blogger, Instagram (“Bookstagram”), Tumblr (“Booklr”), Twitter, Reddit e Pinterest, conhecidos coletivamente pelos participantes como “Bookternet”⁹ (GOLD, 2020, p. 14).

Tais resenhistas são, em sua maioria, apenas apreciadores desses textos que se sentem suficientemente capazes de discutir e criticar o conteúdo. Assim, mesmo sem terem o conhecimento técnico comum para a área, alguns desses produtores de vídeo

⁹ “[A]lso part of the larger online community of book lovers who gather on sites such as Goodreads, WordPress, Blogger, Instagram (‘Bookstagram’), Tumblr (‘Booklr’), Twitter, Reddit, and Pinterest, known collectively to participants as the ‘Bookternet’” (GOLD, 2020, p. 14).

dispõem de uma quantidade maior de seguidores, o que acaba influenciando muitas pessoas. Esse público considera esses produtores de conteúdo “detentores” de uma opinião “superior”, tomando as opiniões por eles emitidas como base na hora de comprar um livro¹⁰.

Cabe ressaltar também o papel do mercado nesse sistema, visto que as editoras impactam diretamente na configuração desses resenhistas, já que buscarão nesses influenciadores do público consumidor suporte para divulgar seus produtos. Assim, o que antes era feito de forma amadora e autônoma passa a ter a interferência do mercado. O leitor, que antes só queria compartilhar sua opinião sobre o texto no ambiente digital, passa a ser um agente nesse meio ao difundir textos que o mercado (editoras e livrarias) espera e determina.

Nesse mesmo sentido, a tradutora literária Regiane Winarski, questionou o ato de invisibilizar os tradutores e exaltou a necessidade de resenhistas e críticos literários do ambiente virtual (por exemplo “blogueiros” ou “vlogueiros”¹¹, que compartilham resenhas de textos literários através de *blogs*, *sites* ou até mesmo vídeos) de considerarem o tradutor quando realizarem tais resenhas:

[b]logueiros amados, CITEM o nominho do tradutor dos livros lá na ficha da sua resenha, que costuma ter autor, editora, número de páginas, se bobear até o ascendente do autor. Ajudem a acabar com a invisibilidade do tradutor. Estamos precisando MUITO (WINARSKI, 2018).

O sistema exemplificado ficou conhecido popularmente no ambiente virtual como *BookTube* – uma junção da palavra em inglês *book* (livro) e “*tube*”, a partir do sufixo da palavra *YouTube*. Foi a partir de uma comunidade pequena que o *BookTube* se expandiu e ganhou reconhecimento internacional, apesar de não se ter registros sobre o início do nicho literário na plataforma de vídeos.

O *BookTube* se caracteriza por trazer resenhas de todos os gêneros literários (clássicos, contemporâneos, quadrinhos, livros históricos, biografias, entre outros), mas, “[...] o gênero mais representativo dentre os livros resenhados por estes canais é o Jovem Adulto, com destaque para os subgêneros Fantasia e Contemporâneo, especialmente

¹⁰ Esse dado é apontado, por exemplo, em matéria da revista Carta Capital de 12 ago. 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/como-os-BookTubers-estao-mudando-o-mercado-literario-4062.html>. Acesso em 13 jul. 2018.

¹¹ “Vlog é a abreviação de videoblog (vídeo + blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos. A grande diferença entre um vlog e um blog está mesmo no formato da publicação. Ao invés de publicar textos e imagens, o vlogger ou vlogueiro, faz um vídeo sobre o assunto que deseja”. Disponível em: <https://www.significados.com.br/vlog/>. Acesso em 20 abr. 2020.

títulos da *frontlist*¹²” (SILVA, 2016, p. 13). Desta forma, as resenhas mais populares são as desse segmento Jovem Adulto ou YA (*Young-Adult*, em sua sigla em inglês)¹³, que conseqüentemente nivela o público do segmento para uma faixa etária geral de pessoas entre 14 e 21 anos. Em sua pesquisa, Renata Prado Alves Silva (2016) destaca também que a comunidade apresenta até mesmo um vocabulário próprio, o que permite uma maior caracterização e personalidade ao tipo de conteúdo sendo produzido, além de aproximar o criador de conteúdo de seu público.

Nesse sentido, destacamos uma reportagem de 2018 do jornal *The New York Times*¹⁴ que levantou observações relevantes sobre esse nicho virtual. A matéria pontua, essencialmente, o impacto do *BookTube* no mercado editorial (neste caso, o norte-americano), atestando, também, informações como o fato de a comunidade possuir atualmente¹⁵ mais de 200 milhões de visualizações comparado com o ano de 2017, além do engajamento ter crescido em torno de quarenta por cento¹⁶. O jornal destacou ainda que, por causa da audiência, em sua maioria jovem, as editoras enxergam a comunidade como um espaço para ir atrás do seu leitor e, com isso, criam estratégias de *marketing* que envolvam o *BookTube*. Por exemplo, muitos dos criadores de conteúdo recebem *Advanced Reader Copies* (ARC), ou seja, cópias de livros antecipadas, antes de eles irem para as livrarias, e realizam resenhas para divulgar o lançamento do material, tendo seus vídeos promovidos e patrocinados por editoras. Por meio dessas campanhas, consumidores são convencidos a irem atrás do conteúdo divulgado pelo trabalho dos resenhistas e é por isso que muitas editoras utilizam essa comunidade para buscar o público onde ele já está, alterando, dessa forma, o processo mercadológico e, em consequência, o sistema literário, como comentaremos adiante.

Outro trabalho situado na área acadêmica e que discute esse objeto é a tese de doutorado de Tara Anderson Gold, já citada, publicada em 2020 pela Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. Esse estudo da autora é uma netnografia que “explora como os adolescentes se envolvem com práticas de letramento por meio da participação

¹² Lista de livros novos ou recentemente publicados por uma editora.

¹³ Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/estante-indica/os-melhores-livros-young-adult/>. Acesso em 20 abr. 2020.

¹⁴ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/07/31/books/booktubers-youtube.html>. Acesso em: 8 ago. 2018.

¹⁵ De acordo com os dados da reportagem de 2018, presente na nota 14.

¹⁶ Não é possível saber se os dados se referem apenas à comunidade falante de língua inglesa ou se incluem todo o nicho internacional.

no *BookTube*” (GOLD, 2020, p. iii)¹⁷. Ela desenvolveu essa pesquisa com o objetivo de analisar a comunidade no *YouTube* e entender como o processo de leitura a partir dessa participação nas mídias sociais pode influenciar na construção das identidades no espaço virtual dos leitores. De acordo com Gold,

[o]s canais do *BookTube* compartilham vídeos com resenhas de livros, resumos mensais de leitura, recomendações de leitura, discussões de hábitos de leitura peculiares, *vlogs* de leitura, notícias de livros, esquetes de livros e vídeos humorados sobre os livros. Os *BookTubers* têm seu próprio jargão, gêneros de vídeo e estilo enquanto comunidade. Embora os *BookTubers* abranjam várias idades, nacionalidades e gostos de leitura, todos compartilham o interesse comum por livros e leitura. A comunidade, apesar de pequena, é um nicho altamente concentrado de pessoas que adoram o mesmo tipo de produto: livros. Isso torna a comunidade o local perfeito para entidades comerciais relacionadas a livros e à leitura venderem diretamente para seu cliente ideal: entusiasmados consumidores de livros¹⁸ (GOLD, 2020, p. 119).

Os *BookTubers* são movidos pelo gosto pela leitura e seu objetivo é interagir com pessoas que possuem o mesmo interesse a partir desses vídeos, gerando discussões sobre os textos ou a divulgação de livros para um público mais amplo¹⁹. Para questionar a validade da comunidade, a *BookTuber* canadense Ariel Bissett (2018) propôs uma discussão em seu canal sobre a eficiência dessa comunidade literária virtual na vida de seus usuários e espectadores. Ariel exprime sua opinião defendendo-a com menções a trabalhos acadêmicos e conceituando o *BookTube* em uma esfera superior, classificando-o como um possível objeto de compartilhamento do literário e, mais do que isso, uma comunidade de aprendizado mútuo.

Além de Ariel, a *BookTuber* Emma Giordano – já apresentada na introdução – trouxe em vídeo (2020) trabalhos acadêmicos que tratam diretamente sobre o *BookTube*. Nesse vídeo, intitulado, *O que especialistas dizem sobre BookTube?*²⁰, Emma

¹⁷ “[E]xplores how adolescents engage with literacy practices through participation in BookTube [...]” (GOLD, 2020, p. iii).

¹⁸ “BookTube channels share videos featuring book reviews, monthly reading wrap-ups, reading recommendations, discussions of quirky reading habits, reading vlogs, book news, book skits, and book humor. BookTubers have their own jargon, video genres, and style as a community. Though BookTubers span a range of ages, nationalities, and reading tastes, they all share the common interest in books and reading. The community, though small, is a highly concentrated niche group of people who all love the same type of products: books. This makes the community the perfect place for commercial entities related to books and reading to market directly to their ideal customer: enthusiastic consumers of books” (GOLD, 2020, p. 119).

¹⁹ Disponível em: <https://cafebabel.com/en/article/a-new-digital-phenomenon-the-rise-of-the-BookTubers-5ae00a25f723b35a145e5f4f/>. Acesso em 5 jul. 2018.

²⁰ *What do 'experts' say about booktube?*

apresenta dois artigos²¹ e comenta que ler esses estudos sobre o seu trabalho no *YouTube* é interessante, pois ela percebe o quanto influenciou outras pessoas a lerem livros. Para ela, os *BookTubers* têm influência no sucesso de muitos livros e séries literárias, destacando como a comunidade literária norte-americana e falante de língua inglesa é muito mais privilegiada em comparação com a de outros países e outras línguas. Emma inclusive menciona Pierre Bourdieu – citado em um dos artigos – e a sua “teoria do campo”.

Com base nessa teoria de Bourdieu (1993, 1996) apresentada em um dos artigos, Emma acredita que “os *BookTubers* têm todo esse poder e influência porque estão situados entre dois campos diferentes, sendo um o mundo editorial e o outro a mídia social e o entretenimento digital”²². Para ela os “benefícios econômicos do *BookTube* nos países de língua inglesa são muito maiores do que nos países de língua espanhola”²³.

Esse recorte de países hispanófonos é simplista se levarmos em consideração que o *BookTube* é uma comunidade mundial com grandes canais em países como Índia²⁴, Itália²⁵, França²⁶ e inclusive no Brasil. O exemplo de Emma é trazido como um comentário acerca do artigo que apresenta a diferença entre o *BookTube* de língua espanhola e o de língua inglesa, entretanto, consideramo-lo reducionista e acreditamos que ele contempla apenas um contexto estrangeiro apesar de tantos outros existirem. Na tese de Gold (2020), por exemplo, não há nenhuma menção ao *BookTube* internacional, e todas as considerações são feitas em referência aos canais estadunidenses ou falantes de língua inglesa. Com isso, entende-se que discussões complexas estão ocorrendo dentro do ambiente da comunidade e sua legitimidade está sendo questionada tanto por aqueles que participam do meio quanto por outras mídias.

Internacionalmente, os canais são bastante populares e possuem milhares de inscritos e seguidores. Em pesquisa realizada em abril de 2020, dentre os canais mais conhecidos e influentes destacam-se o canal em inglês *polandbananasBOOKS*²⁷

²¹ Disponíveis, respectivamente, em: https://pdxscholar.library.pdx.edu/eng_bookpubpaper/24/ e <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2056305119894004>. Acesso em: 27 jul. 2020.

²² Transcrição: “BookTubers have all of this power and influence because they're kind of situated between two different fields one being the publishing world and the other being social media and digital entertainment” (GIORDANO, 2020, 18min58s-19min07s).

²³ Transcrição: “It seems like the economic benefits of booktube in english-speaking countries is much higher than that in spanish-speaking countries” (GIORDANO, 2020, 19min20s-19min28s).

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/IndianBooktuber/featured>. Acesso em: 30 jul. 2020.

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/IleniaZodiaco/videos>. Acesso em: 30 jul. 2020.

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Bulledopjournal/videos>. Acesso em: 30 jul. 2020.

²⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/polandbananasBOOKS>. Acesso em: 21 abr. 2020.

(Christine Riccio), com 409 mil inscritos; o canal *abookutopia*²⁸ (Sasha Alsberg), também em inglês, com 363 mil inscritos; o canal em espanhol *laspalabrasdefa*²⁹ (Fatima Orozco), com 349 mil inscritos; o canal *Clau Reads Books*³⁰ (Claudia Ramírez), também em espanhol, com 490 mil inscritos; e o canal em inglês *jessethereader*³¹ (Jesse George), com 384 mil inscritos.

No Brasil, o segmento também é bastante popular, com destaque para os canais de: Bel Rodrigues³², com 758 mil inscritos; Tatiana Feltrin³³, com 390 mil inscritos; Isabella Lubrano³⁴, com 398 mil inscritos; e Pam Gonçalves³⁵, com 297 mil inscritos. A partir desse levantamento do número de inscritos, é possível perceber que os canais brasileiros também são bastante reconhecidos. Além disso, observa-se que, assim como o *BookTube* internacional, a comunidade brasileira também é influenciada por seu público-alvo na escolha de livros a serem resenhados, sendo os de YA os mais comuns. Essa observação se faz necessária visto que destaca a relevância desses canais na sociedade leitora atual; por isso, qualquer informação que esses influenciadores digitais apresentem em seus vídeos pode causar um impacto significativo no sistema literário.

Contudo, enquanto nos países de língua inglesa esses *BookTubers*, em sua maioria, se limitam a leituras feitas na língua materna, no Brasil acontece um fenômeno um pouco diferente. Os *BookTubers* brasileiros, apesar de também trazerem resenhas de livros nacionais, acabam preferindo textos estrangeiros, muitas vezes, traduzidos para o português brasileiro. Como levantado no começo do capítulo, boa parte da literatura consumida no Brasil é traduzida e isso leva a uma grande quantidade de resenhas de livros estrangeiros.

Esse grande consumo de livros traduzidos, especialmente *best-sellers*, tanto no Brasil quanto em outros países emergentes, acontece principalmente devido à hegemonia cultural dos países do Norte e do Ocidente, por isso,

a tradução fortalece a economia cultural global, possibilitando às empresas multinacionais dominar a mídia impressa e eletrônicas chamados países em desenvolvimento, lucrando com a possibilidade de

²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/abookutopia>. Acesso em: 21 abr. 2020.

²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/laspalabrasdefa>. Acesso em: 21 abr. 2020.

³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/GraviEchizen>. Acesso em: 21 abr. 2020.

³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/jessethereader>. Acesso em: 21 abr. 2020.

³² Disponível em: <https://www.youtube.com/user/alguminfinito>. Acesso em: 23 mar. 2020.

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin>. Acesso em: 23 mar. 2020.

³⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCTubbc8ei3JfOBbicSJYPfQ/>. Acesso em: 23 mar. 2020.

³⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/TvGarotait>. Acesso em: 23 mar. 2020.

venda das traduções a partir das línguas de maior difusão, principalmente do inglês (VENUTI, 2002, p. 11).

No entanto, categorizar esses países como

“em desenvolvimento” aqui nada mais significa do que uma relação retrógrada com o capitalismo do mundo. A tradução constringe as instituições que abrigam essas categorias e práticas, visto que chama a atenção para as condições e efeitos questionáveis dessas instituições, para as contradições e exclusões que as tornam possíveis – e as desacreditam (VENUTI, 2002, p. 11).

Por esse motivo, essas “contradições e exclusões” podem também estar relacionadas ao papel do tradutor no sistema literário – que abrange desde as editoras até o público – e é a partir dessa relação que as consequências se tornam presentes, pois ao solicitar uma tradução “consumível”, a editora sujeita o profissional a uma invisibilidade, já que “a consumibilidade é a ideologia que media a produção de uma tradução fluente e sua transformação em mercadoria; ela está inscrita na materialidade do texto e situa esse texto nas relações de produção existentes” (VENUTI, 1995a, p. 117). Como resultado, essa característica é acentuada pelos leitores e críticos que não são suficientemente conscientizados para poder mudar esse cenário.

De volta ao comentário da tradutora Regiane Winarski (2018), esses resenhistas, por causa da falta de uma percepção social sobre o papel do tradutor, não mencionam os tradutores em suas resenhas de textos literários, seja esta em sua forma escrita ou em formato audiovisual. Winarski reforça que o foco não é a crítica à tradução, mas a menção e a valorização do trabalho do tradutor. Junto a isso, a condição de profissão não regulamentada do tradutor confronta essa necessidade da valorização do profissional, que se torna ainda mais dependente do público consumidor para ter espaço no ambiente social, já que legalmente o profissional acaba não tendo suporte o suficiente.

É justificável lembrar que outros profissionais envolvidos na edição e na produção de um livro – no caso do texto, o preparador e o revisor, e na parte gráfica, ilustradores e designers – também sofrem com a falta de visibilidade. Esta é uma consideração a ser feita tanto para livros traduzidos quanto para textos não-traduzidos, já que todos esses passam por um processo de produção e edição, no qual os profissionais, muitas vezes, não são nem ao menos mencionados.

1.2 Os polissistemas na crítica literária *online* de traduções

A partir de uma interpretação da teoria de Itamar Even-Zohar ([1990] 2013), passaremos a seguir a uma reflexão sobre o sistema literário levando em consideração os críticos de literatura que se fazem presentes no ambiente digital. Tal reflexão busca relacionar o mercado, o público e o texto – neste caso, o traduzido – a partir de análises das noções das novas tecnologias e do público consumidor que passa a ser produtor e, conseqüentemente, parte do mercado. Por fim nos atentaremos às conseqüências disto na sociedade e na visibilidade do tradutor.

Ao conceituar essas novas tecnologias e as novas configurações de resenhas literárias, destaca-se uma nova necessidade do tradutor – neste caso, o literário – de ser reconhecido. Essa urgência convém da formalização do sistema literário visto que, conforme afirma Even-Zohar ([1990] 2013),

[...] o “sistema literário” compreende como “internos” mais que como “externos” todos os fatores implicados no conjunto de atividades a que a etiqueta “literária” pode se aplicar com maior conveniência que qualquer outra. O “texto” já não é o único, nem necessariamente o mais importante em nenhum sentido, aspecto, ou inclusive produto desse sistema (EVEN-ZOHAR, [1990] 2013 p. 30).

Portanto, a definição de “sistema literário” abrange tudo aquilo que constitui o campo da literatura, desde o texto e o autor até o público (consumidores), o mercado e, em conseqüência, a tradução. Com isso, a crítica literária se apresenta como um elemento importante que realiza o intermédio do texto com o público. Essa crítica literária envolve, diretamente, todo o sistema literário ao mesmo tempo em que o estabelece. Nesse sentido, Even-Zohar ([1990] 2013) complementa, afirmando que “o ‘texto’ já não é o único, nem necessariamente o mais importante em nenhum sentido, aspecto, ou inclusive produto desse sistema” (EVEN-ZOHAR, [1990] 2013, p. 30).

Ressaltamos também o papel do mercado como um impulsionador da literatura, especialmente na atualidade, já que o texto é visto como uma mercadoria e os autores e editoras dependem diretamente das vendas para se sustentarem e, assim, continuarem produzindo. Dessa maneira, o mercado subordina-se a agentes que atuam como difusores desses produtos, que podem ser professores, editores e os críticos literários que vão, cada um a sua maneira, promover esse texto ao grande público (EVEN-ZOHAR, [1990] 2013).

Por sua vez, o público acaba sendo um dos principais elementos nesse sistema já que todas as ações dos outros participantes possuem a intenção de atingi-los enquanto

consumidores. Esse cliente, apesar de parecer passivo, também pode atuar como difusor do produto literário, como é o caso dos resenhistas que publicam seus trabalhos no ambiente virtual através de textos ou vídeos.

Lefevere ([1992] 2007), que complementa a teoria dos polissistemas de Even-Zohar ([1990] 2013), sintetiza e classifica a estrutura que engloba a “produção de textos”, isto é, o sistema literário, a partir de uma série de profissionais ou sujeitos que podem ser “[...] os críticos, resenhistas, professores e tradutores” (LEFEVERE, [1992] 2007, p. 33). Contudo, ao considerar boa parte do mercado editorial, tem-se um sistema que comanda o texto como um todo e que controla como o tradutor irá trabalhar com ele. Lefevere ([1992] 2007) chama esse sistema de patronagem³⁶ e o define como “algo próximo dos poderes (pessoas, instituições) que podem fomentar ou impedir a leitura, escritura e reescritura de literatura” (LEFEVERE, [1992] 2007, p. 34). Em relação aos agentes desse nicho, o autor defende que a patronagem

[...] pode ser exercid[a] por pessoas, [...] mas também por grupos de pessoas, uma organização religiosa, um partido político, uma classe social, uma corte real, editores e, por último, mas não menos importante, pela mídia, tanto jornais e revistas quanto grandes corporações de televisão (LEFEVERE, [1992] 2007, p. 35).

Levando em conta essas novas mídias, principalmente a virtual, Paloposki (2012) argumenta que,

como as resenhas estão cada vez mais presentes on-line, pode haver mais espaço para críticas atualizadas e interativas. [...] As fronteiras entre diferentes formas de críticas também podem desaparecer ou se tornar menos rígidas com o advento dos blogs literários³⁷ (PALOPOSKI, 2012, p. 188).

É, então, nesse cenário que as resenhas do *BookTube* se localizam. Assim, podemos associá-las diretamente à questão do mercado literário e dos polissistemas defendidos por Lefevere ([1992] 2007) e Even-Zohar ([1990] 2013), respectivamente, ao que foi apresentado por Gold (2020) sobre o *BookTube* ser “o local perfeito para entidades comerciais relacionadas a livros e a leitura venderem diretamente para seu cliente ideal:

³⁶ Apesar de a tradução de Claudia Matos Seligmann (2007) para “patronage” ser oficialmente “mecenato”, ela foi problematizada por Cristina Rodrigues Carneiro (2011) em uma resenha crítica desse texto traduzido, na qual a autora afirma que a melhor tradução para esse termo seria “patronagem”. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/20328>. Acesso em: 30 jul. 2020.

³⁷ “As reviewing is increasingly on-line, there may be more space for up-to-date, interactive criticism.[...] The boundaries between different ways of reviewing may also disappear or become less rigid with the advent of literary blogs” (PALOPOSKI, 2012, p. 188).

consumidores entusiasmados de livros³⁸” (GOLD, 2020, p. 119). Diante disso, temos a presença das editoras que utilizam esse meio para divulgarem seus produtos para o público consumidor.

Portanto, é dentro do sistema literário já estabelecido que “os diferentes agentes – críticos, leitores, autores, tradutores, acadêmicos – podem se envolver em uma interação mais aberta”³⁹ (PALOPOSKI, 2012, p. 189). Ou seja, os novos “membros” desse sistema vão caminhar juntamente com os agentes já conhecidos. Essa interação, como percebemos com a inserção do *BookTube* na academia discutida no tópico anterior, pode inclusive modificar o que conhecemos atualmente como sistema literário.

1.3 As mídias digitais

Este trabalho é permeado por questões envolvendo as mídias digitais. É importante, mesmo que brevemente, levantarmos alguns pontos que perpassam as análises do nosso objeto de pesquisa, já que está situado nesse meio. Podemos afirmar, assim, que qualquer estudo que envolve o ambiente *online* está em constante mudança e construção, portanto, todas as considerações aqui feitas acerca das redes sociais, em especial, o *BookTube*, são passíveis de readequações.

Primeiramente, precisamos considerar que as redes sociais são um “conjunto de atores e suas relações”, que “são baseadas em premissas, desenvolvidas por teóricos referenciados por uma ou por outra abordagem” (RECUERO, 2009, p. 69). Além disso, deve-se ter em mente que nem todas as análises e estudos são quantitativos — isso sempre vai depender dos objetivos do trabalho. Nesse sentido, de acordo com as autoras do livro *Métodos de Pesquisa Para Internet* (2012),

a internet constitui uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação, que requerem que os cientistas sociais voltem a fabricar suas próprias lentes, procurando instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 13-14).

Com isso, deparamo-nos com múltiplas possibilidades de se explorar e estudar o que achamos nos meios digitais. Dessa forma, as escolhas feitas neste trabalho

³⁸ “[...] perfect place for commercial entities related to books and reading to market directly to their ideal customer: enthusiastic consumers of books” (GOLD, 2020, p. 119).

³⁹ “The different agents – critics, readers, authors, translators, scholars – may engage in a more open interaction” (PALOPOSKI, 2012, p. 189).

perpassam os estudos teóricos de tradução, mas também dependem do que for encontrado como resultado no ambiente *online*. Por isso, entendemos que

a internet pode ser tanto objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto) (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 17).

Neste trabalho temos essas três possibilidades caminhando juntas. Ao mesmo tempo em que o *BookTube* é nosso objeto de estudo, é também o ambiente no qual buscamos analisar referências aos tradutores dos livros resenhados e, por consequência, os nossos dados coletados partirão das considerações obtidas nesse ambiente.

É importante ressaltar que entendemos o *YouTube* — e, por conseguinte, o *BookTube* — como uma rede social, pois ela possibilita a construção de uma comunidade com gostos em comum, permitindo a divulgação de informações e a interação entre diversas pessoas a partir de determinado canal e de seus vídeos postados, com base em uma plataforma “privada”, na qual os inscritos também precisam ter uma conta na rede para interagirem com o que estão consumindo. Nesse âmbito, em artigo publicado em 2012, Raquel Recuero faz algumas considerações pertinentes em relação às redes sociais e à possibilidade de elas se tornarem “suportes para a difusão de informação” (RECUERO, 2012, p. 5). Para ela, “a permanência dessas conexões faz com que mais gente tenha acesso a informação, pois há naturalmente mais caminhos por onde a informação pode circular” (RECUERO, 2012, p. 6). Por isso, tudo aquilo que circula no *YouTube*, por exemplo, pode ser acessado e assistido por milhares de pessoas e as informações divulgadas rapidamente influenciam um grupo como um todo, podendo ter impactos massivos. Reconhecemos esse impacto como umas das principais razões para a escolha da discussão deste trabalho, uma vez que, com o acesso exponencial a esses vídeos, a consideração pela visibilidade ou invisibilidade dos tradutores é ainda mais importante para a identidade desses profissionais.

Recuero (2012) também detalha as redes sociais afirmando que quando as informações que circulam na rede conseguem impactar a decisão de diversos indivíduos e, possivelmente alterar o comportamento em massa, há uma epidemia. Esse movimento de “cascata”⁴⁰ gera uma imitação que “[evidencia] o potencial informativo dessas redes, uma vez que o coletivo funciona como um meio capaz de difundir rapidamente e

⁴⁰ Recuero (2012) cita Kleinberg e Easley (2010) como autores da terminologia.

globalmente uma determinada informação” (RECUERO, 2012, p. 8). Assim sendo, o poder de influenciar estabelecido pelos produtores de conteúdo *online* já era evidenciado pela autora na época da publicação. Essa capacidade de difundir informações é visível nos canais de *BookTube*, uma vez que o objetivo desses canais, além da divulgação de suas opiniões sobre os livros, é servir como meios de promoção e “influência” de qual texto ler e consumir. Ainda segundo Recuero (2012), essas cascatas competem com os meios tradicionais, gerando práticas jornalísticas diferentes, evidenciadas aqui pelo novo formato de resenhas literárias nos canais do *YouTube*. A autora completa afirmando que “as cascatas também podem influenciar negativamente a circulação de informação, na medida em que podem dar mais visibilidade para determinados tipos e menor para outros que podem ser considerados mais relevantes” (RECUERO, 2012, p. 8).

Assim, podemos interpretar essa questão apontada pela autora a partir da ótica que buscamos neste trabalho, ou seja, entender como as redes sociais podem influenciar negativamente a circulação de informação, o que nos permite questionar como essa influência pode causar problematizações na visibilidade de tradutores, cujos materiais e textos traduzidos são discutidos por esses *BookTubers*. Entretanto, visto que a autora aponta que as redes permitem trazer mais visibilidade e acesso às informações – o que compreendemos como sendo o objetivo desses meios, ao funcionarem como difusores de informações –, acreditamos que elas são parte essencial do processo de visibilização de profissionais que pouco são reconhecidos ou lembrados, como é o caso dos tradutores.

1.4 Metodologia utilizada

Esta pesquisa, em seu caráter qualitativo, pode ser considerada uma netnografia, isto é, um estudo etnográfico voltado para o ambiente digital. De acordo com Kulavuz-onal e Vásquez (2013),

[e]ssas comunidades online abrem oportunidades para os pesquisadores estudarem novos tipos de grupos de construção e compartilhamento de cultura, o que exige uma adaptação do trabalho etnográfico pessoal de campo. De acordo com a metodologia netnográfica, todos os procedimentos de coleta de dados ocorrem inteiramente on-line⁴¹ (KULAVUZ-ONAL; VÁSQUEZ, 2013, p. 224).

⁴¹ “These online communities open up opportunities for researchers to study new types of culture-building and culture-sharing groups, which calls for an adaptation of in-person ethnographic fieldwork. In accordance with netnographic methodology, all the data collection procedures took place entirely online” (KULAVUZ-ONAL; VÁSQUEZ, 2013, p. 224).

Ou seja, para ser considerada uma etnografia virtual, é necessário que a pesquisa ocorra inteiramente no ambiente digital – o objeto de análise deve estar situado no digital e, mais do que isso, ter sua maior presença no *online*. Assim, considerando que o principal objeto deste estudo é o *YouTube*, plataforma de publicação de vídeos inteiramente *online*, valemo-nos da netnografia. Em linhas gerais e em comparação à etnografia, isso quer dizer que “todas as pesquisas netnográficas [são] conduzidas inteiramente *online* por meio de tecnologias mediadas por computador porque a comunidade sob investigação existe completamente *online*”⁴² (KULAVUZ-ONAL; VÁSQUEZ, 2013, p. 227). Ademais, embora os dados da netnografia consistam em sua maioria de textos (e-mails, publicações em redes sociais etc.), a tecnologia permite que outros tipos dados multimodais também sejam estudados como vídeos, gravações, ou imagens – o que é o caso deste trabalho que tem como foco o *YouTube* (KULAVUZ-ONAL; VÁSQUEZ, 2013, p. 227).

Logo, como a presente pesquisa consiste em analisar canais de *YouTube* que são voltados para o conteúdo literário, ou seja, canais que fazem parte da comunidade *BookTube*, a pesquisa se restringe ao ambiente dessa plataforma, apesar de os realizadores dos vídeos também terem outras redes sociais, as quais utilizam para divulgar seu trabalho como o *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* etc.

De todo modo, tendo em conta que pesquisas (n)etnográficas são baseadas em observação participativa, é necessário que se estabeleça um papel de participante nessa comunidade, embora isso possa mudar de acordo com a comunidade (DEWALT; DEWALT *apud* KULAVUZ-ONAL; VÁSQUEZ, 2013 p. 229). No caso deste estudo, a observação se dará de modo anônimo, portanto é uma não participação. A esse respeito, pontuamos que a “[...] não participação ocorre quando o pesquisador aprende sobre a cultura fora do ambiente da pesquisa, por meio de mídia, documentos ou ficção [...]”⁴³ (KULAVUZ-ONAL; VÁSQUEZ, 2013, p. 228), como ocorreu nesta dissertação, já que a observação dos vídeos aconteceu de forma não identificada uma vez que qualquer

⁴² “According to Kozinets, what differs from in-person ethnography is the fact that all research in netnography is conducted entirely online through computer-mediated technologies, because the community under investigation exists completely online” (KULAVUZ-ONAL; VÁSQUEZ, 2013, p. 227).

⁴³ “Nonparticipation occurs when the researcher learns about the culture outside the research setting, through media, documents or fiction [...]” (KULAVUZ-ONAL; VÁSQUEZ, 2013, p. 228).

pessoa pode ter acesso aos canais⁴⁴ aqui analisados. Dessa forma, não houve a necessidade de nos inserirmos diretamente na comunidade virtual estudada.

Para além disso, sabemos que o ambiente digital promove uma infinidade de caminhos e possíveis estudos, sendo não apenas um suporte teórico, mas também um local para que pesquisas sejam realizadas. Segundo Uwe Flick (2009), a maioria dos estudos realizados na internet são quantitativos, no entanto, muitos pesquisadores começaram a transferir a abordagem qualitativa para a pesquisa *online*: enquanto a quantitativa se direciona à análise de números, a qualitativa prevê a expansão na internet e a análise de textos e das interações entre os usuários. Em tudo isso, a internet se torna o meio pelo qual os dados são coletados e analisados. Desse modo, a análise no *online* é crucial para discutir os aspectos da não-menção do nome do tradutor e suas consequências para o profissional, levando em conta o tratamento dado ao tradutor e a importância que lhe é conferida.

Salientamos também a triangulação de dados desse estudo – que combina o quantitativo e o qualitativo – na coleta e análise dos dados. Para isso, o *YouTube* foi escolhido como o ponto de partida, sendo uma plataforma em que encontramos milhares de vídeos sobre diversos assuntos e que,

[e]mbora muitas mídias sociais tenham se mostrado efêmeras, [...] continua a se expandir rapidamente, [tornando-se] o segundo site mais visitado do mundo. Assim, estabeleceu um papel único como repositório da cultura popular, criando um arquivo diacrônico ao longo do tempo e expandindo de forma síncrona seu escopo⁴⁵ (ARTHURS; DRAKOPOULOU; GANDINI, 2018, p. 3).

O acesso a canais em seu repositório permite que estudos mais profundos sejam realizados – que levem em conta desde o conteúdo dos vídeos até os status do canal, que abrange: o número de inscritos, as visualizações e o alcance de público. Em um panorama histórico das pesquisas realizadas nessa plataforma, Arthurs, Drakopoulou e Gandini (2018, p. 4) definiram esses estudos em dois processos, a fase inicial que focava mais no papel da plataforma na circulação de materiais audiovisuais culturais criados por usuários, e pesquisas mais atuais, que focam no campo multidisciplinar de estudos que

⁴⁴ Salvo os canais com restrição de conteúdo (como por idade), que exigem acesso a uma conta no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/policies/#community-guidelines>. Acesso em: 21 Mar. 2021.

⁴⁵ “While many social media proved to be ephemeral, YouTube continues to rapidly expand and has become the second most visited website in the world. It has thereby established a unique role as a repository of popular culture, creating a diachronic archive over time as well as synchronically expanding in its scope” (ARTHURS, DRAKOPOULOU; GANDINI, 2018, p. 3).

lidam com a cultura digital em um conceito mais amplo. Nesse sentido, assuntos como política, consumo de música, letramento digital etc. passaram a fazer parte dos estudos envolvendo a plataforma.

No que diz respeito mais especificamente a esta dissertação, para a análise de vídeos selecionamos canais de *YouTubers* que se propõem a falar sobre livros e assuntos relacionados à literatura. Tais canais, como já explicitado, são parte do que foi autodenominado *BookTube*. Por isso, partimos do pressuposto de que o ambiente digital possibilita que muitas pessoas compartilhem ideias e opiniões, em formato de texto ou vídeo, de uma maneira um pouco mais acessível ao público – o que possibilita que resenhas de livros (traduzidos ou não) circulem no meio digital, se tornando cada vez mais frequentes e consolidando um mercado influente e importante mundialmente. Nas análises dos canais de *BookTube*, o nome do canal (e consequentemente do *BookTuber*) consta no trabalho, uma vez que os vídeos estão públicos⁴⁶.

Levantamos alguns vídeos de nove canais de *BookTubers* brasileiras⁴⁷, que foram selecionados a partir do critério de relevância (visualizações e engajamento com o público) e do número de inscritos (canais com mais ou aproximadamente 100 mil inscritos). Observamos então, em uma seleção de vídeos descrita nos anexos, se o tradutor (ou a tradução) de tais livros é mencionado, comentado ou apresentado – até mesmo de forma indireta. Para tanto, selecionamos as informações mais relevantes – ou seja, aqueles vídeos em que a tradução é mencionada – para destrincharmos-las no capítulo três.

Para compor nosso *corpus*, foram considerados duzentos e setenta vídeos na análise quantitativa dos nove canais selecionados. Dentre eles, separamos trinta vídeos de cada canal. Ressaltamos que os vídeos nos quais a tradução não é mencionada foram descartados na análise detalhada, sendo somente considerados em nossos dados quantitativos para a formulação dos gráficos que buscam entender a quantidade de vídeos em que a tradução aparece ou não. Desses trinta vídeos por canal, foram considerados os quinze primeiros vídeos desses nove canais (a contar da data da primeira publicação de cada canal) e os quinze vídeos mais recentes (postados até 31 de dezembro de 2019). Optamos por essa organização para constatar se a passagem do tempo teve alguma influência nas *BookTubers*, isto é, se houve alguma mudança desde o início dos canais

⁴⁶ Ressalto que todos esses pontos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da Universidade Estadual de Campinas, no protocolo (CAAE): 17482119.1.0000.8142.

⁴⁷ Quando nos referenciamos às *BookTubers* dos canais analisados, optamos por fazer a concordância no feminino, pois há somente um canal de um *BookTuber* homem.

até o ano de 2019, e se há alguma diferença no modo como a abordagem da tradução era feita no início dos canais em relação aos vídeos mais atuais de cada um.

Os vídeos possuem durações variadas – algumas *BookTubers* (Tatiana Feltrin e Isabella Lubrano, por exemplo) exploram os livros mais a fundo e, portanto, os vídeos são mais longos, em torno de vinte a trinta minutos. Outros fazem resenhas mais diretas, com vídeos de dez a quinze minutos em média, apontando geralmente sua opinião pessoal sobre o conteúdo do livro (em canais como o do Victor Almeida e o da Juliana Cirqueira). Essa diferença no tempo não implica que alguns canais sejam melhores que outros, mas, conforme reflexões mais substanciais apresentadas no terceiro capítulo, caracteriza cada um e os diferencia na esfera do *BookTube*.

A análise será feita seguindo a estrutura:

Total de canais	9
Vídeos recentes analisados por canal	15
Vídeos antigos analisados por canal	15
Total de vídeos por canal	30
Total de vídeos recentes	135
Total de vídeos antigos	135
Total de vídeos analisados	270

Quadro 1: quantidade de vídeos considerados

Fonte: elaboração nossa

Desses vídeos, demos preferência àqueles que são resenhas de livros traduzidos para o português, como mencionamos desde a introdução. Analisamos, portanto, os comentários e os trechos nos quais a tradução ou os tradutores são citados e de que forma isso ocorre. Em tempo, ressaltamos que o formato dos vídeos que analisamos são um tipo de “[v]ídeo dedicado a avaliar um livro lido. Pode ou não conter spoilers, o que é indicado pelo BookTuber no título, ou no próprio vídeo” (SILVA, 2016, p. 12). Todos os dados referentes aos canais apresentados neste quadro foram colhidos em 23 de março de 2020.

<i>BookTuber</i>	Número de inscritos	Número de vídeos no canal	Data de inscrição no YouTube
Bel Rodrigues ⁴⁸	758 mil inscritos	434 vídeos	5 de jun. de 2013
Tatiana Feltrin ⁴⁹	390 mil inscritos	963 vídeos	23 de set. de 2007

⁴⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/alguminfinito>.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin>.

<i>BookTuber</i>	Número de inscritos	Número de vídeos no canal	Data de inscrição no YouTube
Ler antes de morrer (Isabella Lubrano) ⁵⁰	398 mil inscritos	545 vídeos	5 de mai. de 2014
Pam Gonçalves ⁵¹	297 mil inscritos	634 vídeos	21 de jul. de 2012
Paola Aleksandra ⁵²	221 mil inscritos	576 vídeos	5 de jul. de 2011
Juliana Cirqueira ⁵³	217 mil inscritos	701 vídeos	23 de ago. de 2013
Beatriz Paludetto ⁵⁴	127 mil inscritos	357 vídeos	4 de mai. de 2008
Literature-se (Mellory Ferraz) ⁵⁵	127 mil inscritos	773 vídeos	16 de jul. de 2010
Geek Freak (Victor Almeida) ⁵⁶	115 mil inscritos	548 vídeos	10 de jul. de 2014

Quadro 2: canais considerados

Fonte: elaboração nossa

As análises detalhadas foram feitas somente dos vídeos em que aparecem referências aos tradutores ou à tradução dos livros resenhados, a partir dos seguintes critérios:

- i) referência à tradução ou ao tradutor (por exemplo, o resenhista cita o nome de quem traduziu o livro);
- ii) maneira como a tradução aparece no vídeo (por exemplo, nome do tradutor na tela ou apenas no comentário);
- iii) crítica do resenhista (por exemplo, menção à tradução de forma positiva ou negativa).

Essas análises serão consideradas para nossos dados quantitativos, isto é, quantas vezes a tradução é citada no vídeo e em quantos vídeos isso acontece ou não. Para podermos chegar a esses resultados, foi feito um cálculo por meio de gráficos que explicitam numericamente os dados. Já no que se refere aos dados qualitativos, foi observado como é realizada essa menção e se ela é positiva ou negativa para os tradutores.

Ademais, o capítulo de análise das resenhas foi dividido em sete partes: 1) críticas à tradução; 2) textos canônicos; 3) tradutores famosos; 4) elogios à tradução; 5) resenhas de outros tipos de traduções; 6) nome na tela; 7) tradução nos comentários. Dentro dessas partes, tópicos mais específicos sobre essas reflexões foram necessários para o melhor entendimento das discussões. Essa divisão buscou facilitar a separação dos

⁵⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCTubbc8ei3JfOBbicSJYPfQ/>.

⁵¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/TvGarotait>.

⁵² Disponível em: <https://www.youtube.com/user/LivroseFuxicos>.

⁵³ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/NuvemLiteraria>.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/beatriz290>.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/croissantparisiense>.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/thegeekfreakTV>.

comentários acerca das menções à tradução. Classificando-as dessa maneira, conseguimos dissertar sobre os casos, apresentando teorias da tradução além de reflexões pessoais acerca dos dados recolhidos.

CAPÍTULO DOIS

Os estudos sobre os profissionais da tradução estão cada vez mais presentes na academia e discussões sobre o papel que eles exercem passaram a ser mais frequentes entre os teóricos da tradução. Essas reflexões mostram que existem pessoas com uma história, cultura e ponto de vista por trás dos textos traduzidos. Nesse sentido, de acordo com Andrew Chesterman (2009), como nem toda pesquisa na área de tradução tem como objetivo analisar a figura que está à margem do texto, os estudos do tradutor têm como propósito explorar esse lado das discussões presentes nessa linha da tradução (CHESTERMAN, 2009, p. 13-14).

Com o crescimento dessa vertente, o novo campo que foca no tradutor como profissional parte de uma perspectiva sociológica e

[...] cobre questões como o status dos (diferentes tipos) tradutores em diferentes culturas, taxas de remuneração, condições de trabalho, modelos e o *habitus* do tradutor, organizações profissionais, sistema de credenciamento, redes de tradutores, direitos autorais etc.⁵⁷ (CHESTERMAN, 2009, p. 16).

Dessa forma, o foco das pesquisas acadêmicas passa a ir além da tradução como prática, deixando de priorizar somente o texto e o processo tradutório, mas evidenciando os agentes envolvidos na tradução, suas atividades, suas atitudes e sua interação com o ambiente social ou sua história e influência (CHESTERMAN, 2009).

2.1 A Invisibilidade do tradutor por Venuti

Considerando o que já foi mencionado sobre esses estudos dos tradutores, Lawrence Venuti, em 1995, trouxe à tona discussões acerca da visibilidade do tradutor, afirmando que o profissional é pouco reconhecido na cultura anglo-americana, o que, de alguma forma, também pode ser aplicado ao contexto brasileiro. O autor separa esse aspecto em dois fenômenos: um deles é a forma como o tradutor manipula o texto e o outro, a maneira como as práticas de leitura e a avaliação de traduções têm acontecido. Em relação à forma como o tradutor manipula o texto, Venuti (1995a) aponta que a tradução melhor aceita pela maioria das editoras, dos resenhistas e dos leitores é aquela

⁵⁷ “The sociology of translators covers such issues as the status of (different kinds of) translators in different cultures, rates of pay, working conditions, role models and the translator’s *habitus*, professional organizations, accreditation systems, translators’ networks, copyright, and so on” (CHESTERMAN, 2009, p. 16).

que é lida “fluentemente”, ou seja, que não apresenta peculiaridades linguísticas, como se o texto não fosse uma tradução, mas, sim, o “original” (VENUTI, 1995a).

Assim sendo, temos então duas posições de invisibilidade: a textual ou a estética. A primeira possível ocorrência pode estar relacionada com a não-presença do tradutor no texto – por exemplo, quando o autor se esconde através da domesticação do texto de origem. Por outro lado, pode ser uma invisibilidade socioeconômica – isto é, a forma como os leitores enxergam o texto traduzido e o tradutor – que determina, em consequência, o baixo *status* cultural e econômico da tradução. Ainda sobre esse conceito, o autor afirma que

[e]sse termo, um tanto melodramático refere-se a dois fenômenos inter-relacionados; um diz respeito à reação do leitor às traduções, o outro ao critério segundo o qual elas são produzidas e avaliadas. Por um lado, os leitores geralmente encaram a tradução de um texto estrangeiro, seja em prosa ou poesia, como se este houvesse sido originariamente escrito em sua língua, como se não fosse, de fato, uma tradução (VENUTI, 1995a, p. 111).

Por isso, ao considerar a segunda frente apontada por Venuti (1995a) – a invisibilidade socioeconômica –, toma-se como ponto de partida o tradutor como um sujeito de uma sociedade. Nesse sentido, como parte do meio, esse profissional passa a ser muito mais do que a sua tradução e a sua não-presença acarreta um apagamento significativo da identidade desse indivíduo. Dito isso, questionar até que ponto esse tradutor se faz presente nos meios nos quais seu trabalho circula é essencial para entender a natureza dessa invisibilidade. É compreensível, no entanto, a não-dissociação das duas considerações acerca dessas características elencadas por Venuti (1995a), já que a invisibilidade textual é tão significativa quanto a não-menção do nome do tradutor e ambas exercem uma relação de causa-consequência e de dependência uma sobre a outra.

Desse modo, a discussão apontada por Venuti (1995) é centrada em como a hegemonia anglo-americana domina a nossa sociedade e em como a língua inglesa se tornou um elemento de status em meio a tantas outras culturas e línguas. A partir desse ponto, o autor conclui que nas breves menções feitas às traduções em jornais, revistas e periódicos, os comentários focam no estilo – deixando de mencionar o público-alvo da tradução, o valor socioeconômico, a posição no mercado literário, o significado daquela tradução etc. (VENUTI, 1995). Segundo Venuti, a tradução é desvalorizada e esquecida, pois o consumo de literatura em língua inglesa ainda se destaca dentre outras literaturas traduzidas. Essa discussão é relevante para a nossa pesquisa, pois, apesar de a visão do

autor partir do cenário estadunidense, no Brasil a literatura estrangeira (e em especial a de língua inglesa) é bastante consumida pelo público em geral⁵⁸.

Assim sendo, quando pensamos nas resenhas de livros traduzidos para o português, temos um resultado semelhante ao encontrado por Venuti (1995a), mas acreditamos que isso se dê por motivos diferentes. No Brasil, o que acaba acontecendo é uma relação de dependência das literaturas maiores e centrais em relação às periféricas e menores. Por esse motivo, as literaturas dominantes acabam adotando as literaturas periféricas como apenas mais uma opção – por meio de suas traduções, como Venuti (1995b) aponta – já as literaturas consideradas menos influentes dependem diretamente da importação da estrangeira. Dessa forma, “[...] a tradução deixa de ser um fenômeno cuja natureza e fronteiras são definitivamente percebidas, para se tornar uma atividade dependente das relações dentro de um dado sistema cultural” (EVEN-ZOHAR, [1990] 2012, p. 7).

O fato de a literatura traduzida ser vista com relevância no Brasil – e em outros países – faz com que a sua tradução seja considerada necessária, mas, ainda assim, pouco reconhecida. Com isso, os livros estrangeiros são lidos como se fossem originais e a tradução passa despercebida entre os críticos, resenhistas e leitores. Isso será abordado com mais ênfase em nosso capítulo de análise de resenhas literárias.

Pensando, então, nas questões levantadas por Venuti, passamos agora para reflexões voltadas a como a (in)visibilidade pode se manifestar. Tendo como base o texto de Şehnaz Tahir Gürçağlar (2018), *The Translator As a Subject*, tomamos como ponto de partida a separação feita por Gideon Toury (1995), teórico dos estudos descritivos de tradução, que classifica as normas de tradução⁵⁹ entre textual e extratextual. Essas duas classificações podem ser utilizadas para reconstruir as normas de tradução. As fontes textuais englobam as traduções propriamente ditas, enquanto as fontes extratextuais são declarações de tradutores, editoras e editores, revisores, além de avaliações críticas de traduções e entre outros fatores envolvidos nesse processo (TOURY, 2012).

⁵⁸ De acordo com o poeta Rogério Fernandes Lemes, em entrevista para o jornal O Progresso, “[...] o brasileiro consome muito a literatura estrangeira simplesmente pela falta de interesse em conhecer o próprio Brasil”. Ele salienta também que “grandes distribuidoras de livros no País ainda reproduzem uma prática de séculos passados, que é a importação de literatura estrangeira [...]”. Disponível em: <https://www.progresso.com.br/variedades/bebes-e-criancas/brasileiro-consome-muito-a-literatura-estrangeira-pela-falta-de-interesse-em-conhecer-o-proprio-brasil/346216/>. Acesso em: 9 de junho de 2020.

⁵⁹ A tradução é uma atividade que envolve, pelo menos, duas línguas e duas culturas, ou seja, dois conjuntos de sistemas. Assim, os tradutores se sujeitam às normas do texto original e às normas da cultura de chegada. Essa atividade tradutória é constituída por uma série de normas de tradução que seriam padrões descritivos dos processos de tradução (TOURY, 1995).

No entanto, segundo Gürçağlar (2018, p. 525),

[e]mbora Toury sugira que as normas sejam diretamente acessíveis nos textos traduzidos, ele tem menos certeza sobre a confiabilidade das informações provenientes de material extratextual e argumenta que as declarações dos tradutores podem ser tendenciosas e enganosas, como uma propaganda ou uma persuasão, se não completamente fraudulenta [...]. Toury sugere que essas fontes ainda devem ser levadas em consideração, mas nunca aceitas pelo valor de face [...]⁶⁰.

Para Toury, os materiais extratextuais têm uma importância inferior ao texto traduzido. No entanto, neste trabalho, argumentamos sobre a importância de se considerar esses elementos e salientamos sua influência na visibilidade do profissional da tradução. Nesse sentido, a autora finlandesa Kaisa Koskinen (2000), a partir das categorizações antes apontadas por autores como Toury (1995, 2012), reformula a visibilidade do tradutor em três vertentes: textual, paratextual e extratextual.

A visibilidade textual está relacionada ao texto traduzido diretamente. É a forma como o tradutor se faz presente no texto e na tradução, mas a autora aponta que é impossível que tal profissional seja completamente invisível – de alguma forma a sua presença no texto será marcada. Essa definição, portanto, não é uma dicotomia, mas uma forma de efeito ilusório da presença autoral (KOSKINEN, 2000, p. 99). Há também a visibilidade paratextual, que se refere ao trabalho do tradutor nas margens do texto, isto é, sua assinatura ou ao menos a indicação de que texto é uma tradução. Prefácios e posfácios dos tradutores também são uma forma de visibilidade – nos quais eles podem explicar suas estratégias de tradução para os leitores⁶¹ (KOSKINEN, 2000). Já a visibilidade extratextual, de acordo com Koskinen (KOSKINEN, 2000, p. 99),

[...] está mais diretamente relacionada ao status social da tradução, além da proximidade imediata do texto traduzido. A popularidade da noção de visibilidade atuou como um catalisador de vários esforços visando aumentar a publicidade da profissão. Diferente de outras formas de visibilidade, as demandas por visibilidade extratextual não são direcionadas primariamente ao próprio tradutor, mas a outras pessoas que lidam com traduções. Seguindo a lógica da visibilidade paratextual, as demandas variaram entre a exigência de que o nome do tradutor seja mencionado no material publicitário do editor, até debates sobre a

⁶⁰ “While Toury suggests that norms are directly accessible in the translated texts, he is less sure about the reliability of information coming from extratextual material and argues that statements by translators may be biased and may have misleading motives, such as propaganda or persuasion, if not downright deception[...]. Toury suggests that such sources should still be taken into consideration, but should never be accepted at face value [...]” (GÜRÇAĞLAR, 2018, p. 525).

⁶¹ Retomaremos a (in)visibilidade paratextual no capítulo de análise das vídeo-resenhas de livros traduzidos.

necessidade de incluir críticas específicas à tradução nas resenhas de jornais de livros traduzidos⁶².

Com o que é falado por Koskinen (2000) e a teoria da invisibilidade de Venuti (1995b), podemos entender e questionar como o profissional da tradução é visto e visibilizado no meio social. Essa problemática, portanto, vai além do texto e se constrói a partir de elementos extratextuais, seja com a editora ou a partir de entrevistas, resenhas ou críticas literárias.

Cabe ressaltar que o foco em prefácios e posfácios no nível paratextual, assim como as questões envolvendo a visibilidade extratextual indicam que essas discussões se concentram na tradução literária e, conseqüentemente, essa característica não é viável ao nível dos textos técnicos, folhetos, manuais etc. Contudo, apesar “[...] [d]essas definições de visibilidade se referirem ao campo da tradução literária, a noção como tal pode de fato ser extremamente útil quando adaptada às particularidades de cada cenário”⁶³ (KOSKINEN, 2000, p. 99-100). Voltando às considerações sobre os elementos extratextuais, podemos relacionar as categorias elencadas por Koskinen (2000) ao que Jeremy Munday (2016) discute no livro *Introducing Translation Studies*. O autor afirma que não há um modelo específico de análise de resenhas de traduções. Ele cita o conceito de paratexto de Gérard Genette ([1987] 2009), que se divide em peritextos e epitextos. Segundo o autor, “[...] para nós o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (GENETTE, [1987] 2009, p. 9).

Para o teórico, tudo que é “[...] de fonte autoral ou editorial, figura no peritexto ântumo, como o título ou o prefácio original; ou ainda os comentários assinados pelo autor numa obra pela qual é o total responsável [...]” (GENETTE, [1987] 2009, p. 16). Ou seja, o peritexto aparece no mesmo local do texto, isto é, em títulos, subtítulos, dedicatórias, prefácios, epílogos, capas de livros etc. Já o epitexto é

[t]odo elemento paratextual que não se encontra anexado materialmente ao texto no mesmo volume, mas que circula de algum modo ao ar livre,

⁶² “[...] is most closely related to the social status of translation outside and beyond the immediate vicinity of the translated text. The popularity of the notion of visibility has acted as a catalyst to various efforts aiming at increased publicity for the profession. Different from other forms of visibility, demands for extratextual visibility are not primarily directed at translator themselves but at others dealing with translations. Following the logic of paratextual visibility, the demands have ranged from the requirement that the name of the translator be mentioned in publisher’s publicity material to debates on the need to include specific translation criticism in newspaper reviews of translated books” (KOSKINEN, 2000, p. 99).

⁶³ “But even though these definitions of visibility have referred to the field of literary translation, the notion as such might in fact prove extremely useful when adapted to the particularities of each setting” (KOSKINEN, 2000, p. 99-100).

num espaço físico e social virtualmente ilimitado. O lugar do epitexto é, pois *anywhere out of the book*, em qualquer lugar for a do livro [...] (GENETTE, ([1987] 2009, p. 303).

Eles seriam, então, os materiais promocionais divulgados possivelmente pela editora – resenhas, críticas, entrevistas etc. – e que também podem ser encontrados no *BookTube*, por exemplo, uma vez que esses canais são utilizados como meio de divulgações por editoras, livrarias e até autores independentes. Assim, de acordo com Genette ([1987] 2009, p. 17), o paratexto é “subordinado” ao texto e, para Munday, ele é crucial no processo de leitura. Por exemplo, um leitor que encontra primeiro a resenha de um livro lerá o texto com certas pré-concepções baseadas naquele epitexto”⁶⁴ (MUNDAY, 2016, p. 242).

Nossa discussão sobre as resenhas de livros traduzidos, portanto, apoia-se nas questões envolvendo os elementos extratextuais e os epitextos. Considerando tal abordagem, Munday (2016) exprime, a partir de um exemplo de um estudo de caso, a relação da invisibilidade do tradutor em uma resenha de literatura traduzida. Esse estudo se fundamentará, em partes, nesse exemplo do autor para construir as análises das resenhas no próximo capítulo deste trabalho.

O autor dá ênfase aos epitextos e peritextos, no entanto, focaremos nas questões envolvendo os epitextos que estão diretamente relacionadas à nossa discussão neste trabalho. No estudo de caso foi feita uma análise da tradução para o inglês de uma coleção de contos do autor colombiano Gabriel Garcia Márquez (*Doce Cuentos Peregrinos*), publicado em 1992, com sua tradução para o inglês publicada em 1993. As questões abordadas nesse exemplo foram: 1) quão visível o tradutor foi nessas resenhas?; 2) como o tradutor foi julgado por resenhistas falantes de inglês?; 3) os seus comentários sugerem que o sucesso de Garcia Márquez (1992) é devido ao que Venuti (1995b) chama de domesticação etnocêntrica e violência?⁶⁵ (MUNDAY, 2016, p. 243).

No exemplo, são analisadas as diferentes recepções do livro nos Estados Unidos e no Reino Unido. Assim, na maioria das resenhas “[o] livro é quase esquecido como uma obra de tradução e isso apoia a alegação de Venuti (1995b) sobre a

⁶⁴ “For example, a reader who first encounters a review of a book will approach the text itself with certain preconceptions based on that epitext” (MUNDAY, 2016, p. 242).

⁶⁵ A violência e a domesticação etnocêntrica são intervenções culturais estratégica dos Estados falantes de inglês em relação às nações com culturas menos influentes, estabelecendo uma relação desigual (VENUTI, 1995).

invisibilidade dos tradutores”⁶⁶ (MUNDAY, 2016, p. 243). Além disso, em muitos momentos, as traduções são entendidas e interpretadas pelos resenhistas como se fossem palavras do autor. Assim sendo, o tradutor e o resenhista travam uma batalha que o tradutor dificilmente ganhará, uma vez que apesar de muitas vezes o papel do tradutor não ser “invisível”, ele é raramente é destacado ou elogiado. Por esse motivo, o texto traduzido é, na maior parte das vezes, tratado como se tivesse sido escrito originalmente na língua em que está sendo lido, mesmo depois da tradução.

Esse estudo de caso das resenhas do livro de Garcia Márquez (1992), “[...] analisou uma área dos sistemas socioculturais em torno do tradutor [...] [e] mostrou que um estudo de uma ampla gama de avaliações é razoavelmente direto metodologicamente e informativo sobre a reação de uma ‘elite’ literária à tradução”⁶⁷ (MUNDAY, 2016, p. 245). Nesse caso, temos um exemplo claro da teoria de Venuti (1995b) sobre a invisibilidade do tradutor no mercado editorial de língua inglesa e sua hegemonia cultural sobre outras literaturas. No entanto, ressaltamos que a recepção do texto vai muito além de resenhas e críticas, envolvendo também diferentes contextos culturais, assim como diversas relações políticas e ideológicas (MUNDAY, 2016, p. 245).

Para dar continuidade à discussão aqui estabelecida, retornemos ao texto de Venuti (1995a), no qual o teórico conceitua o mesmo questionamento da invisibilidade do tradutor à frente dos críticos e resenhistas:

[o]s tradutores, com raras exceções, são muito pouco conhecidos. Como notou recentemente Ronald Christ⁶⁸, “muitos jornais, como *The Los Angeles Times*, nem ao menos citam os tradutores no cabeçalho das resenhas, os críticos muitas vezes não mencionam que um livro é uma tradução (e citam trechos do texto como se este houvesse sido escrito em inglês) e os editores quase sempre excluem os tradutores das capas e dos anúncios dos livros” (VENUTI, 1995a, p. 112).

É importante evidenciar que, apesar de a publicação de Venuti (1995b) ter mais de duas décadas, a relevância de sua discussão se faz presente ainda hoje. O exemplo que o autor apresenta é notoriamente de um período em que a maior parte das resenhas e das críticas eram publicadas em papel impresso, isto é, antes do avanço tecnológico e das publicações digitais em massa. Essa observação se faz necessária, pois configura o ato de

⁶⁶ “The book is almost overlooked as a work of translation, and this supports Venuti’s claim about the invisibility of translators” (MUNDAY, 2016, p. 243).

⁶⁷ “The case study looked at one area of the sociocultural systems around the translator. It has shown that a study of a wide range of reviews is both reasonably straightforward methodologically and informative about one literary ‘elite’s’ reaction to translation” (MUNDAY, 2016, p. 245).

⁶⁸ CHRIST, Ronald, 'Translation Watch', PEN American Center Newsletter, 53 (1984), p. 8.

invisibilizar a pessoa tradutora a uma condição já confirmada e discutida previamente. Por isso, destacamos a relevância deste estudo, por promover novos olhares sobre esse aspecto, que, atualmente, existe também no ambiente virtual, nas resenhas e críticas de textos traduzidos através de *blogs* e *vlogs*.

2.2 A resenha como paratradução

Pensando nos paratextos, já apontados por Koskinen (2000) e caracterizados por Genette ([1987] 2009), uma outra linha de estudos que podemos destacar é a paratradução. Essa teoria, desenvolvida na Universidade de Vigo na Espanha pelo grupo de pesquisas T&P (Tradução e Paratradução), complementa a de Genette ([1987] 2009) ao pontuar que

a noção de "paratradução" foi criada para analisar, desde o início, o espaço e o tempo de tradução de todo paratexto que rodeia, envolve, acompanha, introduz, apresenta e prolonga o texto traduzido para garantir sua existência no mundo editorial, sua recepção e seu consumo não só na forma de livro, mas também sob qualquer outra forma de produção editorial possível na era digital⁶⁹ (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 322).

Nesse sentido, de acordo com Yuste Frías (2015) “a abordagem paratradutiva de nossos estudos de tradução, como os paratextos, podem influenciar bastante a maneira como um novo público percebe uma literatura traduzida [...]”⁷⁰ (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 322). Assim, uma vez que entendemos resenhas de textos traduzidos como paratextos, elas também podem ser consideradas paratraduções, pois

a paratradução lida com tais paratextos, desde títulos e prefácios até os depoimentos dos próprios autores, as notas de rodapé e ilustrações, enquanto na tradução audiovisual e multimídia, a paratradução lida com paratextos que vão desde os próprios peritextos icônicos que compõem as imagens que desfilam na tela aos epitextos icônicos das capas de DVD, passando pelos peritextos sonoros que se ouvem ou leem o texto do roteiro dublado ou legendado, respectivamente⁷¹ (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 325).

⁶⁹ “La noción de «paratraducción» fue creada para analizar, desde un principio, el espacio y el tiempo de traducción de todo paratexto que rodea, envuelve, acompaña, introduce, presenta y prolonga el texto traducido para asegurar en el mundo de la edición su existencia, su recepción y su consumo no solamente bajo la forma de libro sino también bajo cualquier otra forma de producción editorial posible en la era digital” (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 322).

⁷⁰ El enfoque paratraductivo de la traducción estudia cómo los paratextos pueden influir enormemente sobre la manera en que un nuevo público percibe una literatura traducida [...]” (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 322).

⁷¹ “[L]a paratraducción se ocupa de paratextos tales que van desde los títulos y los prefacios hasta los propios testimonios de los autores pasando por las notas a pie y las ilustraciones, mientras que en la traducción audiovisual y multimedia, la paratraducción se ocupa de paratextos que van desde los propios peritextos iconicos que conforman las imagenes que desfilan en pantalla hasta los epitextos iconicos de las

Assim sendo, a paratradução nos textos diz respeito ao que “envolve ou acompanha (os peritextos) e [...] [ao que] faz referência a ele, prolongando-o em outras externalidades físicas e sociais virtualmente ilimitadas (os epitextos)”⁷² (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 322). Um outro ponto reforçado pela Escola de Vigo é que, baseado nos estudos de Genette ([1987] 2009), um texto sem seu paratexto é invisível e não existe no mundo editorial (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 327) A partir disso, vemos as pessoas que fazem essas resenhas como importantes agentes paratradutoras.

Aqui damos destaque aos epitextos, pois, para Genette ([1987] 2009), as resenhas e as críticas literárias pertencem a esse escopo. Entretanto, em alguns momentos, nas próprias resenhas audiovisuais percebemos a existência de peritextos, especialmente quando as *BookTubers* mostram a capa de um livro e, conseqüentemente, em algumas delas os nomes dos tradutores também aparecem.

Reforçando esse argumento, Yuste Frías (2015), a partir dos níveis metodológicos de Alexis Nouss (2011), separou a paratradução em três níveis: o empírico, o sociológico e o discursivo. O nível empírico “estuda os elementos paratextuais, verbais e não verbais (oriundos de códigos semióticos como visuais e auditivos), física ou virtualmente relacionados ao texto a ser traduzido”⁷³ (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 339). No entanto, neste trabalho nos valeremos principalmente dos dois últimos que são os níveis sociológico e o discursivo. O sociológico diz respeito aos agentes, instituições e procedimentos relacionados ao processo de tradução (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 340). Neste caso, podemos relacionar os *BookTubers* em geral como parte desse nível sociológico, uma vez que atuam como agentes, assim como as editoras desses livros, ao falarem desses textos traduzidos e, por consequência, fazerem com que eles tenham uma sobrevida. Já o nível discursivo – também conhecido como nível metatradutivo – estuda os discursos sobre a tradução (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 340). Como o nosso objetivo é justamente entender como as menções à tradução ocorrem nos vídeos das resenhas, a associação dessa proposta ao nível metatradutivo se faz necessária.

caratulas de los DVD, pasando por los peritextos sonoros que se oyen mientras se escucha o se lee el texto del guion doblado o subtítulado, respectivamente” (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 325).

⁷² “[E]nvuelven o acompañan (los peritextos) y, fuera del espacio material del texto, hacen referencia a él prolongándolo en otros espacios externos físicos y sociales virtualmente ilimitados (los epitextos)” (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 322).

⁷³ “[E]studia los elementos paratextuales, verbales y no verbales (provenientes de códigos semióticos como el visual y el auditivo), relacionados física o virtualmente con el texto que hay que traducir” (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 339).

A análise das falas das *BookTubers* pretende entender, então, como os discursos sobre a tradução e as pessoas tradutoras aparecem na sociedade, com destaque para a visibilidade desses profissionais.

Por último, é importante ressaltar que estamos lidando com um público majoritariamente leigo nas questões de tradução. A maioria das *BookTubers* selecionadas não possui conhecimento formal sobre o mercado editorial, pois não é um assunto difundido e de conhecimento acessível a todos. A esse respeito, Yuste Frías (2015) reforça o argumento de que a paratradução possibilita, de maneira transdisciplinar, discussões sobre os outros processos envolvendo a tradução, com destaque aos paratextos e a tudo aquilo que a cerca.

2.3. Resenhas de traduções literárias

Voltando-nos às resenhas literárias, em 1982, Ronald Christ, no artigo *On Not Reviewing Translations: A Critical Exchange*, apresentou cartas trocadas entre ele, editores de jornais e tradutores. Nessas cartas, o assunto em foco era a menção ou não dos trabalhos dos tradutores nas resenhas de livros traduzidos naqueles jornais. Esse artigo é citado por Carol Maier (1990) no texto *Reviewing Latin American Literature in Translation: Time to 'Proceed to the Larger Question'* e por Venuti (1995b) em *The Translator Invisibility*. Maier (1990) afirma que essa troca de cartas documentou dramaticamente a forma como não havia medidas de menção à tradução em jornais⁷⁴.

Além disso o interesse na literatura traduzida e na tradução aumentou e houve um crescimento de pequenas revistas literárias e jornais independentes voltadas a tradução. Maier complementa afirmando que,

[c]omo Christ sugeriu, no entanto, quando enfatizou o que chamou de “qualidade do reconhecimento”, a ausência de resenhas de traduções envolve uma questão maior do que a frequência da menção (23). Por esse motivo, dificilmente será combatido por um aumento da menção à tradução, ou pela adição de um adjetivo ou advérbio, ou mesmo pelo aumento da atenção. Resenhas que são ruins ou “amadoras” – para usar a palavra de Raymond van den Broeck (55) – também constituem uma forma de “não resenhar⁷⁵” (MAIER, 1990, p. 18).

⁷⁴ Um outro exemplo disso foi o *Watchdog Subcommittee* proporcionado pelo *PEN American Center's Translation Committee* na década de 80. Esse comitê escrevia cartas para revistas, editoras e resenhistas que falharam em reconhecer ou não creditaram o tradutor literário em suas resenhas ou publicações (KEELEY, 1990, p. 294 *apud* CONSTANTINE, 2018, p. 99).

⁷⁵ “As Christ suggested, however, when he stressed what he termed the “quality of acknowledgement,” the absence of reviews of translations involves a question larger than one of frequency of mention (23). For this reason, it will hardly be countered by increased nods to the fact of translation, or by the addition of a

Assim, o que foi colocado por Christ (1982) foi interpretado por Maier (1990) como sendo o início do movimento de se tentar visibilizar os tradutores em resenhas e dar reconhecimento ao profissional. No entanto, percebemos que ambos apostaram em uma visibilidade muito mais crítica, dando ênfase à necessidade de o resenhista fazer comentários consistentes acerca da obra traduzida, indo muito além da menção do nome do tradutor. Christ (1982), no entanto, critica em seu artigo que, muitas vezes, os nomes dos tradutores sequer eram mencionados nessas resenhas⁷⁶. No final do texto, o autor aponta que a responsabilidade da citação ou não do nome do tradutor em resenhas é da política editorial e não do resenhista. Porém, considerando o resenhista autônomo que publica suas análises no ambiente virtual esse processo pode ser diferente e é neste ponto que discussões como essas são necessárias.

Outro autor que se dedicou em tratar da crítica literária de traduções é Rainer Schulte. Em um texto de 1986 já afirmava que

críticos e resenhistas continuam a ignorar os problemas e dificuldades de tradução que os tradutores encontram na transferência^[77] de livros de idiomas estrangeiros para o inglês. As referências a traduções são geralmente escassas e, em muitos casos, os resenhistas não percebem que estão lidando com uma tradução e tratam o livro traduzido como se tivesse sido originalmente escrito em inglês⁷⁸ (SCHULTE, 1986, p. 1).

Schulte (1986) apresenta essa perspectiva a partir da sua realidade: a tradução de livros para o inglês. No entanto, essa discussão cabe também em qualquer outro contexto, inclusive no brasileiro, que consome muitos textos traduzidos e que tem a tendência de ver esses textos como se tivessem sido escritos em português. Schulte (1986) discute ainda expressões previsíveis utilizadas para caracterizar traduções encontradas em jornais ou revistas: “‘traduzido maravilhosamente’, ‘um bom trabalho’, ‘tradução aparentemente sem muita graça’, ‘a tradução mantém-se bem’, ‘sensível e

qualifying adjective or adverb, or even by increased attention. Reviews that are poor or "amateurish" -to use Raymond van den Broeck's word (55)-also constitute a form of 'not reviewing'" (MAIER, 1990, p. 18).

⁷⁶ No artigo, o autor destaca que o jornal Times falhou em pedir que seus resenhistas apontassem e nomeassem os tradutores dos livros lidos em inglês (língua para a qual eram traduzidos). Para Christ, toda vez que uma resenha de um livro cumpre essa responsabilidade, ela contribui para a pressão econômica e a negligência literária que envolve a tradução (CHRIST, 1982, p. 17).

⁷⁷ Schulte entende a tradução como “transferência” – um conceito que pressupõe uma visão estruturalista. Essa questão também reflete no que o autor espera das resenhas desses livros traduzidos. Para ele, os críticos deveriam se atentar à dificuldade de transferência de uma língua para a outra.

⁷⁸ “[...] critics and reviewers continue to ignore the translational problems and difficulties that translators encounter in their transferal of books from foreign languages into English. References to translations are generally scarce, and in many instances reviewers fail to realize that they are dealing with a translation and treat the translated book as if it had originally been written in English” (SCHULTE, 1986, p. 1).

verdadeiramente fiel em espírito⁷⁹ [...]” (SCHULTE, 1986, p. 1). Essas e outras considerações apontadas pelo autor são frequentemente encontradas em resenhas de livros traduzidos até nos dias de hoje.

Muitos críticos e resenhistas, segundo o autor, também se veem em uma situação de inquietação quando se deparam com um texto literário traduzido. Muitas vezes eles não sabem a língua original daquele texto, o que os impede de fazer comentários mais profundos sobre aquela tradução. Como poucos críticos são também tradutores, poucos possuem conhecimento sobre como funciona o processo de produção de uma tradução: a pesquisa, a reflexão e a criatividade subjacentes ao texto traduzido (SCHULTE, 1986). Ademais, o fato de o resenhista também ser tradutor implicará em considerações diferenciadas, que abordaremos com mais detalhes no próximo capítulo.

O autor também apresenta a sua visão sobre o que um resenhista deveria saber para fazer uma resenha de uma tradução: saber a língua de partida do texto e as circunstâncias culturais e literárias em que o texto foi criado, situar o autor ou a autora daquela obra no contexto de produção, considerando sua língua e sua cultura, assim como avaliar a importância desse texto no cenário literário nacional e internacional. Ademais,

[u]m crítico bem orientado pode se tornar uma força importante na canalização e direção do intercâmbio cultural de obras literárias. Por meio de sua orientação bicultural, o crítico poderia servir como um valioso consultor para editores de revistas e diretores de imprensa, orientando suas escolhas de livros a serem publicados na tradução⁸⁰ (SCHULTE, 1986, p. 1).

Ou seja, para Schulte (1986), o crítico ou resenhista de um texto literário pode ser um meio valioso para editoras, para a imprensa literária e livrarias, agindo como difusor desse texto – como observamos, no capítulo um quando versamos sobre polissistemas. Assim sendo, esses resenhistas podem orientar as escolhas de livros a serem publicados de acordo com os gostos e as respostas de seu público.

No caso de resenhas em vídeo, que trataremos com maior profundidade nesta pesquisa, os inscritos de canais literários podem mostrar quais são seus interesses literários e assim o resenhista trará mais vídeos de certo tema ou gênero para o seu canal. Essa é uma ação que acaba impactando também as editoras, que farão suas divulgações

⁷⁹ “[B]eautifully translated,’ ‘a fine job,’ ‘this apparently ungraceful translation,’ ‘the translation holds up well,’ ‘sensitive and truly faithful in spirit’ [...]” (SCHULTE, 1986, p. 1).

⁸⁰ “A well-oriented critic could become a major force in channeling and directing the cross-cultural exchange of literary works. Through his or her bi-cultural orientation, the critic could serve as a valuable consultant to editors of journals and directors of presses in guiding their choices of books to be published in translation” (SCHULTE, 1986, p. 1).

em cima desses livros mais esperados e que, conseqüentemente, poderão vender mais para esse público em específico.

Com esse propósito, os resenhistas “[...] devem fornecer ao leitor entradas para as obras. No contexto da tradução, os críticos poderiam abrir entradas não apenas no novo trabalho, mas também na textura complexa de outra cultura”⁸¹ (SCHULTE, 1986, p. 2). Assim, atuariam como divulgadores desses textos, geralmente atraindo novos leitores para o estrangeiro e para outra cultura. A partir dessa tarefa necessária e importante, podem fazer com que leitores de outras comunidades, com outras percepções de mundo tenham acesso a literaturas estrangeiras e acessíveis naquele país (SCHULTE, 1986, p. 2). Para além disso, levando em conta as resenhas em vídeos, apesar de a literatura estrangeira ser bem recorrente, comentários sobre essas outras culturas são percebidos – indo além da tradução – sendo a cultura do outro um ponto de discussão nessas resenhas, assim como veremos no capítulo das análises de algumas resenhas em vídeos selecionadas.

Ainda nesse âmbito, completando os pontos levantados por Schulte (1986), Maier (1990) aborda a problemática do amadorismo por parte dos resenhistas. Segundo a autora, a aparente falta de reflexão desses críticos dá origem a práticas pouco profissionais, desencadeando também a falta de atenção editorial. Nesse caso, há a escolha de resenhistas que parecem inadequados para comentar certos textos e livros traduzidos (MAIER, 1990, p. 18). Assim, concluímos que, para a autora, a experiência e o conhecimento prévio do resenhista sobre a tradução formariam o caminho ideal para uma resenha bem fundamentada – no entanto, esse cenário ainda é restrito.

Maier (1990) também coloca em pauta a política editorial que faz a escolha de pessoas para resenharem certos textos, mas aqui voltamos a um outro ponto: como julgar a adequação ou inadequação de resenhas feitas por amadores assumidos, aqueles que publicam suas impressões sobre livros em *blogs*, *sites* e em vídeos? Seria possível, então, prescrever regras para a preparação de uma resenha de uma tradução? A autora propõe algumas sugestões e as organiza de forma a levantar o máximo de pontos possíveis que precederia a produção do texto, levantando questionamentos acerca do que o tradutor pode fazer para melhorar essas críticas. Maier (1990) aponta, então, que o primeiro ponto propõe que os tradutores também escrevam resenhas, principalmente ao perceberem que

⁸¹ “[...] critics are supposed to provide the reader with entrances into works. In the context of translation, critics could open entrances not only into the new work, but also into the complex texture of another culture” (SCHULTE, 1986, p. 2).

os nomes de profissionais como eles são omitidos. O segundo, traz a leitura e a escrita de comentários sobre resenhas literárias como opção, devido à escassa quantidade de modelos de resenhas de traduções e ao fato de que “traduzir” outros tipos de textos sobre resenhas literárias poderia iniciar uma discussão sobre o assunto. Já o terceiro, coloca a incorporação de contribuições da teoria de tradução e da crítica de traduções na prática de resenhas como um possível caminho. Ademais, Maier (1990) aponta que

Lefevere explica que os dois "polissistemas" envolvidos na atividade de tradução são frequentemente "incompatíveis, se não opostos dramaticamente um do outro". Os resenhistas precisam estar cientes dessa possível oposição e devem ser capazes de identificar as estratégias de acomodação que os tradutores usam (ou recusam), bem como as implicações dessas estratégias nos trabalhos traduzidos e em seus originais⁸² (MAIER, 1990, p. 21).

Entendemos, então, esses dois polissistemas defendidos por Lefevere (1984) como sendo o da língua de partida e o da língua de chegada. A partir disso, conhecê-los, buscar saber de suas diferenças, suas implicações na sociedade e como funcionam é crucial para que uma análise justa dessas leituras traduzidas seja feita. Outro ponto levantado pela autora é o cuidado com procura de uma “equivalência”, pois, segundo ela, essa definição leva a uma comparação de palavra-por-palavra, sendo assim,

[é] possível que, embora de maneiras diferentes, a atual preferência por traduções "legíveis", uma maior tolerância para as relações entre "outros" que se baseiam mais em contiguidade do que semelhança e um aumento de artigos escritos por tradutores sobre sua prática incentive avaliações baseadas em unidades maiores do que a palavra. Isso deve resultar em menos mesquinhez por parte dos resenhistas, mas também pode dar origem a compromissos não intencionais discutidos acima, se uma "impressão" geral de uma determinada tradução permitir que os resenhistas ignorem a interação contínua entre preocupações teóricas e práticas⁸³ (MAIER, 1990, p. 21).

Por fim, a autora sugere que sejam escritas resenhas reflexivas, que mostrem os processos por trás do trabalho de tradução, visto que isso permitirá que o resenhista conscientize os leitores sobre as relações entre as práticas tradutórias e a resenha do livro.

⁸² “Lefevere explains at length, the two "polysystems" involved in the activity of translation are often "incompatible, if not dramatically opposed to one another." Reviewers need to be aware of that possible opposition and they must be able to identify the accommodation strategies translators use (or refuse) as well as the implications of those strategies for both translated works and their originals” (MAIER, 1990, p. 21).

⁸³ “It is possible that, albeit in different ways, the current preference for ‘readable’ translations, a tolerance for relations between ‘others’ that are based more on contiguity than resemblance, and an increase in articles written by translators about their practice will all encourage evaluations based on units larger than the word. This should result in less pettiness on the part of reviewers, but it may also give rise to the unintended compromises discussed above, if an overall ‘impression’ of a given translation allows reviewers to ignore the continual interaction between theoretical concerns and practice” (MAIER, 1990, p. 21).

Em outra publicação, Schulte (1995) enfatiza e enaltece a necessidade do tradutor como uma ponte entre duas culturas e línguas. Apesar dessa posição ser recorrente no mundo cada vez mais globalizado, os tradutores e tradutoras “[se] encontram em uma crescente negligência nos círculos de editores e no mundo dos programas de idiomas e literatura em faculdades e universidades”⁸⁴ (SCHULTE, 1995, p. 1)⁸⁵. Com isso, percebemos a invisibilidade do profissional da tradução de forma ampla, não se restringindo somente às resenhas literárias – sendo estas apenas uma das possibilidades de não-presença –, mas se estendendo ao meio acadêmico, ao ensino de idiomas, às editoras e ao material impresso ou digital do texto traduzido. Consideramos, então, o ato de invisibilizar os profissionais da tradução em resenhas como um dos mais complexos dentre essas opções, pois ele está diretamente relacionado à divulgação de um texto que é, antes de tudo, uma tradução. As resenhas assumem o papel de difusoras do material e quando a omissão do nome dos tradutores ocorre, isso pode acarretar um apagamento sistemático desses profissionais.

Confirmando essa invisibilidade, alguns resenhistas podem não ter conhecimento do idioma ou não possuir repertório cultural do texto de partida para realizar uma resenha de uma tradução, mas esse não é o principal problema. De acordo com Schulte (1995, p. 1), “o verdadeiro problema parece residir na atitude dos resenhistas a quem nem sequer ocorre que eles estejam lidando com uma tradução e, portanto, tratem o trabalho de um autor como se tivesse sido originalmente escrito em inglês”⁸⁶. Pontuamos que, novamente o autor está falando de seu contexto social – dos Estados Unidos –, porém essa problemática levantada pode ser diretamente aplicada ao contexto de resenhas literárias realizadas no Brasil. Muitos críticos literários falam sobre livros ignorando que aquele texto foi escrito em uma outra língua inicialmente. Nesse sentido, Schulte (1995) ressalta também que há a necessidade de educar esses resenhistas em relação à crítica de traduções, para a qual sugere a matrícula em oficinas de tradução que apresentem o que é traduzir – a mudança de idioma, principalmente levando em conta a questão cultural (SCHULTE, 1995, p. 2).

⁸⁴ “[...] they encounter increased neglect in the circles of publishers and editors and in the world of language and literature programs at colleges and universities” (SCHULTE, 1995, p. 1).

⁸⁵ Nesse mesmo texto, Schulte apresenta exemplos de resenhas literárias (em jornais e revistas) que não citam o nome do tradutor, reafirmando que essa é uma prática pouco executada em resenhas de textos traduzidos.

⁸⁶ “The real problem seems to reside in the attitude of reviewers to whom it does not even occur that they are dealing with a translation and therefore treat an author's work as if it had originally been written in English” (SCHULTE, 1995, p. 1).

A esse respeito, acreditamos que essa ideia defendida pelo autor explicita uma visão simplista e única de tradução. Quanto às oficinas, apontar que elas sejam necessárias para que resenhistas façam traduções coerentes à cultura de determinado país nos leva a questionar a existência dessas “possíveis oficinas” e, também, a quem elas seriam direcionadas – uma vez que as questões culturais são amplas e permitem diversas considerações, assim como o acesso a esses meios de formação nem sempre é democrático. Dito isso, a forma com a qual Schulte (1995) apresenta seu ponto de vista e defende resenhas mais críticas e que levem em conta a tradução, não nos permite maiores esclarecimentos e parece manter discussões superficiais que ignoraram também as diferenças culturais e sociais. Hoje em dia, uma maneira de lidar com isso seria, com tantos *sites* ou *blogs* de tradutores e redes sociais, conversar com pessoas da área da tradução, o que pode levar a saber o que esse profissional pensa ou acha das resenhas de seus trabalhos. Além disso, entender como funciona o processo tradutório pode colaborar e promover esses textos traduzidos de uma forma mais justa.

Entretanto, esse aspecto não garante que isso trará benefícios para os envolvidos nesse processo, pois os interesses de uma resenha são diversos. Para o editor, por exemplo, muitas vezes, não interessa se o tradutor será elogiado e isso dificilmente influenciará no aumento das vendas. Nesse sentido, uma tradução polêmica pode ser mais útil – desde que venda mais. Ainda, entendemos a resenha, antes de mais nada, como um julgamento do trabalho do outro, então ela sempre será um dos possíveis pontos de vista entre tantos outros existentes e entre tantas outras críticas. Dessa maneira, o comentário sobre uma tradução na resenha nem sempre garantirá que a crítica seja mais efetiva, causando mais vendas. Por esse motivo, tal menção não é exigida pelos grandes meios como editoras e livrarias quando solicitam uma resenha de um *BookTuber*, por exemplo.

Schulte (1995) destaca também que “resenhar uma tradução está associado ao impulso imediato de encontrar palavras que o resenhista considera mal traduzidas”⁸⁷ (SCHULTE, 1995, p. 2). Vemos esse tipo de ocorrência em nossas análises no próximo capítulo, mas essa forma de se olhar para a tradução é recorrente: leva-se em conta vocábulos isolados e escolhas tradutórias, sendo que é possível que os tradutores tenham justificativas bem embasadas que não se deixam transparecer no texto, mas que ainda são

⁸⁷ “[...] reviewing a translation is associated with the immediate impulse to find words that the reviewer considers to have been mistranslated” (SCHULTE, 1995, p. 2).

válidas em seu trabalho devido à intenção de sua tradução. O autor continua seu argumento afirmando que

um resenhista verifica uma palavra no dicionário e percebe que o significado do dicionário não corresponde necessariamente ao que foi escolhido no texto traduzido. Todo tradutor sabe que as correspondências palavra por palavra não existem e dificilmente farão justiça a um trabalho. Esses comentários muitas vezes erroneamente concebidos sobre palavras específicas em um texto acrescentam muito pouco a uma discussão significativa de uma tradução; pelo contrário, eles podem facilmente estabelecer uma impressão negativa sobre a totalidade de uma determinada tradução⁸⁸ (SCHULTE, 1995, p. 2).

Para tornar uma resenha bem-sucedida, o autor pontua que o resenhista precisaria, em primeiro lugar, conhecer o idioma original (o que, no caso do nosso material de análise, constatamos que nem sempre ocorre). Mas seria com essa premissa que o crítico mostraria como certas ideias e passagens foram traduzidas com sucesso e porque outras nem tanto (SCHULTE, 1995). Para o autor,

quando o tradutor falha em reconhecer associações contextuais ou referências culturais e históricas, esses problemas devem ser discutidos pelo resenhista. Como nenhuma tradução única jamais reproduzirá ou recriará totalmente a um texto estrangeiro, um bom resenhista pode fornecer ao leitor de uma tradução ideias sobre as diferentes maneiras de perceber o mundo em outras culturas⁸⁹ (SCHULTE, 1995, p. 2).

Sua visão, no entanto, ainda figura uma perspectiva estruturalista que destaca termos como a “recriação de um texto”, “transferência”, entre outros. Essas considerações aparecem na forma como Schulte (1995) discute a crítica literária de traduções, demonstrando certa inconsistência ao defender suas ideias. Ele retoma que, quando a tradução supostamente não dá conta das questões culturais, cabe ao resenhista reconhecer e apontar essas falhas, nunca menosprezando o trabalho de tradução, mas levantando aquilo que poderia ser explorado de melhores formas. Ademais, ainda segundo ele, o crítico pode apresentar questões culturais e sociais do texto estrangeiro, considerando o autor original e seu contexto de produção, indo além da superfície da história e do que a

⁸⁸ “A reviewer checks a word in the dictionary and realizes that the dictionary meaning does not necessarily correspond to what was chosen in the translated text. Every translator knows that word-for-word correspondences do not exist and will hardly ever do justice to a work. Those often erroneously conceived comments about specific words in a text add very little to a meaningful discussion of a translation; to the contrary, they can easily establish a negative impression about the totality of a given translation” (SCHULTE, 1995, p. 2).

⁸⁹ “[...] when the translator failed to recognize either contextual associations or cultural and historical references, then those problems should be discussed by the reviewer. Since no single translation will ever fully reproduce or recreate the totality of a foreign text, a good reviewer can provide the reader of a translation with insights into the different ways of perceiving the world in other cultures” (SCHULTE, 1995, p. 2).

tradução apresenta, explorando questões mais amplas do texto como um todo. De acordo com Schulte (1995), caso essa seja a abordagem tomada pelos críticos,

as atividades do resenhista não se restringiriam a criticar uma tradução em avaliação, mas contribuiriam para ampliar a compreensão do leitor de outra cultura: o resenhista torna-se uma extensão do tradutor no que se refere a ligar mundos que se afastaram devido às suas diferentes línguas e práticas culturais⁹⁰ (SCHULTE, 1995, p. 2).

Levando em conta esse papel amplificado e conjunto da tradução e da crítica literária, Schulte (2004), em outra publicação, questiona: “[q]uem está qualificado para resenhar uma tradução e quais aspectos linguísticos, semânticos, culturais e históricos específicos devem ser tratados em uma resenha significativa?”⁹¹ (SCHULTE, 2004, p. 1).

Por outro lado, Maier (2001), no texto *Reviewing and Criticism*, debate a relação da tradução com as resenhas e críticas⁹². Antes de discutir essa questão, a autora expôs a distinção entre essas duas abordagens, a saber: o resenhista alerta o leitor sobre o lançamento de um novo livro, descrevendo-o, dando sua opinião sobre o conteúdo, dizendo se, em sua visão, ele vale ser lido e comprado; já o crítico exprime sua opinião independente de o livro ser atual ou não, levando em conta detalhes e já pensando na familiaridade dos leitores com esse livro (MAIER, [1998] 2009).

Segundo a teórica, “[...] nem as resenhas nem a crítica das traduções literárias se desenvolveram completamente como uma arte – diferentemente de resenhas e da crítica de literatura”⁹³ (MAIER, [1998] 2009, p. 205). Ou seja, a crítica literária de tradução não se consolidou como um campo de estudo propriamente dito, visto que a crítica literária é uma área independente assim como os estudos da tradução.

Maier ([1998] 2009) também destaca autores que defendem que a crítica de textos traduzidos deveria ser considerada uma vertente dos estudos da tradução (HOLMES, 1988), assim como indica outros estudiosos que reforçaram a importância dessa vertente como uma forma de ligação entre a teoria e a prática da tradução, ou então como uma arma em defesa da profissão (NEWMARK, 1988; DODDS, 1992). A autora,

⁹⁰ “[...] the activities of the reviewer would not be restricted to criticizing a translation under consideration, but rather would contribute to enlarging a reader’s understanding of another culture: the reviewer becomes an extension of the translator in terms of bridging worlds that have grown apart through their different languages and cultural practices” (SCHULTE, 1995, p. 2).

⁹¹ “Who is qualified to review a translation, and what specific linguistic, semantic, cultural, and historical aspects should be dealt with in a meaningful review?” (SCHULTE, 2004, p. 1).

⁹² “Translations of literature in the broadest sense of not only imaginative writing but also nonfiction and other materials in the humanities” (MAIER, [1998] 2009, p. 205).

⁹³ “[...] neither the reviewing nor the criticism of literary translations has developed fully as an art - unlike the reviewing and criticism of literature” (MAIER, [1998] 2009, p. 205).

então, traça uma extensa discussão teórica sobre a avaliação de resenhas de textos traduzidos que se inicia na vertente comparativa. No entanto, como já mencionamos, mesmo não sendo a única linha teórica e apesar de muitos estudiosos considerarem inviável uma crítica da tradução sem levar em conta o texto original (de BEAUGRANDE, 1978; VILIKOVSKÝ, 1988), outra vertente que se estabeleceu foi a teoria dos polissistemas defendida por Even-Zohar ([1990] 2013) e Toury (1990). Maier ([1998] 2009), a partir do que é dito por Lefevere ([1992] 2007), explica que na teoria dos polissistemas o “[...] foco é no produto da tradução e no contexto da cultura-alvo, e não no processo da tradução”⁹⁴ (MAIER, [1998] 2009, p. 206-207).

Em contrapartida, Lefevere ([1992] 2007), no livro *Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária*, revela a sua visão sobre a crítica de traduções:

não é minha intenção aqui avaliar as diferentes traduções. Nem é essa minha tarefa: uma avaliação simplesmente revelaria as pressuposições prescritivas ocultas com as quais eu me aproximo das traduções. Uma vez que eu tentei descrever e não prescrever, não há razão alguma para que eu deva avaliar. Essa tarefa é melhor deixá-la ao leitor (LEFEVERE, [1992] 2007, p. 177).

Primeiramente ele não se sente no papel de avaliador de um texto traduzido. Para ele, portanto, a intenção não é a de prescrever uma tradução, mas, sim, de fazer uma análise descritiva, alinhando-se, então, com o que é defendido na teoria dos polissistemas que evidencia o produto da tradução⁹⁵.

Maier ([1998] 2009) destaca também os trabalhos teóricos pós-colonialistas que documentaram como as traduções podem dar “errado” – como quando há um não-entendimento das relações de poder entre culturas e isso não é devidamente identificado na tradução. Nesse caso, o papel do tradutor é reconhecido e os julgamentos sobre a sua tradução são feitos com base nesses novos critérios sociais (MAIER, [1998] 2009, p. 208). Para além disso, há também a vertente pós-estruturalista, na qual a autora destaca Venuti (1995b). Nessa visão, os tradutores passam a tomar estratégias explícitas para se tornarem visíveis, escrevendo prefácios e posfácios, comentários e textos transgressivos – provando no texto a sua presença.

⁹⁴ “[...] and its focus on the product of translation in the context of the target culture rather than on the translation process” (MAIER, [1998] 2009, p. 206-207).

⁹⁵ De acordo com Chang Nam Fung (2000) é importante ressaltar que apesar da influência da teoria dos polissistemas nos estudos de Lefevere, o autor expandiu essa visão dando atenção para fatores extratextuais. Dentre eles, há questões envolvendo relações de poder e ideologia – distanciando-se da origem estruturalista da teoria dos polissistemas. O autor evitou utilizar a terminologia dos polissistemas preferindo criar a ideia de “poética, ideologia e patronagem”.

A falta de visibilidade do tradutor em publicações traduzidas e a falta de reconhecimento pelas editoras que, conseqüentemente, invisibilizam esse profissional diante do grande público, causam um impacto significativo à imagem do tradutor como sujeito, estando atrelada a uma questão mercadológica que é a literatura de consumo. As editoras muitas vezes exigem que a tradução dessa literatura de consumo seja o mais “fluyente possível”, já que, segundo a visão de Venuti (1995a, p. 111), “quanto mais ‘bem-sucedida’ a tradução, maior a invisibilidade do tradutor, e maior a visibilidade do autor ou do significado original”. Por isso, a única visibilidade que sobra ao tradutor é diante uma comunidade, que só será atingida através de um trabalho intrínseco com o público-alvo dessas traduções.

Ainda nessa discussão, Maier ([1998] 2009) traça aspectos que deveriam ser avaliados em uma tradução seguindo a vertente pós-estruturalista. A autora aponta teóricos que defendem que os tradutores devem ser avaliados a partir de como a representação de uma “outra” identidade, nacionalidade, religião, gênero etc. foi feita. Também salienta que as traduções podem ser julgadas por suas más representações e pela perpetuação de estereótipos. Seguindo essa linha das análises de críticas de traduções, “a avaliação, portanto, concentra-se precisamente nessas (más) representações, e a 'blasfêmia' pode ser definida como 'um momento em que o assunto ou o conteúdo de uma tradição cultural está sendo sobrecarregado ou alienado no ato da tradução’”⁹⁶ (BHABHA 1994, p. 225 *apud* MAIER, [1998] 2009, p. 209). A teórica complementa esse apontamento ao afirmar que,

[a] coexistência de critérios e abordagens avaliativas tão numerosas e diversas oferece um desafio aos críticos, leitores e tradutores contemporâneos. Quer os críticos trabalhem para avaliar traduções contemporâneas ou aquelas realizadas no passado, eles se veem obrigados não apenas a se informar sobre o contexto cultural de uma determinada tradução, mas também a conhecer seus próprios critérios de avaliação e o contexto em que os aplicam. Da mesma forma, leitores e tradutores devem formular critérios de avaliação que lhes permitam avaliar críticas divergentes e até contraditórias⁹⁷ (MAIER, [1998] 2009, p. 209).

⁹⁶ “Evaluation, then, focuses on precisely those (mis)representations and 'blasphemy' can be defined as 'a moment when the subject-matter or the content of a cultural tradition is being overwhelmed, or alienated, in the act of translation’” (BHABHA 1994, p. 225 *apud* MAIER, [1998] 2009, p. 209).

⁹⁷ “The co-existence of such numerous and diverse evaluative criteria and approaches offers a challenge to contemporary critics, readers and translators. Whether critics work to evaluate contemporary translations or those performed in the past, they find themselves obliged not only to inform themselves about the cultural context of a given translation but also to be cognizant of their own evaluative criteria and the context within which they apply them. Likewise, readers and translators must formulate evaluative criteria that will enable them to assess divergent, even contradictory critical evaluations” (MAIER, [1998] 2009, p. 209).

Assim sendo, a infinidade de modos e possibilidades de se realizar uma crítica de uma tradução faz com que nenhuma linha seja a “melhor”. Os teóricos supõem maneiras de fazê-la de acordo com o momento histórico e social e isso reflete em como propõem as possíveis resenhas literárias. No caso desta pesquisa, destacamos a crítica literária de traduções a partir das perspectivas pós-estruturalistas com Venuti (1995a, 1995b, 2002) – já citado anteriormente – e a teoria dos polissistemas, com Lefevere ([1992] 2007), ambas apontadas por Maier ([1998] 2009) no percurso histórico que apresenta.

2.4 Berman e a crítica de traduções

Antoine Berman (1995) foi um importante teórico dos estudos da tradução que também discursou sobre a crítica de textos traduzidos. Em seu texto publicado após sua morte, *Pour une critique des traductions: John Donne* (BERMAN, 1995), o autor disserta sobre a crítica, elencando suas defesas teóricas e em seguida fazendo análises de textos traduzidos seguindo os parâmetros que defende. Esses pontos propostos por Berman (1995) serão aqui apresentados brevemente e, no capítulo três, neles nos basearemos para fazer algumas das análises das resenhas selecionadas.

Primeiramente, Berman (1995) afirma que a maioria dos críticos e resenhistas acabam por “vigiar” o trabalho dos tradutores, buscando por “falhas” e “mudanças” na tradução em relação ao texto original, sem se preocupar, muitas vezes, com os motivos pelos quais essas alterações acontecem.

Outro ponto ressaltado pelo autor é a constância de se avaliar uma tradução como se apenas se buscasse os “defeitos” desse texto – como se ele fosse inferior ao “verdadeiro” original. Berman (1995), portanto, justifica que a crítica é muito bem-vinda, independentemente de ela se tratar de uma tradução ou não, pois permite que o texto seja perpetuado, complementado e também comentado.

No texto, então, ele classifica as etapas que considera necessárias para se avaliar uma tradução em: 1) a leitura e a releitura da tradução; 2) as leituras do original; 3) a busca pelo tradutor; 4) a análise da tradução; 5) a recepção da tradução e 6) a crítica produtiva⁹⁸. Na primeira etapa, o crítico teria que ler a tradução, de preferência mais de uma vez, sem antes entrar em contato com o original. Ou seja, não deveria ser uma leitura comparativa – essa seria a única forma de avaliar se o texto se adequa ao que seria um

⁹⁸ Essa tradução das etapas foi baseada na tradução de Patricia Stafusa Sala Battisti (2000, p. 56).

texto “verdadeiro”. A segunda, como o nome já diz, seria dedicada à leitura do original e, nela, “[...] o crítico repete o mesmo trabalho de leitura que o tradutor fez, ou deveria ter feito, antes e durante a tradução”⁹⁹ (BERMAN, 1995, p. 67), buscando os elementos característicos da obra.

A terceira etapa – a busca pelo tradutor – seria o ponto que mais nos é relevante para o objetivo deste trabalho. Para Berman (1995), conhecer o tradutor é descobrir a identidade desse profissional, que é diferente da do autor. É importante conhecer o tradutor para saber se o texto está sendo traduzido diretamente da língua de partida para a de chegada, se quem traduz é bilíngue, se já publicou textos sobre as suas traduções, se o profissional possui outra profissão além de tradutor, se também escreve, entre outros pontos¹⁰⁰. Deste modo, pode-se reconhecer a posição do tradutor e o seu projeto tradutório escolhido.

Já na quarta etapa, “a análise da tradução”, acontece a confrontação entre a obra traduzida e o texto “original”, gerando diversos resultados como: comparações entre outras traduções do mesmo texto, verificação do projeto de tradução e de trechos selecionados do texto de partida com o texto de chegada, entre outros. Vale ressaltar que o projeto de tradução advém da leitura do texto a ser traduzido pelo tradutor e diz respeito à sua consideração acerca do nível de autonomia e interferência que terá naquele texto – em poucas palavras, o modo como o texto vai ser traduzido. É a partir dele, de acordo com Berman (1995), que qualquer problema da tradução pode ser gerado ou encontrado.

Por sua vez, as últimas duas etapas caminham juntas. A recepção da tradução nada mais é do que modo como a tradução chegará ao leitor. Berman (1995) afirma, então, que, frequentemente, nas resenhas de textos traduzidos não há a menção à tradução nem aos tradutores. Para ele, quando há comentários sobre a tradução, deve-se analisar como ela é entendida e recebida pelos críticos e resenhistas. Já na última etapa, o teórico contesta a retradução de um texto quando há a necessidade, ou seja, quando o texto já está ultrapassado, apresenta algum problema grave etc. Nesse caso, a crítica não ditará o projeto do tradutor, mas servirá como um primeiro impulso para uma possível retradução de determinada obra. Berman (1995) também salienta que toda tradução é crítica e que uma retradução é uma crítica a traduções anteriores. Apesar disso, entendemos que uma

⁹⁹ “Ici, le critique refait le même travail de lecture que le traducteur a fait, ou est censé avoir fait, avant et pendant la traduction” (BERMAN, 1995, p. 67),

¹⁰⁰ Aqui podemos retomar o conceito de Paratexto de Genette ([1987] 2009), uma vez que tudo que é extratextual também é válido na análise de um texto traduzido, segundo Berman.

retradução pode não ser sempre uma crítica no sentido restrito do termo. Diversos trabalhos e traduções existem, pois, a intenção foi a de traduzir um texto novamente, não invalidando as anteriores, mas sendo apenas uma oportunidade de se explorar as possibilidades de tradução de uma obra.

Entretanto, é preciso esclarecer que existe uma diferença entre a crítica literária popular, aqui caracterizada por meio das resenhas em vídeo, e a crítica literária acadêmica, defendida por esse mesmo autor. Neste trabalho, não adotamos uma visão utópica na qual se espera que as *BookTubers* façam o que o teórico defende do que seria uma crítica de uma tradução. Mas acreditamos que conceituar esses pontos é importante para que se tenha uma visão amplificada da crítica de traduções e se possa entendê-la como um campo de estudos muito amplo. Iremos, portanto, utilizar os critérios de Berman (1995) para analisar as resenhas em vídeo, levando em conta o contexto em que estão inseridas.

Nesses vídeos, que precisam prender a atenção dos inscritos, o tempo é curto e o espaço é dedicado para, principalmente, a resenha do livro de um modo geral. Na maioria das vezes as críticas são superficiais e, como veremos no capítulo três, os resenhistas buscam por comentar o texto literário como se a tradução não existisse, nem mesmo citando o nome dos tradutores. Além disso, é preciso levar em consideração que boa parte desses resenhistas e do público dos vídeos, não possui base teórica na crítica literária ou na área de tradução para poder realizar o que o autor defende.

2.5 A crítica jornalística

Como levantado, além da crítica literária acadêmica – aqui explicitada por Berman (1995) – e da resenha informal das *BookTubers*, encontramos também a crítica jornalística. Esse formato de texto se assemelha muito ao que vemos nos *blogs* e *sites* dedicados a livros e também, de certa forma, aos vídeos de resenhas de textos. A linha que separa a crítica profissional da popular (ou do amadorismo, como apontado por Maier em 1990) pode ser resumida por essa crítica jornalística que acaba sendo “nem uma, nem outra”, mas, sim, uma terceira possibilidade de se fazer uma resenha.

Esse “meio do caminho” permite que pontuemos como as resenhas podem ser relevantes mesmo sem carregar o academicismo. Para Cláudia Nina (2007), as críticas podem ser divididas em:

[u]m [texto] mais técnico, produzido por acadêmicos de diversas áreas (sociólogos, historiadores, antropólogos, professores de literatura), que

voltam às páginas dos suplementos a tentativa de escoar sua produção intelectual num ambiente extra-acadêmico, escrevendo textos ensaísticos; outro livre de jargões, assinado por jornalistas que, muitas vezes, não têm nenhuma especialização na área. São dois mundos distantes, pois revelam formas diferentes de perceber as obras e de transmitir essas percepções aos leitores (NINA, 2007, p. 28-29).

Aqui vemos a diferença entre essas duas (dentre muitas outras) possibilidades de se resenhar e criticar um texto literário. Enquanto isso, percebemos que as resenhas presentes no *BookTube* possuem mais características semelhantes aos textos encontrados em jornais do que aos textos acadêmicos. Nina (2007) ainda completa ao afirmar que

a leitura não teórica faz-se no eixo interpretativo e pertence à fruição. É o prazer de ler que orienta um julgamento emanado da subjetividade. Quando o crítico está desarmado teoricamente, seu texto virá repleto de adjetivações. O resultado de uma investigação mais inocente e impressionista é certamente uma resenha voltada para o entendimento de um público amplo e não segmentado, que não espera uma leitura demorada e complexa das obras (NINA, 2007, p. 60).

Isto é, as resenhas cumprem propósitos diferentes ao serem feitas. Um crítico não especializado não vai ter a mesma forma de expor a sua opinião ou leitura de um texto que um acadêmico, que possui um repertório de leituras diferente sobre o assunto do texto criticado. No caso das críticas jornalísticas, é a forma como a leitura do resenhista acontece que vai definir como será a sua crítica e seus gostos pessoais acabam sendo muito mais expressivos nesses textos (ou vídeos, no caso do *BookTube*). Por fim, o público que irá consumir esse produto da crítica também diz muito sobre como ele será feito – quando se espera um texto rápido, ou um vídeo informativo sobre um livro, o material será mais sucinto, resultando em uma crítica breve e direta, na maioria das vezes. São essas semelhanças ao texto jornalístico que tornam o *BookTube* mais um meio de divulgação de textos, com caráter informativo e que promove a literatura para um público que busca um conteúdo mais direto.

Sobre a diferença entre essas críticas aqui discutidas, a autora afirma que

enquanto os pesquisadores das universidades mergulham fundo nas obras e nos autores canônicos, os jornalistas ou resenhistas, seja por falta de tempo, preparo ou espaço, fazem voos rasantes. Os jornalistas são, portanto, acusados de esvaziarem o conteúdo mais substancial da crítica e de estarem comprometidos com o aspecto comercial das edições. Escreve-se sempre sobre os lançamentos mais recentes. Livro lançado há mais de seis meses, para um editor de suplemento, é considerado velho (NINA, 2007, p. 29).

Explicitada a maior diferença entre essas críticas, podemos incorporar o que é dito por Nina (2007) sobre os jornalistas e aplicá-lo ao que definimos ser o *BookTube*.

A visão mercadológica, assim como a resenha de lançamentos e críticas mais curtas são muito mais presentes nesse meio digital – entretanto isso não tira a importância desse conteúdo. O texto jornalístico cumpre suas funções no mercado literário, que são diferentes das de textos acadêmicos, mas que também podem fomentar discussões e permitir análises. Assim, vemos como a crítica jornalística é estudada e como ela é entrelaçada ao que vemos no *BookTube*, com trabalhos e dissertações que os unem e também destrinçam esse paralelo¹⁰¹. É importante ressaltar que pontuamos essa semelhança para mostrar que, mesmo partindo de um meio virtual, o que se discute também pode ser visto em outras instâncias mais tradicionais, como os jornais e as revistas.

2.6 A tarefa criativa e interpretativa da tradução

Notamos que o trabalho dos tradutores, de um modo geral, é sequer lembrado em muitos momentos e resenhas de textos traduzidos. Quando a menção ocorre, ela é carregada de estereótipos e críticas negativas. Nesse sentido, de acordo com Paulo Henriques Britto (2012, p. 9), “traduzir – principalmente traduzir um texto de valor literário – nada tem de mecânico: é um trabalho criativo”; portanto, falta a noção da tradução como tarefa criativa, que vai além do saber uma língua estrangeira, do certo e errado ou estranho. Essa visão vai de encontro à crítica prescritiva que tanto vemos em algumas das resenhas detalhadas no capítulo três.

Esse aspecto criativo é presente em qualquer tradução, no entanto, na tradução literária essa questão fica mais visível. É nesse âmbito que Britto (2012) destaca que o trabalho de tradução tem pouca visibilidade e que, de forma geral,

os leigos – inclusive as pessoas quem leem regularmente, e que leem muitas traduções – não costumam pensar sobre a natureza da tarefa de traduzir uma obra. Assim, quando lhes perguntamos que ideia elas fazem desse ofício, constatamos que a visão de senso comum a respeito da tradução é profundamente equivocada (BRITTO, 2012, p. 2).

Segundo o autor, os leitores tendem a pensar que traduzir é uma tarefa relativamente fácil, que a maior dificuldade do tradutor é saber os termos em um idioma estrangeiro e que esses problemas podem ser resolvidos com consultas a dicionários

¹⁰¹ Mais reflexões sobre a crítica jornalística relacionada a esse meio podem ser encontradas nas dissertações de mestrado de Arthur Breccio Marchetto (2019); Ana Carolina Barbosa Carpintero (2019) e Mickael Braga Barbieri (2019) e também no artigo para a revista *Verbo de Minas* de Karl Erik Schøllhammer e Juliana Gervason Defilippo (2019).

(BRITTO, 2012, p. 2-3). No entanto, essa percepção generalizada desconsidera o trabalho criativo de uma tradução e é nesse sentido que o papel do tradutor como criador de um novo texto é, muitas vezes, ignorado nas resenhas de traduções.

Continuando nesse ponto, destacamos o papel do crítico segundo Nina (2007). Para ela,

o crítico tem de estar preparado para compreender o alcance da obra e não destruí-la só porque não está de acordo com seus padrões de expectativa. Analistas muito rigorosos em matéria de teoria, ou muito presos a seus pontos de vista e a um irredutível gosto pessoal, acabam estreitando os horizontes de análise. É preciso que se tenha a liberdade de usar a teoria, se for o caso de uma resenha mais elaborada, como amparo e não como camisa-de-força (NINA, 2007, p. 36).

O que é apontado, então, por Nina (2007) sobre a crítica de textos literários pode ser aplicado à crítica de traduções, pois, além de estar-se lidando com o literário, também há o produto da tradução. Para a estudiosa, o crítico precisa entender as nuances do texto, ou seja, mesmo que não se trate de uma tradução, uma obra literária não é “errada” porque soa estranho, essa é uma questão que vai além do entendimento de tradução e nos permite questionar o entendimento de literatura daqueles que fazem a resenha desses livros, principalmente dos críticos que possuem formação na área e que continuam reproduzindo opiniões generalizadas sobre as suas leituras.

Por outro lado, encontramos aquelas resenhas nas quais o respaldo teórico se torna, como Nina (2007, p. 36) aponta, uma “camisa-de-força” e, talvez, um meio de “impor o conhecimento” para o público que irá consumir aquela crítica. Vemos esse movimento como negativo, pois aquilo que está sendo dito se torna quase uma “verdade absoluta” e, quando falamos do literário e principalmente de traduções, não existe uma opinião ou verdade exata, todo texto é passível de diversas interpretações, assim como as traduções também permitem milhares de possibilidades. Nesse sentido, para Britto (2012),

como a visão de senso comum a respeito do que seja o trabalho de tradução é profundamente equivocada, toda vez que um tradutor empreende a tarefa de dar ao público uma ideia do seu ofício ele é obrigado a começar por corrigir esses mal-entendidos. É preciso sempre afirmar o caráter não trivial do trabalho de tradução, elucidar a verdadeira natureza da atividade, enfatizar as dificuldades e o que há de criativo e intelectualmente instigante nessa profissão, e negar os velhos chavões preconceituosos (BRITTO, 2012, p. 9).

É com isso que reafirmamos o poder de movimentos que busquem trazer ao público a tarefa dos tradutores. Ainda, mesmo que essas questões dependam de iniciativas

individuais, percebemos que houve tentativas de se discutir a problemática, como as movimentações e as campanhas dos tradutores e de organizações voltadas à tradução nas redes sociais. Foi, inclusive, a partir de uma dessas movimentações no *Twitter* que este trabalho foi pensado e desenvolvido. Entretanto, percebemos que, apesar das campanhas *on-line* estarem chegando a mais pessoas, ainda existe um caminho longo a se percorrer para alcançar uma visão “ideal” ou ao menos mais positiva da tradução por parte do público geral que consome essas traduções.

Ademais, o tradutor ainda vive em um local afastado, geralmente precisando estar atento à forma como seu trabalho chega ao público e, se necessário, defender-se perante as críticas¹⁰². O poder que a rede social tem nos dias de hoje possibilita que isso aconteça de forma mais rápida e direta, sendo que reafirmar o papel criativo da tradução é de extrema importância para que esse trabalho seja enxergado como algo subjetivo, criativo e, mais do que tudo, interpretativo.

Portanto, um dos casos em que a crítica à uma tradução poderá acontecer é quando o texto traduzido se torna incompatível ao que o leitor e resenhista esperava daquela tradução. O tradutor sempre estará sujeito a essa crítica e é nesse sentido que os considerados “erros” chamam tanto a atenção daqueles que consomem a tradução. O “erro”, nesse sentido, pode ser considerado apenas uma forma diferente de interpretar um mesmo texto. Para Ivone Benedetti (2015), por exemplo, “o tradutor exerce (ou deveria exercer) a crítica como ‘exame, análise’; os críticos de tradução deveriam exercê-la como ‘arte de julgar uma obra’, mas, segundo os próprios tradutores, eles a exercem como “condenação” (BENEDETTI, 2015, p. 71). É nesse sentido que percebemos que a crítica é presente independentemente do texto, porém ela ainda é feita, na maioria das vezes, de modo a condenar o trabalho interpretativo dos tradutores.

Para Benedetti (2015), a crítica de tradução consiste em detectar os motivos que levaram o profissional a traduzir um termo por “X, Y ou Z”. De acordo com a autora, para acontecer uma verdadeira crítica da tradução é necessário detectar elementos de tensão entre o estilo próprio do autor do texto e o estilo do tradutor:

¹⁰² Destacamos, como exemplo, a resenha em vídeo de Tatiana Feltrin (2020) sobre o livro *O Silmarillion* (1977) de J.R.R. Tolkien, na qual a *BookTuber* critica de forma negativa a tradução da obra, realizada por Reinaldo José Lopes. O tradutor respondeu à *BookTuber* também por meio de um vídeo (LOPES, 2020). Na resposta, ele demonstra insatisfação à crítica de Tatiana e explica suas escolhas tradutórias de maneira fundamentada. Esse acontecimento repercutiu no meio literário e permitiu diversas discussões, muitas em redes sociais, sobre qual seria o limite da crítica e também sobre a possibilidade do tradutor de responder, por meio de vídeo, a uma possível crítica negativa.

a adequação ou inadequação das táticas empregadas para resolver as tensões de estilo, aliadas a uma análise de tipologia textual mínima, são coisas que poderiam constituir um bom tema para uma crítica da tradução que ultrapassasse o nível elementar da busca do erro ou do acerto lexical, o nível elementar da crítica como condenação (BENEDETTI, 2015, p. 72).

Então, é nesse sentido que ela defende que os críticos de traduções devem buscar (isto quando enxergam a tradução no texto) as inadequações dos estilos dos dois autores (do texto da língua de partida e do texto de chegada) para uma crítica que não fosse atrás apenas dos erros e de uma condenação à interpretação diferente daquele texto.

Benedetti (2015) então questiona, assim como Maier (1990) e Schulte (1986), se há necessidade de o crítico também ser tradutor. Para ela, isso não é necessário, porém, é preciso que o crítico reconheça a tradução, pois “um crítico de tradução que não conheça todas as implicações da atividade fará, provavelmente, uma das seguintes coisas: ou se aventura num terreno desconhecido, com o risco de tropeçar, ou se [limita] a pescar erros” (BENEDETTI, 2015, p. 72). Portanto, entender minimamente a tradução como existente já torna essa crítica muito mais completa do que aquela que finge que ela não está ali. A autora finaliza apontando que muitos jornalistas, por exemplo, “omitem comentários sobre a tradução quando nela não encontram defeitos óbvios, e fazem de conta que estão analisando a obra original” (BENEDETTI, 2015, p. 72).

É nesse ponto que notamos a maior problemática que tentamos levantar neste trabalho. O texto é lido como se fosse o original e a tradução só chama a atenção quando ela se torna estranha e incômoda aos olhos do crítico que, como mostrado por Benedetti (2015), irá criticá-la por seu estranhamento, apontando erros, desconsiderando o caráter criativo por trás daquele texto.

Se, de um lado, a visibilidade “textual” pode levar a críticas ao tradutor, por outro, a invisibilidade no texto pode fazer com que o tradutor só seja notado caso “apareça” em outros lugares, por exemplo, por meio de seu nome. A presença do nome do tradutor na capa do livro, mesmo que rara, é uma forma de subversão do que já é esperado de uma publicação, é tornar aquele texto também do tradutor de forma muito mais enfática.

Pensando nisso, expandimos nossos olhares para analisar a presença dos tradutores muito além do texto em si. Entendemos que “não é incomum a confusão entre visibilidade textual (conceito técnico) e visibilidade social (coisa do senso comum)” (BENEDETTI, 2015, p. 73). A visibilidade “conceito textual”, associamos àquilo

apontado por Venuti (1995a), conceito esse que também é importante para as discussões aqui estabelecidas, mas que não dão conta do cenário completo da condição desses profissionais. Já a visibilidade social diz muito mais a respeito de como esses tradutores são enxergados pela sociedade, uma vez que, como já apontado por Benedetti (2015, p. 73), “muitas vezes os jornalistas fazem de conta que estão analisando a obra original, quando na verdade estão analisando uma tradução”. Portanto, temos com isso uma presença paratextual (YUSTE FRÍAS, 2015) pouco definida e, como percebemos, ainda muito elitizada aos nomes mais conhecidos da tradução. É nesse sentido que Rosemary Arrojo (1992) pontua que “os critérios de avaliação de textos traduzidos (compartilhados por editores, críticos e leitores) giram em torno de um ideal de fluência na leitura, que recomenda a ausência de frases desajeitadas, de construções não-idiomáticas e de significados confusos [...]” (ARROJO, 1992, p. 64).

Respaldando-se também em Venuti, a autora vai além e questiona a influência dessa falta de presença dos tradutores na forma como eles são enxergados pela sociedade:

a crença na possibilidade dessa atuação idealmente invisível e inócua do tradutor tem justificado, entre outras coisas, a exploração econômica de seu trabalho [...] ao serem forçados a abrir mão de quaisquer direitos autorais e ao aceitarem uma remuneração baseada no número de palavras (ou, em nosso caso, número de laudas) traduzidas, os tradutores são “rotineiramente alienados do produto de seu trabalho” [...] (ARROJO, 1992, p. 64).

O reflexo da invisibilidade desses tradutores tem efeito na forma como eles são enxergados por todos, influenciando, inclusive, na remuneração desses profissionais. A teórica fala de “exploração econômica” e a relaciona ao modo como o texto, ao ser publicado, deixa inteiramente de pertencer ao tradutor diretamente, pois passa a ser da editora. Arrojo (1992) aponta também que é “a partir de uma concepção logocêntrica da atividade do tradutor que se pode defender essa ética da invisibilidade” (ARROJO, 1992, p. 64), sendo essa ética retomada por Benedetti (2015), quando a autora se refere à forma como os textos traduzidos são analisados e lidos como se fossem o original. Essa percepção da ética permite vermos que essa reflexão vai de encontro às “políticas trabalhistas injustas como também o espaço quase inexistente que a tradução ocupa, enquanto objeto de reflexão, nas instituições de ensino e de pesquisa do país e do exterior” (ARROJO, 1992, p. 64).

Benedetti (2015), por sua vez, nos permite unir os questionamentos de Arrojo (2012) ao que foi refletido acerca da crítica de traduções e afirma que em nosso país ainda

é considerado dispensável que alguém se especialize em tradução e, ainda mais dispensável, na crítica de traduções. É nesse sentido que acreditamos que o reconhecimento do papel do tradutor como profissional é extremamente crucial para que ele seja *enxergado*. Por isso, “quanto maior sua visão – ou sua “visibilidade” – acerca do processo do qual é agente e promotor, menores serão as chances de que seja ignorado, marginalizado e indignamente remunerado” (ARROJO, 1992, p. 70).

Por fim, as percepções de Arrojo (1992) e o questionamento de Benedetti nos permitem refletir sobre a forma como os tradutores se colocam (e são colocados) em suas traduções. No entanto, entendemos também que as percepções geradas por uma tradução vão além do texto, dando-se pela forma como o produto do livro traz essas informações, como o material é divulgado e apresentado ao público e como os tradutores encaram seus trabalhos. Assim, apesar de o texto ser primordial na construção da presença desse tradutor, é necessária uma mudança de paradigma por traduções (e tradutores) mais explícitas – uma mudança para quebrar muitas das percepções pré-estabelecidas de tradução como “fidelidade”, “transporte de uma língua para outra” entre outras ainda presentes no imaginário social. E é nesse processo que “quem se percebe ‘visível’, pode reconhecer-se no que faz e reivindicar o reconhecimento daqueles que utilizam e avaliam seu trabalho” (ARROJO, 1992, p. 70).

2.7 A crítica nos tempos atuais

Movimentos que promovem a visibilidade do tradutor acontecem há muito tempo. Muitas associações¹⁰³ pelo mundo passaram a defender estratégias para promover a visibilidade e o status a seus membros além de defender a profissão de tradutor. A PETRA publicou em 2011 um documento que aborda a questão da visibilidade dos tradutores: “[a] visibilidade do tradutor literário deve ser aprimorada, porque sua reputação afeta a remuneração¹⁰⁴” (PETRA, 2012, p. 30).

A ABRATES, Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes, em 2014, também promoveu a *Campanha Nome do Tradutor* para que os nomes dos tradutores

¹⁰³ Todas as informações referentes ao PETRA (*Plateforme Européenne pour la traduction littéraire* [Plataforma europeia para a tradução literária]), ao *PEN America's Translation Committee* e ao *Authors Guild Survey of Literary Translators' Working Conditions* foram retiradas do texto de Peter Constantine: *Professionalisation of literary translation and the publishing market*, publicado em 2018 no Routledge Handbook of Literary Translation.

¹⁰⁴ “The visibility of the literary translator must be improved, because his/her reputation has an effect on remuneration” (PETRA, 2012, p. 30).

fossem incluídos em livros, referências bibliográficas, artigos e textos acadêmicos. O movimento incluiu postagens no *Twitter* e no *Facebook*, com o mote “Todo livro tem um autor, todo livro traduzido tem um tradutor”¹⁰⁵.

Outra organização que busca visibilizar os tradutores é a *PEN America’s Translation Committee*, que incentiva as editoras a incluírem o nome de tradutores nas capas dos livros. Em 2017, o *Authors Guild Survey of Literary Translators’ Working Conditions*¹⁰⁶, iniciado por Alex Zucker e Jessica Cohen, trouxe uma reflexão sobre o nome dos tradutores nas capas dos livros. No arquivo eles destacam que:

do ponto de vista do tradutor, ter o nome na capa não é apenas uma boa publicidade, o que pode levar a uma renda futura, mas também aumenta a probabilidade de que eles sejam mencionados nas resenhas dos livros, nas quais o trabalho do tradutor é frequentemente ignorado¹⁰⁷.

Por sua vez, a posição de crítico ainda é bem difusa e, muitas vezes, é uma atividade realizada de forma autônoma, podendo ser também um *hobby*. Essa posição sempre foi muito presente em jornais e revistas especializados, sendo que os críticos tinham formações ou então anos de experiência com o assunto, ou eram pessoas influentes que garantiam a leitura de suas críticas. Hoje em dia, a crítica é comumente encontrada em outros meios – *blogs*, *sites*, redes sociais etc. – e são apresentadas nos mais diversos modelos: em formatos escritos, em vídeo, em *podcasts* etc. Essa possibilidade de configurações e a liberdade de pessoas não especializadas de publicarem sua opinião sobre livros fez com que uma grande comunidade literária crescesse no meio digital.

Em um contexto amplo, a crítica de traduções literárias, como observado nas discussões propostas por Berman (1995), Maier (1990, [1998] 2009) e Schulte (1986, 1995), é um campo de estudo pouco difundido como teoria e com muito espaço para discussões. No entanto, percebemos que esses autores partem de um campo de análise dessas resenhas literárias levando em conta a crítica especializada de jornais e revistas (NINA, 2007). A partir desse local, as perspectivas levantadas por eles consideram essa

¹⁰⁵Disponível em: <https://www.facebook.com/Abrates/photos/campanha-nome-do-tradutorchegou-o-m%C3%AAs-de-setembro-o-m%C3%AAs-do-tradutor-m%C3%AAs-do-nosso/828096197223369/>. Acesso em: 23 ago. 2020.

¹⁰⁶Disponível em: <https://www.authorsguild.org/wp-content/uploads/2017/12/2017-Authors-Guild-Survey-of-Literary-Translators-Working-Conditions.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2020.

¹⁰⁷ “From the translator’s point of view, having their name on the cover is not only good publicity, which may lead to future income, but it also increases the likelihood that they will be mentioned in reviews of the book, where the translator’s work is all too often ignored”.

atividade como uma parte necessária e fundamental da divulgação e, possivelmente, do entendimento de um texto literário na sociedade¹⁰⁸.

Apesar de esses autores se fundamentarem em discussões práticas da crítica especializada, um ponto de referência importante – o qual não é citado por nenhum dos autores – é a discussão estabelecida por Venuti (1995b) sobre o ato de invisibilizar o tradutor e que já trouxemos algumas vezes nesta dissertação. Essa problematização deu origem às discussões aqui estabelecidas e configura o que foi também defendido por autores como Genette ([1987] 2009), Koskinen (2000), Yuste Frías (2015) e Munday (2016), que também mencionamos e que se aproximam da teoria do autor para exemplificar seus pontos referentes às diferentes formas de visibilidade: textual, pré-textual e extratextual. Tais teorias não seriam possíveis sem levar em conta o caráter social presente nessas discussões, as quais aqui apresentamos a partir de Arrojo (1992). Com isso, também pontuamos a tarefa criativa e interpretativa da tradução com Britto, (2012) e Benedetti (2015).

A partir dessas perspectivas e discussões, o que foi levantado neste capítulo fundamenta o que Anna Stowe (2019) apontou como sendo uma mudança na forma de se apoiar nessas questões, destacando que a internet vem desempenhando um papel importante na divulgação e recepção de traduções, assim como

os sites de crítica e revisão, tradicionalmente incorporados em mídias como jornais impressos ou revistas, são multiplicados na Internet e incluem pontos de venda como a *Amazon*, sites dedicados ao leitor como *Goodreads* e sites como o chinês *Douban* (豆瓣), que é dedicado a uma variedade mais ampla de resenhas culturais. As críticas publicadas nesses sites estão apenas começando a atrair a atenção de estudiosos da tradução¹⁰⁹ (STOWE, 2019, p. 493).

Assim como a *Amazon*, *Goodreads* e *Douban* são importantes fontes de divulgação da opinião dos leitores. Destacamos e damos ênfase ao *YouTube* nesta

¹⁰⁸ Outros trabalhos se relacionam com essa pesquisa, como é o caso da dissertação de Pavel Peléšek da Faculty of Arts na Masaryk University, na República Checa, sobre a crítica de tradução *fan-made* em comparação com a crítica profissional. Disponível em: <https://is.muni.cz/th/aou1a/?lang=en>. Acesso em: 6 out. 2020. Ademais, o artigo de Wang Yiduo sobre a crítica de traduções na internet e onde ela se encontra nesse ambiente da China está disponível em: https://en.cnki.com.cn/Article_en/CJFDTOTAL-TEAC201603023.htm. Acesso em: 6 out. 2020.

¹⁰⁹“The sites of criticism and reviewing, traditionally embedded in mediums such as print journals or magazines, are multiplied on the Internet and include sales outlets such as Amazon, reader-oriented sites such as Goodreads and sites such as the Chinese Douban (豆瓣) that are oriented towards a wider variety of cultural reviewing. Reviews published on such sites are just beginning to attract the attention of scholars of translation” (STOWE, 2019, p. 493).

dissertação por ser uma plataforma que possibilita a criação de conteúdos diversos e que, conseqüentemente, permite a criação de resenhas de livros em vídeo.

Como vimos no decorrer do capítulo, a função do crítico literário é fundamental para a divulgação de livros e da literatura – principalmente a de consumo, considerando que estes são os títulos mais frequentes nas listas dos mais vendidos e os mais resenhados no ambiente virtual. Assim sendo,

além de investigar tipos de agência formais ou oficiais entre revisores profissionais, jornalistas e acadêmicos, contudo, também são necessárias pesquisas sobre os tipos de resenhas não profissionais que fazem parte cada vez mais do cenário das plataformas digitais¹¹⁰ (STROWE, 2019, p. 493).

Com isso, concluímos que, apesar das reflexões aqui presentes enfatizarem a resenha formal de jornais e revistas – como já destacado –, o cenário virtual também permite uma análise exclusiva, uma vez que influencia os sistemas literários e a divulgação dos títulos no mercado de uma forma diferenciada, pois atua em um cenário contemporâneo e atinge mais pessoas do que o modelo de resenha impresso. Possivelmente, essas resenhas *online* são mais presentes no mundo de hoje do que resenhas publicadas em papel ou em jornais literários de maior prestígio. De modo geral, “resenhar é uma forma de prática analítica, produzindo um novo texto independente do texto que está sendo resenhado e visando um resultado relativamente pragmático: a avaliação do texto para os interessados em comprá-lo ou lê-lo”¹¹¹ (STROWE, 2019, p. 490). No entanto, as resenhas no ambiente virtual acabam se destacando por seu caráter muito mais interativo, social e dinâmico, mas abrangendo as mesmas características e funções das resenhas de jornais.

No próximo capítulo trataremos das discussões aqui levantadas e tentaremos entender como os tradutores e as tradutoras aparecem nessas resenhas. Nossa pesquisa tem como foco o estudo de resenhas em vídeo, então, o recorte dado levará em conta essas abordagens, o ambiente virtual, a desconstrução do cânone – presente em muitas resenhas – e considerações acerca das traduções dos livros resenhados.

¹¹⁰ “As well as investigating formal or official types of agency among professional reviewers, journalists and academics, however, research is also needed into the types of non-professional reviewing that is increasingly part of the landscape of digital platforms” (STROWE, [1998] 2020, p. 493).

¹¹¹ “[...] reviewing is thus a form of analytical practice, producing a new text that is independent of the text being reviewed, and aiming at a relatively pragmatic outcome: the evaluation of the text for those interested in purchasing or reading it” (STROWE, [1998] 2020, p. 490).

CAPÍTULO TRÊS

Neste capítulo passaremos a tratar dos canais de *BookTube* selecionados a partir de sua relevância para os parâmetros que estabelecemos. Foram considerados nove canais brasileiros com mais de 100 mil inscritos até março de 2020 – este sendo o critério utilizado para definir nosso *corpus*. As *BookTubers* selecionadas foram: Bel Rodrigues, Tatiana Feltrin, Isabella Lubrano, Pam Gonçalves, Paola Aleksandra, Juliana Cirqueira, Beatriz Paludetto e Mellory Ferraz, acompanhadas pelo *BookTuber* Victor Almeida. Nos anexos, constam breves biografias de cada um deles, descrevendo sua trajetória na internet como resenhistas de livros, além das listas dos vídeos assistidos e aqui considerados. Um ponto em comum que observamos é que muitas *BookTubers* também possuem ou possuíam *blogs* literários. Os canais no *YouTube* vieram como um acréscimo daquilo que já estava sendo desenvolvido em escrito, logo, muitas delas já começaram sua trajetória no *YouTube* com um público de seus *blogs*, o que possibilitou que se destacassem na rede. Observamos também que os canais selecionados lidam com diversos públicos e literaturas (o que será apontado e descrito nas análises detalhadas nos próximos tópicos).

Apesar de todas fazerem parte da mesma comunidade literária, cada *BookTuber* possui uma maneira de se expressar e se comunicar com o seu público, por isso analisaremos os casos de cada canal considerando essas variáveis. Dentre eles, encontramos aqueles que destacam a literatura clássica e outros que se dedicam ao público mais jovem, resenhando principalmente fantasias e livros de ficção em geral.

Além de separarmos as *BookTubers* e listarmos todos os vídeos assistidos, indicamos sua ordem cronológica (em anexo). Ressaltamos, ainda, que os materiais que apresentam alguma menção à tradução estarão detalhados nos próximos tópicos e serão acompanhados por uma explicação ou transcrição do conteúdo do vídeo, juntamente a reflexões sobre o que cada uma dessas menções podem significar para a visibilidade dos tradutores. Acreditamos também que nomear as tradutoras e os tradutores é apenas um início da visibilidade e que é possível ir muito além dessa menção dos nomes.

Assim, exploramos o conteúdo dos nove canais e classificamos os vídeos em duas categorias: vídeos antigos e vídeos recentes. Essa primeira separação serviu para observarmos a incidência de menções aos tradutores com o passar dos anos. Aqui, dividimos os dados em dois gráficos: um levando em conta os vídeos antigos (ou seja, os 15 primeiros vídeos postados de cada canal, dos quais as datas de postagem variam

dependendo do ano em que a *BookTuber* criou o canal¹¹²) e outro com os vídeos recentes (considerando os 15 vídeos mais recentes que antecedem a data de 31 de dezembro de 2019). Assim sendo, os 30 vídeos por canal totalizam 135 vídeos recentes e 135 antigos. Antes de seguir para as especificidades dos recortes, destacaremos os dados encontrados nos 270 vídeos considerados no gráfico a seguir.

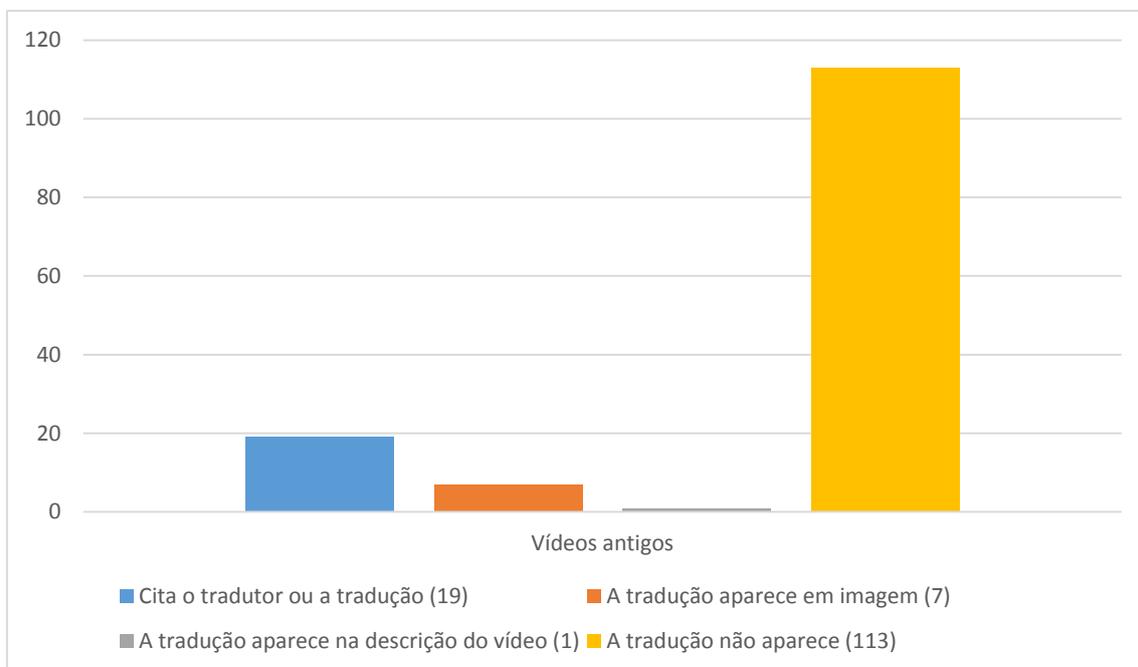


Gráfico 1: quantidade de vídeos antigos

Fonte: elaboração nossa.

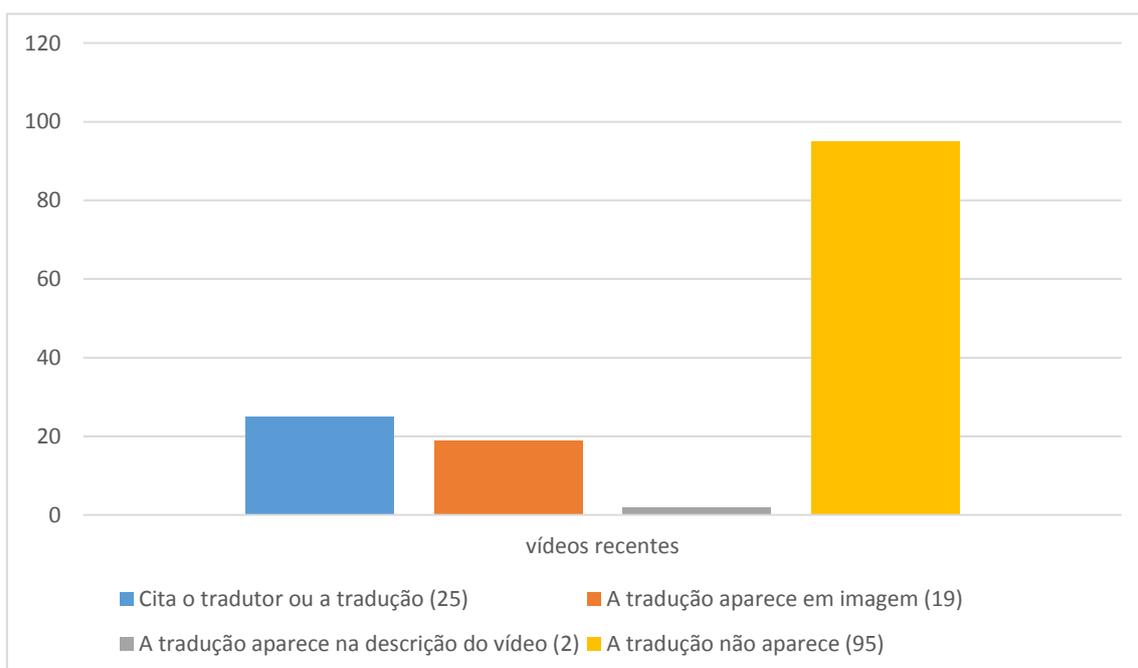


Gráfico 2: quantidade de vídeos recentes

¹¹² Essas datas podem ser observadas no Capítulo 1 no tópico “Metodologia utilizada”.

Fonte: elaboração nossa.

As quatro colunas mostram que, dentre os 270 vídeos, houve um leve aumento da presença das menções à tradução e aos tradutores, ao longo do tempo, nos canais. Ademais, é significativo o número de vezes em que os nomes dos tradutores aparecem escritos na imagem do vídeo, ainda que as “não menções” sejam a maioria, visto que temos 208 vídeos sem qualquer menção à tradução, como observamos no gráfico 3.

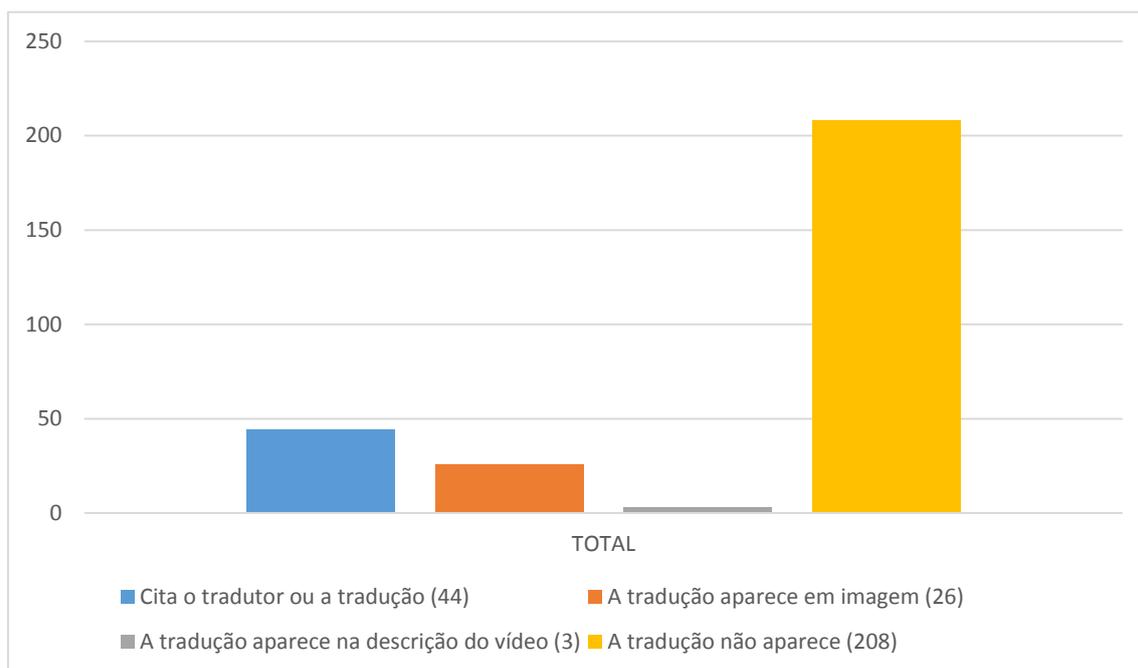


Gráfico 3: quantidade de vídeos total

Fonte: elaboração nossa.

Nesse sentido, podemos distinguir as formas de visibilização da tradução e dos tradutores entre imagética (quando o nome aparece na tela ou na descrição do vídeo) e sonora (quando a *BookTuber* menciona verbalmente o nome de quem traduziu ou quando faz um comentário acerca da tradução). Assim, para ilustrar esses resultados, levantamos alguns exemplos dos elementos buscados nos vídeos para explicitar o material que será discorrido nos próximos tópicos do capítulo.

Um caso de menção sonora à tradução ocorreu no comentário de Isabella Lubrano, do canal *Ler antes de morrer. A BookTuber*, na resenha do livro *Os Miseráveis* (LUBRANO, 2015a), cita o nome do tradutor (José Maria Machado). Em um outro vídeo, Pam Gonçalves (2019a) apresenta o nome da tradutora (Isadora Prospero) escrito no vídeo, logo no início (figura 1).



Figura 1: captura de tela 1

Fonte: Gonçalves (2019a).

Já no vídeo de resenha do livro *Vilão*, a mesma *BookTuber* (GONÇALVES, 2019b), traz o nome da tradutora do livro resenhado na descrição do vídeo, como vemos na figura 2.

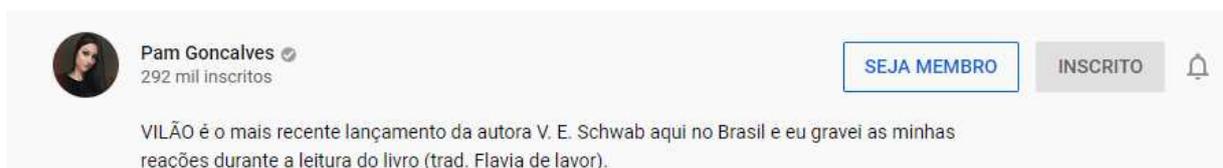


Figura 2: captura de tela 2

Fonte: Gonçalves (2019b)

Destacamos também o comentário de Bel Rodrigues (2019) na resenha de *Sob o Céu Escarlate*. Nessa resenha ela cita o nome da tradutora, como podemos ver na transcrição a seguir, e o coloca escrito no vídeo (figura 3):

[...] a forma como esse livro foi escrito é perfeita. Eu vou colocar o nome da tradutora – se não me engano ela chama Débora – aqui em cima do cantinho da tela, mas assim, eu tenho certeza que é um livro muito bem escrito independentemente da tradução, é lógico que a tradução ajuda muito e foi muito bem traduzido também [...] (RODRIGUES, 2019, 2min4s-2min53s)¹¹³.

¹¹³ Esta e todas as outras transcrições de áudio apresentadas neste trabalho foram retiradas dos vídeos com base na opção “Abrir transcrição” disponível no *YouTube*. Foram feitas revisões e alterações gramaticais quando necessárias ou quando a transcrição não correspondia ao que era dito pela *BookTuber*.



Figura 3: captura de tela 3

Fonte: Rodrigues (2019).

Chama-nos a atenção o fato de a *BookTuber* considerar que esse é um livro “muito bem escrito independentemente da tradução”, pois o comentário tira o poder da tradução como um novo texto e dá a entender que o livro se tornou “bom” pois é bem escrito no idioma original, apesar de Bel apenas ter lido o texto em português. É como se a tradução, nesse caso, fosse tão boa que se tornasse quase invisível, atributo que veremos outra *BookTuber* endossar mais adiante. Ainda, ao finalizar dizendo que a tradução “ajuda muito”, percebemos que o foco de Bel pode estar em ver o texto como se fosse o original, sendo a tradução algo presente ali apenas para fazer “jus” ao que estava escrito. Essas inferências são baseadas no que podemos interpretar do comentário da *BookTuber* no vídeo. Sua intenção de trazer à tona esse tópico, assim como o nome da tradutora, demonstra uma preocupação genuína, no entanto, nota-se como a percepção da tradução ainda vem carregada de esteriótipos, ou seja, há a ideia da tradução como uma ponte, da transferência entre línguas etc. que ainda se fazem presentes nos imaginários dos leitores e consumidores da literatura traduzida.

Também percebemos a aparição dos nomes dos tradutores de forma não intencional (nesse caso imagética), como foi o caso da resenha de *Emily the Strange: Os dias perdidos*, na qual o nome do tradutor (Santiago Nazarian) aparece quando Beatriz Paludetto (2016a) está mostrando o livro por dentro:



Figura 4: captura de tela 4

Fonte: Paludetto (2016a).

Nesse caso, apesar de a menção não ocorrer, é possível ver no vídeo o nome de Nazarian – que traduziu o livro. Embora não seja uma visibilidade sonora (a *BookTuber* de fato falar o nome do tradutor) não podemos descartar que essa aparição, mesmo que não desejada e escondida no canto inferior da tela, visibiliza o nome não apenas do tradutor, mas também de outras pessoas envolvidas na produção do livro, neste caso, os ilustradores. A presença do nome do tradutor e também dos ilustradores, por meio da visibilidade da contracapa do livro, deve-se à paratradução – uma vez que tudo que cerca o material traduzido faz também parte da tradução desse texto para a língua de chegada (YUSTE FRÍAS, 2015).

Como mencionamos, a passagem do tempo também implicou em mudanças na quantidade dos vídeos que, de alguma forma, apresentam a questão da tradução e do tradutor. Nossa hipótese em relação ao pequeno aumento de vídeos que citam os tradutores se fundamenta em um comentário de um vídeo no qual a *BookTuber* Pam Gonçalves (2018) explica os motivos que a levaram a começar a mencionar ou mostrar o nome dos tradutores dos livros que resenha:

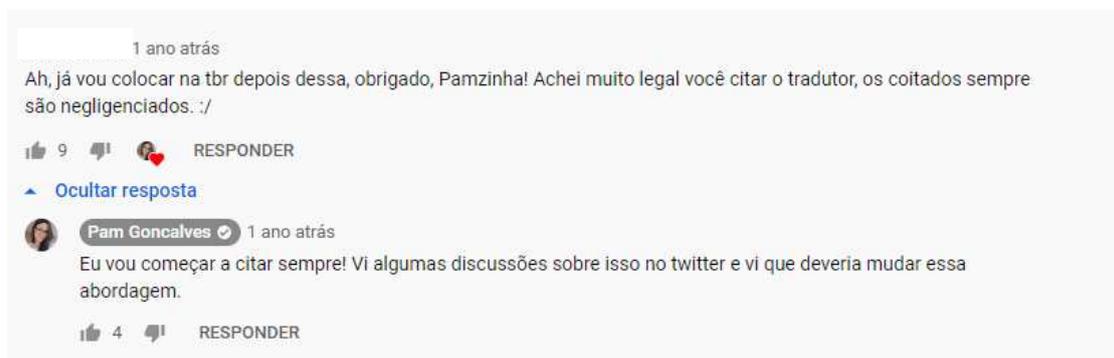


Figura 5: captura de tela 5

Fonte: Gonçalves (2018).

Nessa resenha do livro *O Ceifador* (GONÇALVES, 2018), a *BookTuber* menciona o nome do tradutor, Guilherme Miranda¹¹⁴, e, nos comentários, percebe-se que isso chamou a atenção de um de seus inscritos. Como resposta, Pam afirma que “[viu] algumas discussões sobre isso no *Twitter*” e, com isso, inferimos que as discussões que motivaram a realização desta dissertação de mestrado¹¹⁵, assim como levantadas no primeiro capítulo, também podem ter motivado a *BookTuber* a começar a mencionar os nomes dos tradutores. Chegamos a essa conclusão, pois a data de publicação do vídeo (28 ago. 2018) é muito próxima à data da postagem do *tweet* – já citado no trabalho, mas retomado a seguir –, da tradutora Regiane Winarski, que é bastante influente na rede social.

[b]logueiros amados, CITEM o nominho do tradutor dos livros lá na ficha da sua resenha, que costuma ter autor, editora, número de páginas, se bobear até o ascendente do autor. Ajudem a acabar com a invisibilidade do tradutor. Estamos precisando MUITO (WINARSKI, 2018).

As datas próximas da postagem no *Twitter* e do comentário da *BookTuber* podem significar que essa discussão teve um efeito positivo para a visibilidade dos tradutores nos vídeos. Em nossa análise, vimos que a Pam mencionou os tradutores em todos os seus vídeos mais recentes, que aconteceram após o comentário e a postagem (ver tabelas de vídeos nos anexos). A partir disso, podemos inferir que, assim como ela se motivou pelas discussões que ocorreram nas redes sociais sobre o tema, o mesmo pode ter acontecido com outras *BookTubers*.

Essas discussões que se seguiram no *Twitter* estimularam a menção à tradução e mostram as possibilidades de influência que o meio virtual pode gerar caso a

¹¹⁴ Transcrição: “[...] e a tradução do livro é do Guilherme Miranda que também fez a tradução da sequência do livro este aqui [...]” (GONÇALVES, 2018, 0min26s-0min28s).

¹¹⁵ O projeto desta dissertação também foi escrito no meio do ano de 2018.

discussão chegue às pessoas que trabalham com isso. Foi esse o caso da *hashtag* “#namethetranslator” no *Twitter*, iniciada por Helen Wang em 2013 e que proporcionou discussões sobre o reconhecimento do profissional da tradução a partir de postagens na rede social (CONSTANTINE, 2018, p. 99), e da *Campanha Nome do Tradutor* da ABRATES, que buscou garantir o direito do tradutor por meio de *hashtags* e postagens em redes sociais, como trouxemos no capítulo anterior.

Se observarmos em números gerais, as mudanças são de casos específicos, levando em conta as particularidades de cada canal. Para cada caso, pensamos em hipóteses para justificar as menções ou a ausência delas. No primeiro recorte do corpus, dos vídeos mais antigos, tínhamos 113 deles sem nenhuma menção, já dentre os vídeos mais recentes, essa ausência cai para 95 vídeos, o que indica que temos um aumento de 18 vídeos que citam a tradução ou o nome do tradutor. Consideramos que, mesmo não sendo uma mudança muito expressiva, essa alteração permite reflexões acerca dos motivos para esse aumento e é por isso que vamos explorar algumas das ocorrências, analisadas a partir das características e das diferenças de cada *BookTuber*, visando a compreender se houve alguma mudança específica em algum dos canais selecionados.

Consideramos que a visibilidade vai além da menção falada pelas *BookTubers* ou do nome dos tradutores presente na tela do vídeo, apesar de a citação do nome já ser um passo importante para esse processo de visibilidade uma vez que percebemos que ainda é pequena a quantidade de *BookTubers* que se referem à tradução regularmente no conteúdo produzido. Com isso, nos próximos tópicos deste capítulo vamos expandir nossas discussões para uma abordagem mais minuciosa de casos específicos encontrados nos vídeos e relacioná-los, quando possível, a teorias da tradução que explicitam o que cada comentário pode significar para a presença social dos tradutores.

3.1 Críticas à tradução

As críticas às traduções ocorreram de diversas maneiras nos vídeos. Em boa parte, não houve a menção aos tradutores, mas, sim, críticas diretas ao texto traduzido. Aqui percebemos, a partir de nossas interpretações, a presença de questões envolvendo a estrangeirização e a domesticação dos textos (VENUTI, 1995b); o crédito da tradução

sendo direcionado às editoras e não aos tradutores; apontamentos de “erros de tradução”¹¹⁶ e outras problemáticas apresentadas a seguir.

3.1.1 Créditos à editora

Primeiramente, no caso da resenha do livro *Todo Dia* de David Levithan com tradução de Ana Resende, publicada em 2013, Pam Gonçalves comenta uma escolha tradutória dando os créditos para a editora e não para a tradutora do livro:

[...] o livro vai contar a história do A. Eu falo do porquê a gente tem que se referir a ele de alguma forma ou “do”, ou “da”, ou “o”, ou “a” e o gênero masculino foi o escolhido pela editora como artigo para representar o A. Mas o problema é que o A. não tem um gênero definido [...] (GONÇALVES, 2013, 0min18s-00min36s).

Levantamos essa questão, pois, ao mesmo tempo em que a tradução está sendo comentada, o tradutor permanece invisível, uma vez que o reconhecimento vai para a editora, como se não existisse uma pessoa responsável pela tradução do texto.

Entretanto, comentários como “a tradução de tal editora é muito boa” é uma prática comum entre leitores leigos no assunto. Constantemente essa frase é dita para indicar a autoria de uma tradução, já que a editora é parte desse sistema literário (LEFEVERE, [1992] 2007) e possui um papel de importância no intermédio do livro com o público consumidor. Assim sendo, em relação aos outros exemplos, apesar de ser o único vídeo antigo em que a tradução é citada, apenas nele, dentre todas as ocorrências, Pam reconhece apenas a editora. Em todos os vídeos mais recentes do *corpus*, a *BookTuber* dá os créditos aos tradutores.

3.1.2 O estranhamento da domesticação

Em um vídeo do canal da Bel Rodrigues em que Pam Gonçalves também aparece, as *BookTubers* fizeram a resenha do livro *Obsidiana*, de Jennifer L. Armentrout, com tradução de Camila Pohlman. Os comentários de ambas se destacaram, pois o texto traduzido causou uma estranheza: “[...] [Bel]: a única coisa que achei que pecou mais assim foi na tradução mesmo, porque em uma parte que falou ‘boymagia’ [...] [Pam]: quem fala ‘suar em bicas’? [...]” (RODRIGUES, 2016, 0min45s-0min59s). Nessa passagem, as *BookTubers* trazem dois exemplos da tradução que as deixaram

¹¹⁶ Deixamos entre aspas referências ou citações aos “erros de tradução” neste capítulo, pois acreditamos que não nos cabe afirmar ou definir o que seriam esses “erros”.

incomodadas – o “boymagia” e o “suar em bicas”. Os termos utilizados chamaram a atenção e se destacaram negativamente para elas. Aqui nos cabe uma reflexão sobre o livro ser originalmente em inglês e as *BookTubers*, possivelmente, terem esperado vocabulários da cultura norte-americana, já que a autora¹¹⁷ é estadunidense e a ambientação da história é nos Estados Unidos. Além disso, elas também comentam que imaginaram “a autora americana” falando “boymagia” e para elas isso não faria sentido, uma vez que o termo é utilizado no Brasil e não nos Estados Unidos.

Essa crítica permite uma reflexão sobre a domesticação do texto. Nesse caso, quando as *BookTubers* leem o livro com trechos que “soam” esquisitos, ou então muito mais naturais à cultura do Brasil e não dos Estados Unidos, elas apontam um estranhamento com o texto, o que nos leva a Venuti (1995b), para quem domesticar o texto é

um ilusionismo produzido pela tradução fluente, a invisibilidade do tradutor imediatamente aprova e mascara uma domesticação insidiosa de textos estrangeiros, reescrevendo-os no discurso transparente que prevalece em inglês e que seleciona precisamente os textos estrangeiros passíveis de tradução fluente¹¹⁸ (VENUTI, 1995b, p. 17).

O autor justifica, então, a domesticação como sendo a “ilusão de uma tradução fluente”, o que, em nossa visão, significa que qualquer tradução nunca será completamente domesticada e sempre trará – o tradutor queira ou não – traços da língua do texto de partida. Quando levantamos esse ponto, percebemos que Venuti (1995b) defende a tradução estrangeirizada uma vez que o autor é estadunidense e que sua cultura está em evidência perante as outras devido ao etnocentrismo. Portanto, para ele, quando a tradução para o inglês é estrangeirizada isso destaca língua e cultura estrangeiras, permitindo que os leitores tenham, de fato, contato com o conteúdo que vem de fora. Já a domesticação nos textos traduzidos para o inglês faz com que os elementos linguísticos e culturais estrangeiros sejam mascarados pela língua inglesa e cultura norte-americana, em evidência na tradução. Apesar disso, é impossível que esses elementos sejam completamente apagados em uma domesticação.

No entanto, no exemplo aqui levantado, percebemos que o estranhamento não vem da tradução estrangeirizada (VENUTI, 1995b), que é a que normalmente gera um

¹¹⁷ Jennifer L. Armentrout, autora do livro, vive em Martinsburg, West Virginia.

¹¹⁸ “An illusionism produced by fluent translating, the translator’s invisibility at once enacts and masks an insidious domestication of foreign texts, rewriting them in the transparent discourse that prevails in English and that selects precisely those foreign texts amenable to fluent translating” (VENUTI, 1995b, p. 17).

certo tipo de estranheza ao leitor, pelo contrário, as *BookTubers* esperavam essa estrangeirização, já que sabiam a origem da autora e o contexto da história do livro. Portanto, foi a tradução domesticada que se tornou estranha, o que pode ser reflexo da visão etnocêntrica principalmente da cultura norte-americana no Brasil, fazendo com que esses textos traduzidos para o português do Brasil se tornem mais estrangeirizados, o que possivelmente foi esperado pelas *BookTubers* (aspectos culturais e linguísticos o mais próximo da cultura estadunidense).

Para expandir essa discussão, voltamos a Venuti (1995b) e ao seu comentário acerca de o texto ser aceitável ou não:

[u]m texto traduzido, seja em prosa ou poesia, ficção ou não-ficção, é considerado aceitável pela maioria dos editores, revisores e leitores quando é lido fluentemente, quando a ausência de qualquer peculiaridade linguística ou estilística faz com que ele pareça transparente, dando a aparência de que o texto reflete a personalidade ou a intenção do escritor estrangeiro ou ainda o significado essencial do texto estrangeiro – a aparência, em outras palavras, de que a tradução não é de fato uma tradução, mas o “original”¹¹⁹ (VENUTI, 1995b, p. 1).

Então, a peculiaridade linguística que se faz presente pela domesticação do texto, vai na contramão do que Venuti (1995b) parece esperar de textos como o analisado pelas *BookTubers*. Por outro lado, quando elas assumem que a autora não utilizaria tal vocabulário presente na tradução, elas estão, de certa forma, fazendo uma comparação entre a cultura da autora e a cultura brasileira, o que, para Schulte (1986) seria um traço necessário na pessoa que faz a resenha, no que se refere a saber o contexto de produção da obra. Assim, ao apontar essa informação no vídeo, Pam e Bel demonstram considerar esse aspecto, mesmo que não intencionalmente.

3.1.3 Os títulos dos livros

Comentários positivos sobre as traduções dos títulos dos livros também aconteceram, como foi o caso da resenha de Isabella Lubrano (2019a) de *Um Caminho Para a Liberdade*, de Jojo Moyes, com tradução de Ana Rodrigues, Catharina Pinheiro, Julia Sobral Campos e Maria Carmelita Dias, na qual a *BookTuber* fala sobre o título original da obra em relação à tradução e à escolha feita pela editora:

¹¹⁹ “A translated text, whether prose or poetry, fiction or nonfiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers, and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign text — the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the ‘original’” (VENUTI, 1995b, p. 1).

[...] não por acaso, o título original desse livro em inglês é *The Giver of Stars*, que em tradução livre seria algo como ‘a doadora de estrelas’ ou ‘o doador de estrelas’. Eles preferiram – os tradutores da intrínseca – usar um título diferente: ‘um caminho para liberdade’ [...] (LUBRANO, 2019a, 13min53s-14min11s).

Aqui, o título do livro chamou a atenção de Isabella e, por conhecer a versão em inglês, menciona-a, trazendo sua tradução literal. No entanto, a *BookTuber*, que costuma trazer aspectos linguísticos sobre os livros que resenha, ressalta que a escolha da editora foi por um título diferente, sem justificar os motivos por essa escolha ou dizendo sua opinião pessoal sobre isso. Acreditamos que esse comentário demonstra um aspecto diferente de ver a tradução em relação à maioria das *BookTubers*, pois Isabella ressalta a liberdade criativa da editora pelo título e também mostra que nem sempre a escolha é pelo literal.

Na resenha de um quadrinho francês (*Aurora nas Sombras*, de Fabien Vehlmann & Kerascoët e tradução de Maria Clara Carneiro), a *BookTuber* (LUBRANO, 2019b) também faz uma reflexão sobre a escolha tradutória do título do livro:

[...] Aurora é a tradução de um quadrinho francês que tem um nome fofo chamado *Jolies Ténèbres* que significa literalmente no francês [...] que significa escuridão bonitinha, trevas fofinhas, traduzido para o português, eles colocaram Aurora nas Sombras porque é o nome da protagonista, essa menininha fofo aqui, a Aurora [...] e Aurora é o alvorecer, a claridade e as sombras, e é assim que eles quiseram transportar o título para o português. Eu não sei se foi a melhor tradução possível, porque *Jolies Ténèbres* é muito diferente de Aurora nas Sombras, mas foi a contraposição entre claridade e escuridão que eles quiseram fazer [...] (LUBRANO, 2019b, 2min25s-3min18s).

Nesse comentário, Isabella destaca a diferença do título do livro em francês para o português. A *BookTuber* explica qual seria a tradução literal do título de *Jolies Ténèbres*, mas ela deixa claro que a escolha da editora foi pelo título que faz referência ao nome da personagem principal e que, ao mesmo tempo, tem alguma relação com o título em francês. Esse pensamento de Isabella demonstra que a tradução foi um ponto que chamou a sua atenção e, apesar de não concordar totalmente, seu destaque é positivo, pois demonstra um interesse da *BookTuber* de ir atrás da tradução e tentar compreendê-la. Contudo, notamos que a busca pela tradução literal e a ideia de tradução como “transporte” acontece nessa resenha, enquanto nos estudos acadêmicos essa ideia de literalidade já foi combatida por autores como Antoine Berman ([1985] 2007) e Rosemary Arrojo (1986). Assim, quando analisamos esses vídeos, notamos que essa visão estruturalista ainda é muito frequente e isso nos permite entender de que forma a tradução

ainda é enxergada pelo público consumidor. Apesar desse ponto, ainda considerarmos o comentário de Isabella positivo, pois demonstrou uma preocupação com o assunto.

Por outro lado, é visível também que as *BookTubers* parecem não conhecer com profundidade o processo da tradução literária no mercado editorial. Quando Isabella comenta a escolha da tradução do título dos livros, ela desconsidera que nem sempre os títulos são traduzidos pelas tradutoras ou tradutores, mas, sim, pela equipe de *marketing* da editora que sempre busca uma tradução que gere maior atenção e, conseqüentemente, mais vendas.

Nesse sentido, de acordo com Yuste Frías, “os editores são aqueles que, até agora, sempre decidiram onde e como uma tradução será editada”¹²⁰ (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 32). Isto é, o projeto de tradução apontado por Berman (1995) raramente é criado ou planejado pela própria pessoa tradutora, visto que, na maioria das vezes, são os editores que ditam as regras a serem seguidas por esses profissionais. O grupo de Vigo defende que

é tempo de os tradutores passarem a cuidar de todos os paratextos existentes e de participarem de qualquer processo de tradução, não só os paratextos “autorais” do texto fonte, mas também, e sobretudo, os paratextos “editoriais” do texto de chegada, porque quem se considera autor de uma tradução, com certeza, sempre terá algo a dizer ao editor sobre como sua tradução deve ser editada¹²¹ (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 332).

Assim, ao comentar sobre a escolha de títulos dos livros, as *BookTubers* acabam não considerando os outros profissionais envolvidos nesse processo. A tradução dos títulos se torna responsabilidade do departamento de *marketing* das editoras e os tradutores acabam, na maioria das vezes, não tendo voz nessas escolhas. Entretanto,

quando o tradutor entrega a tradução para a indústria editorial cultural, ele perde toda a possibilidade de direcionar o processo de apresentação daquela obra na sociedade receptora, porém, se algo der errado, isso o tornará o foco de todas as críticas¹²² (VILARINO, 2014, p. 52-53 *apud* YUSTE FRÍAS, 2015, p. 333).

¹²⁰ “Los editores son quienes, hasta ahora, siempre han decidido donde y como sera editada una traduccion” (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 332).

¹²¹ “[E]s tiempo ya de que los traductores se ocupen siempre de todos los paratextos habidos y por haber en cualquier proceso de traduccion, no solo de los paratextos ‘autorales’ del texto de partida, sino tambien, y sobre todo, de los paratextos ‘editoriales’ del texto de llegada, porque quien se considera el autor de una traduccion siempre tiene realmente algo que decir al editor sobre como deberia ser editada su traduccion” (YUSTE FRÍAS, 2015, p. 332).

¹²² “Cuando el traductor entrega la traduccion a la industria cultural de la edicion pierde toda posibilidad de dirigir el proceso de presentacion de esa obra en la sociedad receptora, eso sí, si algo sale mal, se convertirán el foco de todas la críticas” (VILARINO, 2014, p. 52-53 *apud* YUSTE FRÍAS, 2015, p. 333).

Ou seja, como observamos, apesar de as escolhas de títulos ou o projeto de tradução não serem feitos pelos profissionais da tradução na maioria das vezes, a crítica por algum “erro” sempre cairá sobre a pessoa tradutora daquele livro, como se fossem os únicos responsáveis pelo texto. Isso mostra uma desconsideração de que esse material passou por revisões, preparações e edições antes de chegar aos leitores, processo esse que indica que a culpa por alguma falha nesse processo não deveria recair apenas sobre os tradutores.

3.1.4 A crítica negativa

Em outras resenhas, comentários sobre a tradução aconteceram de forma mais superficial, como foi o caso da resenha de *A Redoma de Vidro*, de Sylvia Plath e tradução de Chico Mattoso, na qual Mellory Ferraz (2019a) aponta que não gostou muito do livro e que isso pode ter sido decorrente da escrita ou da tradução:

[...] eu tive algumas ‘complicaçõeszinhas’, não gostei tanto de alguns momentos da escrita, eu achei que foi um pouco abrupta em alguns momentos, talvez isso seja da tradução – não tenho certeza – mas eu não me entendi muito bem com a escrita em alguns momentos e isso fez com que o livro não se tornasse um favorito na minha vida [...] (FERRAZ, 2019a, 12min12s-12min32s).

Por sua vez, na resenha de *A Pequena Sereia e o Reino das Ilusões* de Louise Neill e tradução de Fernanda Lizardo, Beatriz Paludetto (2019a) faz uma crítica de maneira bem enfática e negativa, afirmando que a tradução foi feita “bem nas coxas”, que “está pobre” e que “está ruim”, não trazendo, no entanto, nenhum exemplo que justifique suas afirmações:

[...] gente esse livro está tudo errado, ele é muito bonito, mas a tradução é bem nas coxas assim sabe. Eu não vou dizer que a tradutora é ruim porque pode ser que seja um trabalho que ela fez que pode ter acontecido várias coisas e tenha ficado ruim porque ficou ruim. Tem muitas palavras e muitas partes aqui do livro que está ruim [...] O texto fica pobre porque a tradução ‘tá’ pobre [...] (PALUDETTO, 2019a, 14min16s-14min40s).

Esse comentário negativo levou a tradutora do livro a entrar em contato com a *BookTuber* para se defender e, com isso, Beatriz se retratou em outro vídeo (PALUDETTO, 2019b) e reconheceu que sua crítica não devia ser direcionada à tradução e sim ao livro em geral:

[...] gente, eu achei livro muito problemático sério, então assim, a escrita é ruim e eu até falei no vídeo que eu achei problemas de tradução e depois a tradutora veio falar comigo, e não foi tanto problema de

tradução. Hoje eu reconheço isso, foi que a escrita que é ruim mesmo, tem várias partes do livro que se contradiz [...] (PALUDETTO, 2019b, 4min59s-5min12s).

Ademais, como Berman (1995) aponta, muitos críticos buscam por “erros” e “falhas” nas traduções, sem se preocupar com os motivos que podem ter levado a tais “problemas”, o que é observado na crítica de Beatriz (PALUDETTO, 2019a), na qual, primeiramente, ela “culpa” a tradução pelo fato de o texto estar ruim.

Já no vídeo sobre os livros de *Harry Potter* de J.K. Rowling e tradução de Lia Wyler, Tatiana Feltrin (2012), apesar de fazer a resenha dos livros em inglês, critica a tradução, com foco nas editoras e nos preços caros dos livros traduzidos em comparação aos em inglês. Ela afirma que os tradutores são mal pagos e que possuem prazos a cumprir, mas destaca que muitos desses profissionais “fazem algumas coisas de qualquer jeito” e que “uma revisão sempre pode ser feita”. Com esses comentários, apesar de ela não responsabilizar o tradutor, percebemos a falta conhecimento sobre o mercado editorial, principalmente se considerarmos que todo texto sempre passa pelo cotejo, preparação, às vezes mais de uma revisão, antes de ser oficialmente publicado.

3.1.5 “Erros de tradução”

Comentários diretos a “erros de tradução” também aconteceram. Na resenha do livro *Um Olhar de Amor*, de Bella Andre e tradução de Bárbara Menezes, por exemplo, a *BookTuber* Paola Aleksandra (2012) aponta que: “[...] com relação à tradução, algumas frases ficaram confusas, parece que faltou palavras, mas nada que me atrapalhou conforme o decorrer do livro [...]” (ALEKSANDRA, 2012, 11min59s-12min13s). A esse respeito, chama-nos a atenção que a tradução, de alguma forma, causou estranhamento à *BookTuber*, apesar de ela não especificar qual foi esse desconforto na leitura. Ainda, ela afirma que sentiu que “faltou palavras”, mas por que isso seria um problema da tradução em si e não um “problema” do texto na língua de partida?

Paola (ALEKSANDRA, 2012) em nenhum momento aponta que leu o texto no original para poder afirmar que o erro foi da tradução; ela somente coloca sua percepção com base na leitura que fez, apoiando-se no fato de o livro lido ser traduzido. Seu comentário ressalta a importância do reconhecimento do fato de o ter sido texto traduzido, pois, apesar de não terem sido dados créditos aos tradutores, essa fala de Paola, mesmo que de forma breve, pode motivar discussões sobre o tema, ainda que sem

pretensões de fazê-lo ou sequer imaginando que estaria propondo uma reflexão sobre a tradução.

Na resenha de *Morte Súbita* de J.K. Rowling e tradução de Maria Helena Rouanet, Tatiana Feltrin (2013a) aponta que leu o livro em inglês e a tradução para o português e, a partir disso, faz algumas indagações acerca da tradução. Primeiramente, a partir de uma fala da *BookTuber*, entendemos que essa resenha foi solicitada pela editora *Casa dos Livros*, que pediu para que ela fizesse uma análise não só do enredo, mas também da tipografia e da tradução do livro. Nosso primeiro questionamento é em relação a essa escolha da editora porque, como vemos em sua breve biografia disponível no anexo D, Tatiana é também tradutora. Possivelmente, a editora solicitou que ela também fizesse a crítica da tradução por esse motivo, no entanto, apesar de indicar que a tradução é “muito boa”, ela assinala que não é perfeita, mostrando dois exemplos de “erros” de tradução, não mencionando o nome de Bárbara Menezes, profissional responsável pelo texto. Ela aponta diretamente frases do livro comparando o original com o traduzido:

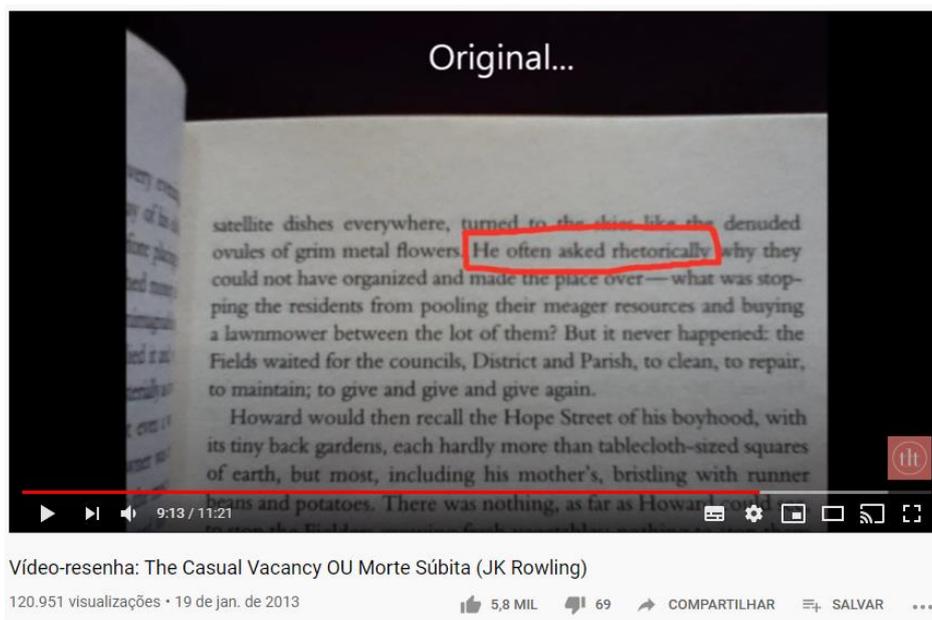


Figura 6: captura de tela 6

Fonte: Feltrin (2013a).

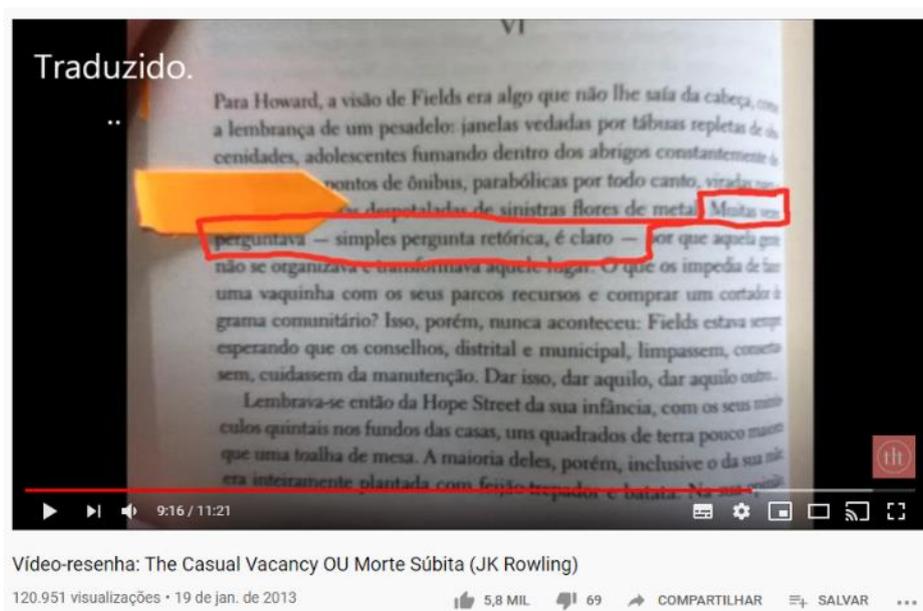


Figura 7: captura de tela 7

Fonte em: Feltrin (2013a).

Nesse caso, o apontamento de “erros de tradução” chama a atenção, pois ela considera “erros” frases que “soam estranho” e que apresentavam explicações excessivas e acréscimos, além de algumas perdas. Inclusive, ela coloca que “[...] não havia necessidade dessa explicação” (FELTRIN, 2013a, 09min56s-9min58s) para certo trecho do livro e diz que esses são detalhes que em nada prejudicam a leitura do livro.

No contexto apresentado, esses “erros” seriam, então, nada mais do que pequenas mudanças no estilo das frases. Maria de Paula Frota (2006), em um texto sobre erros de tradução e o ensino, afirma que é preciso desmistificar possíveis idealizações do que o bom tradutor sabe, reconhecendo o possível desconhecimento do tradutor (FROTA, 2006). Ademais, segundo a autora, “a flexibilidade da linguagem é tal que em uma tradução somos a todo momento convocados a escolher uma palavra em detrimento de outras, uma construção sintática em meio a outras, um possível efeito em lugar de outros” (FROTA, 2006, p. 148). Essa afirmação nos leva a questionar a abordagem da *BookTuber*, pois, mesmo sendo formada em tradução, ela não reconhece que cada tradutor possui suas escolhas individuais, que preferências são subjetivas e que estamos lidando com a não binariedade da língua.

Ainda nesse sentido, em nosso capítulo teórico ressaltamos, a partir de Lefevere ([1992] 2007), que reconhecer os polissistemas envolvidos na atividade de tradução é essencial para uma análise justa das leituras traduzidas. Já com Schulte (1995)

percebemos que “resenhar uma tradução está associado ao impulso imediato de encontrar palavras que o revisor considera mal traduzidas”¹²³ (SCHULTE, 1995, p. 2) e que

esses comentários muitas vezes erroneamente concebidos sobre palavras específicas em um texto acrescentam muito pouco a uma discussão significativa de tradução; pelo contrário, eles podem facilmente estabelecer uma impressão negativa sobre a totalidade de determinada tradução¹²⁴ (SCHULTE, 1995, p. 2).

Vemos essa mesma situação no vídeo do conto *O Barril de Amontilhado*. Nessa resenha, Tatiana (FELTRIN, 2019a), apesar de falar o nome do tradutor José Paulo Paes, faz uma crítica direta a uma passagem do conto, afirmando ser um “probleminha” “*thousand injuries*” ser traduzido como “muitas injúrias”:

[...] então, veja bem, as vezes a gente usa injúria e insulto como sinônimos, certo? E muito bem, esse iníciozinho do conto que eu li ‘pra’ vocês, eu tirei desta edição aqui dos Histórias Extraordinárias traduzido pelo José Paulo Paes. Só que nós temos um probleminha aqui no início, então quando ele diz ‘suportei da melhor forma que pude as muitas injúrias de Fortunato’, no original – que eu tenho aqui nessa edição bonita da Barnes and Noble – ele disse, na verdade, o seguinte, olha só: ‘*The thousand injuries of Fortunato I had borne as I best could, but when he ventured upon insult I vowed revenge*’, então foram a *thousand injuries*, foram mil injúrias, é claro que esse número é exagerado e tudo mais, mas no original a gente tem uma noção maior do problema causado pelo Fortunato aqui [...] (FELTRIN, 2019a, 2min31s-3min43s).

Aqui, ela critica uma parte específica da tradução, o que demonstra que ela está colocando seus saberes de profissional da área em prática, ao mesmo tempo em que constrói seu perfil de crítica e detentora de um conhecimento formal no *BookTube*. Sobre essas reflexões de críticos, Frota (2006) sumariza que

[...] nas críticas ou resenhas: não raro o que o crítico apresenta como uma tradução errada nada mais é do que uma tradução diferente da que ele faria; ou seja, por pensar binária ou dicotomicamente, apenas uma opção é tomada como certa e ao que dela difere só resta ser alocado no campo do erro (FROTA, 2006, p. 20).

Portanto, vemos que Tatiana (FELTRIN, 2019a) reforça um pensamento binarista da tradução e o mesmo acontece quando, alguns anos antes, ela faz a resenha de

¹²³ “[...] reviewing a translation is associated with the immediate impulse to find words that the reviewer considers to have been mistranslated” (SCHULTE, 1995, p. 2).

¹²⁴ “A reviewer checks a word in the dictionary and realizes that the dictionary meaning does not necessarily correspond to what was chosen in the translated text. Every translator knows that word-for-word correspondences do not exist and will hardly ever do justice to a work. Those often erroneously conceived comments about specific words in a text add very little to a meaningful discussion of a translation; to the contrary, they can easily establish a negative impression about the totality of a given translation” (SCHULTE, 1995, p. 2).

Ulisses (FELTRIN, 2012). Para essa crítica, Tatiana fez dois vídeos: em um deles indica a melhor tradução, segundo ela, a ser lida, e no segundo vídeo aborda a tradução. Na crítica, ela comenta a reedição de *Ulisses*, traduzido por Caetano Galindo, dizendo não ter gostado da tradução, preferindo a de Antônio Houaiss devido ao que ela vê como uma fidelidade ao texto. Tatiana (FELTRIN, 2012, 1min54s-2min15s) diz ainda que um bom tradutor “é aquele que some no texto, que você não percebe que está ali”, “empresta[ndo] sua alma/corpo para o autor” e que também “não precisa sair dizendo que traduziu certo livro”. No vídeo, a *BookTuber* coloca também que “tradutores não precisam de holofotes”, como podemos ver a seguir.



Figura 8: captura de tela 8

Fonte: Feltrin (2012).

Para Tatiana (FELTRIN, 2012), diferenciar traduções apontando que a “tradução é de tal tradutor” não existe. Em sua opinião, o livro é do autor e independentemente da tradução o livro jamais será do tradutor. Em um outro momento do vídeo a *BookTuber* fala que não lhe interessa traduções que deixam o texto mais acessível e desqualifica quem não tem “vocabulário para ler James Joyce”. Por fim, ela também infere que uma tradução posterior é mais fácil de se fazer do que uma primeira versão, pois o tradutor da mais recente pode se basear na produção anterior – o que também não é sempre garantido – para fazer a sua. Isso, no entanto, acaba desqualificando ainda mais o trabalho dos tradutores que realizaram essas novas traduções.



Figura 9: capturas de tela 9 e 10

Fonte: Feltrin (2012).

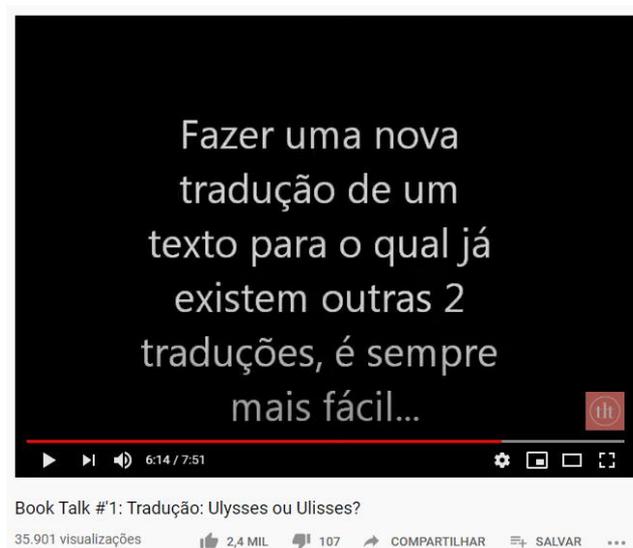


Figura 10: captura de tela 11

Fonte: Feltrin (2012).

Esses pontos nos possibilitam fazer mais alguns questionamentos. De acordo com Maier ([1998] 2009, p. 205), há uma carência de resenhas que tratem da tradução com mais de um único adjetivo e que vão além de julgar o trabalho do tradutor com base em erros isolados. Maier afirma que há tentativas de se estabelecer critérios de avaliação sistemáticos e que “é difícil resumir esses esforços porque os críticos abordam a tradução de várias disciplinas e perspectivas e, conseqüentemente, discutem tradução e avaliação em termos muito diferentes”¹²⁵ (MAIER, [1998] 2009, p. 206). No entanto, uma questão que prevalece é: em que medida os “critérios avaliativos devem ser prescritivos e em que

¹²⁵ “[T]hese efforts are difficult to summarize succinctly because critics approach translation from varied disciplines and perspectives and because, consequently, they discuss both translation and evaluation in very different terms” (MAIER, 2001, p. 206).

medida a avaliação deve incluir tanto o texto traduzido quanto seu original?”¹²⁶ (MAIER, [1998] 2009, p. 207). Possivelmente, a identificação constante de erros de tradução em resenhas e críticas subjetivas significa que ainda prevalece a crítica comparativa e prescritiva, em vez da descritiva.

Em geral, nas resenhas de Tatiana percebemos uma constância de avaliações com base em erros isolados, assim como uma visão estruturalista da tradução, já que a *BookTuber* afirma que prefere uma tradução com fidelidade ao texto original, na qual ela acaba prescrevendo o que seria uma “melhor tradução”. Para refletirmos sobre isso, é interessante retomar o que aponta Arrojo (1986), quando diz que “[...] é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido” (ARROJO, 1986, p. 40). Ou seja, mesmo que busquemos as intenções originais do autor, essa visão sempre será influenciada pela nossa visão de mundo.

Em nossa perspectiva, respaldada por Maier ([1998] 2009), a crítica, por ser subjetiva, teria que ser mais descritiva do que comparativa e prescritiva – ou seja, a intenção seria muito mais descrever como a tradução acontece do que comparar o texto sempre com o original, ou até mesmo prescrever traduções ou projetos de tradução “melhores” – no entanto, a comparação é o que ocorre nas resenhas de Tatiana.

Aqui, a *BookTuber* coloca a tradução como inferior ao texto original, assim como Berman (1995) aponta ser uma atitude comum em críticas de traduções. No entanto, Tatiana não faz o que Berman (1995) sugere como uma das etapas necessárias na crítica de traduções – ler primeiro a tradução e depois o texto de partida –, visto que para ele o ideal seria considerar o contexto geral da tradução e não se atentar a frases soltas. O que a *BookTuber* faz é analisar o texto a partir do cotejo de trechos selecionados, além de também não realizar a “busca pelo tradutor” da obra. Nesse sentido, seguindo os panoramas defendidos pelo teórico, a *BookTuber* não constrói os argumentos que fundamentariam a sua crítica, pois ela não leva em conta a posição de Caetano Galindo como tradutor de *Ulisses*.

Com isso, percebemos que os comentários de Tatiana demonstram um perfil de “autoridade” diante de textos traduzidos, uma vez que a *BookTuber* também é

¹²⁶ “[T]o what extent should evaluative criteria be prescriptive and to what extent should evaluation include both the translated text and its original?” (MAIER, [1998] 2009, p. 207).

tradutora, fazendo com que suas opiniões e critérios arbitrários para criticar as traduções sejam recebidos como verdade absoluta pelo público de seu canal.

3.1.6 Retraduções

No nosso corpus, algumas resenhas destacaram o fato de o texto lido ser uma retradução. Na resenha de *O Silêncio dos Inocentes* de Thomas Harris, traduzido por Antonio Gonçalves Penna, por exemplo, Tatiana Feltrin (2019b) comenta a nova edição e tradução do livro, por ela considerada melhor, já que a anterior “realmente” precisava de uma “repaginada”:

[...] eu já li o primeiro volume, só não tem vídeo aqui no canal ainda porque saiu recentemente uma edição novinha desse livro, – é uma coisa que o pessoal que gosta de Thomas Harris vinha pedindo há bastante tempo – parece que a tradução anterior não era tão bacana, enfim realmente era um livro que merecia uma repaginada [...] (FELTRIN, 2019b, 0min58s-01min16s).

O mesmo acontece com a resenha de Beatriz Paludetto (2019c), que preferiu a versão mais recente e “atualizada” de *O Grande Gatsby* de F. Scott Fitzgerald feita por Cristina Cupertino, em comparação à encontrada em um sebo, de Breno Silveira.

Pensando em retraduições, Koskinen e Paloposki (2003), partindo do contexto finlandês, apontam que na maioria das vezes as críticas descrevem essas novas traduções como sendo melhores que as anteriores:

[a] cobertura da mídia é [...] tipicamente positiva: as novas traduções são descritas como “mais completas”, “mais precisas”, “mais próximas do original”, “modernas”, “novas” e “agradáveis”, e os editores são elogiados por tratar os leitores finlandeses com essas versões aprimoradas. Os resenhistas seguem a lógica da *Retranslation Hypothesis*: a nova tradução é mais orientada para o texto-fonte (mais precisa, mais confiável e, portanto, melhor) do que as versões anteriores.¹²⁷ (KOSKINEN; PALOPOSKI, 2003, p. 32).

Também a esse respeito, Lenita Maria Rimoli Pisetta (2016) pontua que as traduções podem envelhecer, ao contrário das obras originais, sendo esse um dos motivos para que uma retradução exista. Entretanto, esse processo ocorreria não por uma questão do velho/novo, mas, sim, devido a uma resignificação dos textos. Para ela,

¹²⁷ “Media coverage is also typically positive: the new translations are described as “more complete”, “more accurate”, “closer to the original”, “modern”, “fresh”, and “enjoyable”, and the publishers get praise for treating the Finnish readers with these improved versions. The reviewers follow the logic of the *Retranslation Hypothesis*: the new translation is said to be more source-text oriented (more accurate, more reliable and thus better) than the previous version(s)” (KOSKINEN; PALOPOSKI, 2003, p. 32).

as obras originais são relidas (e ressignificadas) a cada vez que alguém se põe a lê-las, de modo que elas vão se transformando ao longo do tempo. Equivocada ou não, essa crença na obsolescência da tradução é a principal justificativa para a realização de novas traduções de determinadas obras (PISETTA, 2016, p. 657-658).

Ou seja, as novas leituras e interpretações de um texto permitem que outros significados sejam construídos, trazendo novas perspectivas para as traduções e gerando retraduições. Assim sendo, na maioria dos exemplos, a tradução atual é elogiada e considerada “melhor” do que a anterior, pelo menos no contexto mais atual. Para os resenhistas, no entanto, isso pode ser uma sensação gerada pela nova tradução, fruto de um “achismo” de que o texto atualizado seja melhor e não que realmente traga uma característica do texto. Em contrapartida, um exemplo que contradiz o que os autores afirmam é o caso da resenha de *Ulisses*, apresentada no tópico anterior, uma vez que notamos que, para Tatiana Feltrin, a retradução do livro pode não ter vindo como uma crítica à primeira tradução, assim como defende a última máxima de Berman (1995) – da crítica produtiva – apresentada no segundo capítulo, o que indica que a *BookTuber* enxerga, portanto, a retradução da obra como um texto “inferior” perante as outras traduções do livro.

3.2 Textos canônicos

No material analisado, percebemos uma diferença no tratamento dos textos canônicos em relação a outros livros (de fantasia, contemporâneos etc.). Quando a resenha é de um livro atual, raramente a tradução é mencionada, ao contrário de resenhas de livros clássicos, nas quais o resenhista acaba citando a tradução muito mais frequentemente, falando, por exemplo, qual é a melhor tradução, uma vez que outras versões traduzidas já podem existir. Isso pode estar relacionado à linguagem mais acessível do livro contemporâneo – que entendemos aqui como sendo aqueles publicados na época em que os vídeos foram postados. Nossa hipótese em relação a isso leva em consideração que textos contemporâneos podem não despertar o mesmo olhar crítico em relação a aspectos linguísticos (o que inclui a tradução) do livro resenhado. Por isso, as *BookTubers* podem acabar dando foco a outros aspectos da resenha como as opiniões pessoais sobre o enredo do texto. Por outro lado, essa informação se faz mais presente em resenhas de textos clássicos porque pode significar que as *BookTubers* acreditam que o leitor atual precisa saber se a tradução do livro resenhado é boa e se a leitura da obra será tranquila, apesar da linguagem mais complicada.

Consideramos essa uma abordagem possível, pois, quando um leitor se depara com um texto clássico, ele possivelmente não sabe se vai conseguir lê-lo e, por isso, ao buscar a resenha desse livro, pode esperar que discussões sobre a linguagem, incluindo a tradução, também sejam feitas. Percebemos que em canais como o de Tatiana Feltrin, Isabella Lubrano e Mellory Ferraz, que costumam resenhar livros clássicos, há uma maior presença de discussões sobre as traduções, ao contrário do canal de Victor Almeida, por exemplo, que é focado em livros contemporâneos e não apresenta nenhuma reflexão sobre a tradução. Esses apontamentos não implicam no conteúdo de um canal ser considerado melhor do que o outro, mas, sim, na diferença de abordagem e nas suas intenções ao resenhar livros, que principalmente leva em consideração o público-alvo de cada um.

Um canal que se destaca por essa abordagem é o *Ler antes de Morrer*, de Isabella Lubrano. A *BookTuber*, que faz resenhas de diversos livros, em sua maioria, cânones da literatura (brasileira e mundial), quando resenha textos que são traduzidos busca comentar a tradução, como acontece na resenha (LUBRANO, 2015a) de *Os Miseráveis*. No vídeo, a *BookTuber* faz uma crítica à editora, que não fala que o livro é uma versão condensada da história, além de citar o nome do tradutor: José Maria Machado.

Já em uma resenha de *Crime e Castigo* de Fiódor Dostoiévski, traduzido por Paulo Bezerra, Isabella (LUBRANO, 2015b) diz que o público deve “tomar cuidado” com as traduções dessa obra porque nem todas são iguais, indicando uma tradução/edição que preferiu: “[...] enquanto as outras traduções foram feitas com outro intermediário que geralmente é do francês ou do alemão, essa daqui foi feita do russo para o português e pode ser coincidência, não sei, eu achei mais fácil de entender [...]” (LUBRANO, 2015b, 7min36s-7min47s).

Observamos também a preocupação pelo texto integral das obras e com os pares linguísticos da tradução, principalmente se o texto for traduzido diretamente de línguas menos presentes em nossa cultura, como é o caso da tradução de *Crime e Castigo*, feita do russo, língua original da obra, para o português. Neste caso, percebemos a ideia defendida por Berman (1995) de se conhecer o projeto de tradução do texto resenhado, isto é, de saber quais caminhos o tradutor tomou para a realização da tradução. A relevância dos livros também é mostrada por meio do número de traduções, como se isso indicasse que quanto mais traduções um livro possui, mais influência ele tem na sociedade.

Tatiana (FELTRIN, 2013b), ao fazer a resenha do clássico *A Arte de Escrever* de Arthur Schopenhauer, traduzido por Pedro Süsserkind, comenta que, apesar de o livro apresentar na contracapa que o texto é integral, na introdução o tradutor aponta o contrário. Curiosamente, nesse vídeo ela menciona um trecho do livro de Schopenhauer que trata dos tradutores e da tradução de poemas:

[p]oemas não podem ser traduzidos, mas apenas recriados poeticamente; e o resultado é sempre duvidoso. Mesmo na prosa, as melhores traduções chegam, no máximo, a ter com o original uma relação semelhante à que se estabelece entre uma certa peça musical e sua transposição para outro tom [...] uma biblioteca de traduções é como uma galeria de artes que só expõe cópias (FELTRIN, 2013b, 13min36s-14min06s).

Em seguida, Tatiana expõe sua própria opinião sobre o assunto: “[...] eu sempre achei que a melhor coisa a se fazer é você conhecer a língua do original, mesmo sendo formada em tradução [...]”. Percebemos que o texto canônico proporcionou uma reflexão à *BookTuber* acerca da sua própria visão de tradução. Tatiana, apesar de formada na área, replica e concorda com a visão de Schopenhauer de que a tradução pode ser uma cópia, de que poemas não podem ser traduzidos e de que a tradução seria uma “transposição” – todas essas ideias já muito desconstruídas por estudiosos da área. Entretanto, notamos que o texto lido e resenhado é também traduzido para o português e que as opiniões de Tatiana, que também é tradutora, se tornam contraditórias no momento em que resenha o livro e concorda com as máximas de Schopenhauer.

Por fim, com a resenha desses livros clássicos, entendemos que o reconhecimento da obra faz com que a tradução se torne um tema de importância em resenhas. Notamos que uma parte dos tradutores desses textos é reconhecida – seja por causa da fama ou por serem estudiosos ou especialistas no autor ou livro traduzido – e que são esses os profissionais que mais são enaltecidos e comentados. Nesse sentido, apontar quem traduziu um texto como *Alice no país das maravilhas* seria mais importante do que apontar quem traduziu *A culpa é das estrelas*, por exemplo. São essas análises que nos fazem questionar o status do livro e o que leva as *BookTubers* a comentarem de forma mais detalhada os livros ditos canônicos da literatura. Ainda nesse tema cabe, inclusive, reflexões que ultrapassam a tradução, pois acreditamos que elas vão além desse aspecto e se encaminham para problematizações envolvendo o que é o cânone e o que dita qual literatura é superior à outra. Temos, assim, uma possibilidade de entender a literatura traduzida muito mais amplamente.

3.3 Tradutores famosos

Passando por autores consagrados ou preferências por traduções renomadas, as *BookTubers* também demonstram certo interesse nos nomes que levam a autoria das traduções, como destacamos acima. Utilizamos esse critério porque o status da pessoa que traduziu um livro pode impactar na forma como o leitor, ou neste caso a *BookTuber*, irá ler e comentar a obra. Possivelmente, se esses livros não fossem traduzidos por tais pessoas, as *BookTubers* sequer os comentariam. Ressaltamos, então, as características desses vídeos em específico, pois mostram um lado da tradução que, de fato, tem prestígio – é válido ressaltar que muitos desses nomes não são apenas tradutores, suas outras funções ou profissões os fazem conhecidos, o que gera o destaque de sua tradução perante as outras.

No vídeo de Beatriz Paludetto (2018), por exemplo, ao comentar os livros góticos de Edgar Allan Poe e HP. Lovecraft, ela cita as famosas traduções de Machado de Assis e Fernando Pessoa de *O Corvo*, de Poe. Apesar de ela não ler a versão desses autores, pois vemos abaixo que a tradução lida foi a de Márcia Heloísa, ela busca mostrar seu próprio conhecimento sobre essas traduções feitas por autores renomados.

Nessa resenha, ressaltamos que novamente a *YouTuber* mostra a contracapa do livro que, além de conter o nome do autor, também apresenta o nome da tradutora e da pessoa quem fez a ilustração do livro, o que consideramos parte essencial do estudo da visibilidade dos profissionais envolvidos nessa edição, devido aos conceitos defendidos por Yuste Frías e a Escola de Vigo sobre a paratradução (2015), que já trabalhamos.



Figura 11: captura de tela 12.

Fonte: Paludetto (2018).

Na resenha de *A Metamorfose*, Isabella Lubrano (2019c) aponta o nome do tradutor Modesto Carone, afirmando que ele é o maior especialista em Kafka no Brasil. Usa, então, um livro de ensaios, críticas e aulas que Carone fez de Kafka para basear suas interpretações da obra. Desse contexto, destacamos o fato de a *BookTuber* ter preferido a tradução de Carone a outras, firmando a escolha por alguém prestigiado e especialista na obra clássica, sem apresentar nenhum outro comentário que justificaria sua preferência por algo que não fosse o reconhecimento do profissional na área.

Já no canal de Beatriz Paludetto (2016b), destaca-se a resenha de *Alice no País das Maravilhas*, traduzido por Jorge Furtado e Liziane Kugland, em que Beatriz enaltece a adaptação de poemas, referências, piadas, etc. para o português e a cultura do Brasil. Nesse ponto, a domesticação do texto foi vista como algo positivo ao facilitar e adaptar o texto para a nossa realidade. Além disso, o nome de Jorge Furtado eleva o status da obra já que, além de tradutor, ele é cineasta, diretor premiado, ator, roteirista e escritor, características que levam a uma menção diferenciada de outras traduções aqui comentadas.

Beatriz comenta ainda a adaptação cinematográfica de *Alice no País das Maravilhas* da *Disney*, lançada em 2010, reconhecendo-a como uma tradução intersemiótica: “[...] eu não vou entrar aqui em tradução semiótica, se você não sabe, é [...] quando você pega um livro um filme faz uma tradução midiática [...]” (PALUDETTO, 2016b, 0min42s--min47s). Essa tradução intersemiótica é definida por Roman Jakobson ([1959] 2003) como sendo a “interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (JAKOBSON, [1959] 2003, p. 65), ou seja, qualquer tradução de um objeto textual para um outro formato – por exemplo, adaptações cinematográficas, história em quadrinhos, jogos, série de TV etc. Aqui, apesar de não termos o nome do “tradutor” citado diretamente, entendemos essa menção da mesma forma que a anterior, visto que é uma adaptação feita e “traduzida” para o cinema, também reconhecida e enaltecida na resenha.



Figura 12: captura de tela 13
 Fonte: Paludetto (2016b, 51s).

Por sua vez, na resenha de *O Hobbit* de J.R.R. Tolkien, Tatiana Feltrin (2013c) elogia a obra traduzida por Lenita Pisetta: “[...] a tradução de *O Senhor dos Anéis* junto com a do *Hobbit* é o que a gente pode chamar de tradução primorosa. Gente, isso aqui foi muito bem feito pela professora Lenita [...]” (FELTRIN, 2013c, 6min36s-6min46s). Além desse comentário, ela indica o livro *O Trabalho da Tradução*, de Márcia Pietroluongo (2009), para quem tem interesse na área de tradução e em procedimentos técnicos.

Na resenha, Tatiana mostra um texto da professora Pisetta acerca da tradução de *O Hobbit* e comenta que não concorda com muitos fóruns de pessoas reclamando da tradução. Além disso, fala sobre o fato de Lenita não ter recebido créditos dos direitos autorais das traduções usadas nas legendas do filme. Portanto, nesse caso, percebemos a defesa e a exaltação da tradutora e do seu trabalho, ao contrário do que fez na resenha de *Ulisses* de Caetano Galindo, em que a *BookTuber* afirma que, ao contrário de Galindo, Pisetta não se “gabou” pelas traduções que fez.

Outro caso que podemos apontar é a resenha de *Cartas a Um Jovem Poeta*, em que Tatiana (FELTRIN, 2013d) cita o nome dos tradutores das cartas: Paulo Rónai e Cecília Meireles. No final do vídeo, ela coloca uma tradução de um outro poema do autor do livro resenhado (narrado no vídeo) e o nome da tradutora em uma imagem:



Figura 13: captura de tela 14

Fonte: Feltrin (2013d).

Aqui percebemos que a tradução esteve presente no vídeo como um todo, mas com o foco nos tradutores e não no texto, como feito anteriormente. Neste caso, tanto Paulo Rónai quanto Cecília Meireles são conhecidos e reconhecidos não apenas como tradutores, mas também como crítico e escritora, respectivamente. Por terem feito a tradução do livro, a menção de seus nomes na resenha de Tatiana destaca e eleva o status da obra no meio literário do *BookTube*.

Neste trecho da análise que empreendemos sobre tradutores famosos, foi possível notar que quando o nome que dá autoria à tradução é conhecido, notamos uma mudança de comportamento em algumas *BookTubers*. A menção a esses profissionais se dá de forma muito mais frequente e, possivelmente, isso ocorre pelo status que o próprio volume do livro dá a esse fato: textos iniciais, prefácios ou talvez o nome do tradutor na capa do livro facilita que o consumidor reconheça essas pessoas que traduziram os textos, sendo um possível chamariz para a divulgação e a venda do livro. Nesse sentido, quando temos um livro traduzido por Machado de Assis ou Clarice Lispector, ele levará a uma possível venda de muito mais cópias do que as versões traduzidas por um nome sem esse status.

Nesses casos, o juízo de valor atribuído aos tradutores famosos e aos livros clássicos demonstram como o campo literário e da tradução é ainda muito envolvido por um pensamento elitista que dá preferência ao que já possui um referencial “canônico”. É fato que as traduções feitas por nomes conhecidos sempre serão mais prestigiadas e reconhecidas e isso é bem-vindo em uma área que ainda engatinha para ter reconhecimento de seus profissionais. Entretanto, poucos são os tradutores concebidos como canônicos, seja pela tradução ou por algum outro trabalho, visto que, muitas vezes,

os profissionais mais requisitados para obras tidas como mais “relevantes” são aqueles que já são famosos, enquanto a maior parte dos textos será traduzida por pessoas que possivelmente só aparecerão na contracapa do livro.

3.4 Elogios à tradução

Mellory Ferraz, apesar de já ter resenhado *Alice no País das Maravilhas*, se dedicou a comentar a obra, com detalhes, em um vídeo mais recente (FERRAZ, 2019b) (disponível em nossa tabela no anexo B). Dessa vez ela resenha a edição da *Darkside*, traduzida por Marcia Heloisa. Primeiramente, Mellory usa adjetivos como “difícil” e “desafiadora” para classificar a tradução, pontuando que há um “tratamento de linguagem próprio”, além de questionar os limites entre o traduzir e o adaptar:

[...] diálogos repletos em figuras de linguagem, trocadilhos e questões de vocabulário que tornam até mesmo a tradução bastante difícil e desafiadora. Porque nós temos aqui um tratamento da linguagem bastante próprio [...], e os limites entre traduzir e adaptar se tornam bastante discutíveis (FERRAZ, 2019b, 5min52s-8min16s).

Nesse contexto, podemos recorrer a Linda Hutcheon, que conceitua a adaptação e a sua relação com a tradução no livro *Uma teoria da adaptação* (2011), para comentar essa análise. Para ela,

tal como a tradução, a adaptação é uma forma de transcodificação de um sistema de comunicação para outro. Com as línguas, nós nos movemos, por exemplo, do inglês para o português, e conforme vários teóricos nos ensinaram, a tradução inevitavelmente altera não apenas o sentido literal, mas também certas nuances, associações e o próprio significado cultural do material traduzido. Com as adaptações, as complicações aumentam ainda mais, pois as mudanças geralmente ocorrem entre mídias, gêneros e, muitas vezes, idiomas e, portanto, culturas (HUTCHEON, 2011, p. 9).

A *BookTuber* expõe os conhecimentos linguísticos de sua formação em Letras e apresenta comentários específicos sobre a tradução e a adaptação da obra, destacando pontos como a literalidade esperada em uma tradução, em comparação com a adaptação, associando-a a uma recriação que se distancia do original:

[q]uando se relaciona com tradução, nós falamos bastante de literalidade e quando é a adaptação, tem bastante um olhar crítico em relação a isso porque seria mais uma recriação, muitas vezes, se distanciando do original, perdendo bastante desse texto de origem [...] (FERRAZ, 2019b, 8min22s-8min40s).

Mellory também discute o livro como um produto editorial de uma empresa e aponta que o tratamento realizado no texto influencia e direciona o livro para

determinados públicos. Ela comenta, ainda, o prefácio da tradutora Marcia Heloisa, explicando que a profissional assumiu riscos ao colocar expressões atuais no livro:

[e]m um dos textos do prefácio nós temos um da própria tradutora que é a Márcia Heloísa e ela diz aqui que é um processo criativo, orientado pela necessidade de manter a lealdade e aceitando que fidelidade é impossível (FERRAZ, 2019b, 9min17s-9min31s).

A *BookTuber*, então, declara que achou esse processo “bastante interessante” já que o livro é voltado para o público infantojuvenil e isso o torna “atraente” para as crianças e jovens¹²⁸. No final do vídeo, ela mostra os livros em que baseou seu vídeo e suas discussões: o primeiro se chama *Alice no País das Maravilhas e a Filosofia: cada vez mais e mais curioso* (IRWIN, 2010) e o segundo, *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas* (AMORIM, 2005).

Então, nesse vídeo, percebe-se a dedicação da resenhista ao fazer pesquisas para comentar a obra, sua tradução e sua adaptação. A quantidade de elogios ao texto traduzido acompanhado de uma reflexão crítica confere a essa resenha uma característica diferente das outras aqui apresentadas e discutidas. A nosso ver, esse vídeo exprime o que, na fundamentação teórica comentamos ser “uma resenha de tradução esperada”, como definida por Christ (1982), Maier (1990) e Berman (1995) no capítulo anterior, tendo a *BookTuber* o objetivo de resenhar não apenas a obra, mas tudo o que lhe cerca, inclusive a tradução.

3.5 Resenhas de outros tipos de traduções

Em resenhas de traduções bilíngues, como a de *Poética*, de Aristóteles, Mellory (FERRAZ, 2019c) fala apenas sobre a tradução, visto que o livro original é em grego antigo. A *BookTuber* comenta que essa tradução bilíngue de Paulo Pinheiro é “ótima” e “incrível” porque o tradutor escreveu uma introdução “muito boa”. Além disso, aponta que a edição traz notas ao longo do texto do próprio tradutor sobre o processo de tradução, direto do grego:

[...] essa edição além de uma tradução ótima, é bilíngue, então desse lado nós temos o texto original em grego e aqui a tradução que é do Paulo Pinheiro, que escreveu uma introdução inclusive muito boa. Essa edição ela realmente muito incrível para você quer estudar esse livro porque também traz algumas notas ao longo de todo o texto do próprio tradutor referentes a questões editoriais do texto mesmo e de como ele encontrou esse texto para traduzi-lo. Porque sim, é traduzido direto do

¹²⁸ Em um adendo, Mellory comenta o poema *Fantasmagoria* de Lewis Carroll, publicado em 1869, traduzido por Leandro Durazzo e presente na mesma edição resenhada pela *BookTuber*.

grego. Ele fala muitíssimo sobre o que é tragédia para ele ou que é um ápice da tragédia em termos de construção de enredo, porque o enredo é o que importa aqui [...] (FERRAZ, 2019c, 9min37s-10min24s)

Outra *BookTuber* que enaltece uma tradução bilíngue é Beatriz Paludetto, que se volta a *Ariel* de Sylvia Plath, traduzido por Rodrigo Garcia Lopes e Cristina Macedo. Ela alega ter lido a edição bilíngue e gostado de fazer a comparação entre a versão em inglês e a traduzida para o português (PALUDETTO, 2019d, 10min56s-11min10s).

Já em relação à tradução de histórias em quadrinhos, destaca-se a resenha de *Fun Home* de Alison Bechdel e tradução de André Conti, em que Mellory (FERRAZ, 2019d, 2min05s-2min25s) comenta:

[...] gostei muito de cotejar e ver como que é o original, como ficou o trabalho da tradução, porque sempre quando a gente fala da tradução de histórias em quadrinhos também tem outra ‘questãozinha’ delicada que é em relação ao texto visual, não apenas ao texto traduzido que é o escrito [...].

Aqui notamos a relevância dada à tradução intersemiótica do texto e da imagem, apontada por meio do cotejo de duas versões dos quadrinhos.

Cabe mencionar ainda os comentários feitos para a tradução colaborativa de *As Irmãs Makioka* de Jun Tanizaki, assinada por Leiko Gotoda, Kanami Hirai, Neide Hissae Nagae e Eliza Atsuko Tashiro, que traduziram o texto do japonês para o português. Tatiana Feltrin (2019d, 14min58s) cita em sua resenha o nome da professora Neide Hissae Nagae, uma das organizadoras do livro, a qual foi entrevistada em um programa chamado *Literatura Fundamental*. A *BookTuber* ressalta a forma como foram traduzidas as gírias e dialetos no livro e afirma que achou a solução “sensacional”, pois os tradutores optaram por dizer que certas conversas foram feitas no dialeto do local em que o livro se passa e não teve uma domesticação para algo do português, uma vez que, de acordo com ela, “fica inverossímil porque aqueles personagens moram lá em Tóquio e não moram em São Paulo”.

Por fim, no vídeo sobre *Paraíso Reconquistado* de John Milton e traduzido por Guilherme Gontijo Flores (coordenador), Adriano Scandolara, Bianca Davanzo, Rodrigo Tadeu Gonçalves e Vinicius Ferreira Barth, a mesma *BookTuber* (FELTRIN, 2019e) fala que provavelmente conseguiu entender melhor o texto por causa da tradução, feita por quatro pessoas diferentes. Além disso, ela elogia a edição que tem textos de apoio “excelentes” sobre o contexto histórico e as escolhas tradutórias.

3.6 O nome na tela – a visibilidade imagética

Consideramos até o momento as menções à tradução apenas comentadas verbalmente nos vídeos. No entanto, elas também apareceram de outras maneiras no material que selecionamos, por meio de imagens ou então em discussões inesperadas, como nos comentários de um vídeo, por exemplo.

Entre as resenhas mais recentes do canal de Pam Gonçalves – de acordo com o recorte aqui feito e disponível no anexo A – podemos ver o nome dos tradutores de diferentes formas:

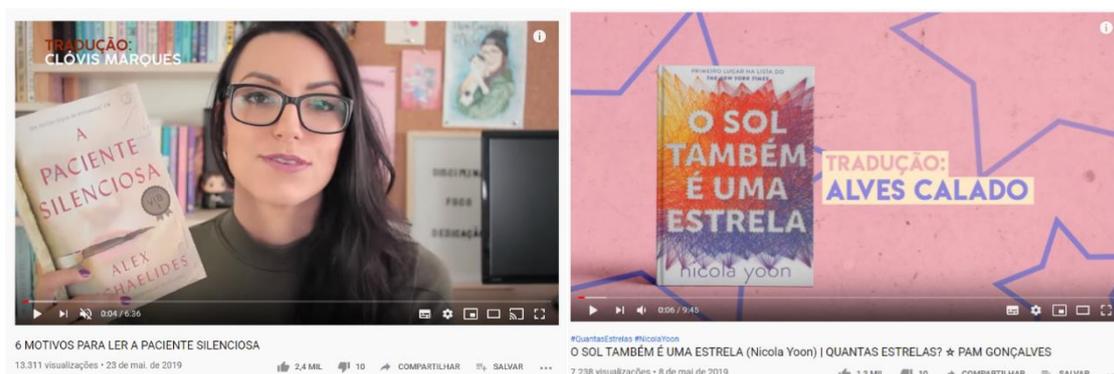


Figura 14: capturas de tela 15 e 16

Fonte: Gonçalves (2019c, 2019d).

Destacamos em especial o vídeo do livro *Garoto Devora Universo*, em que a *BookTuber* (GONÇALVES, 2019e) divulga que a tradutora, Regiane Winarski, já mencionada nesta dissertação, possui uma *newsletter*, colocando o *link* na caixa de descrição do vídeo. Além disso, vemos o comentário de agradecimento feito por Winarski.

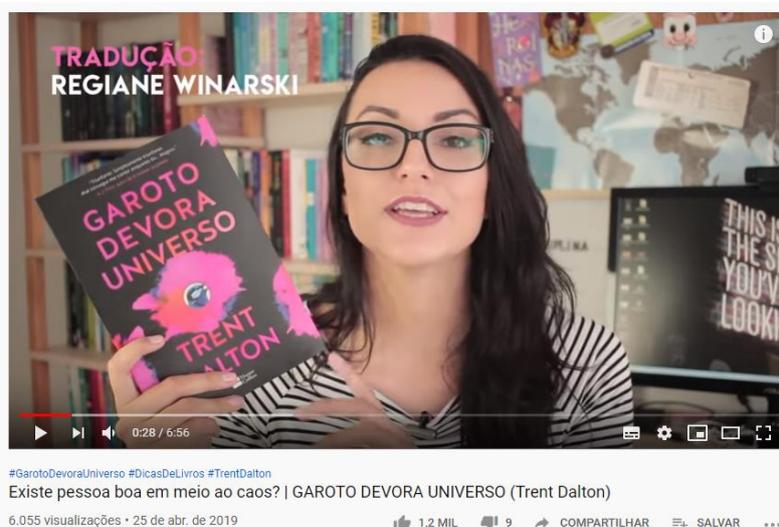


Figura 15: captura de tela 18

Fonte: Gonçalves (2019e).

Nesse mesmo vídeo, Pam afirma que Winarski é uma das tradutoras que ela mais lê, o que demonstra que a *BookTuber* procura saber o nome dos tradutores.



Figura 16: captura de tela 19

Fonte: Gonçalves (2019e).

Já na seção de comentários do vídeo, a tradutora agradece a menção, o apoio e a divulgação da sua *newsletter*, assim como recebe elogios de outros leitores inscritos no canal de Pam.

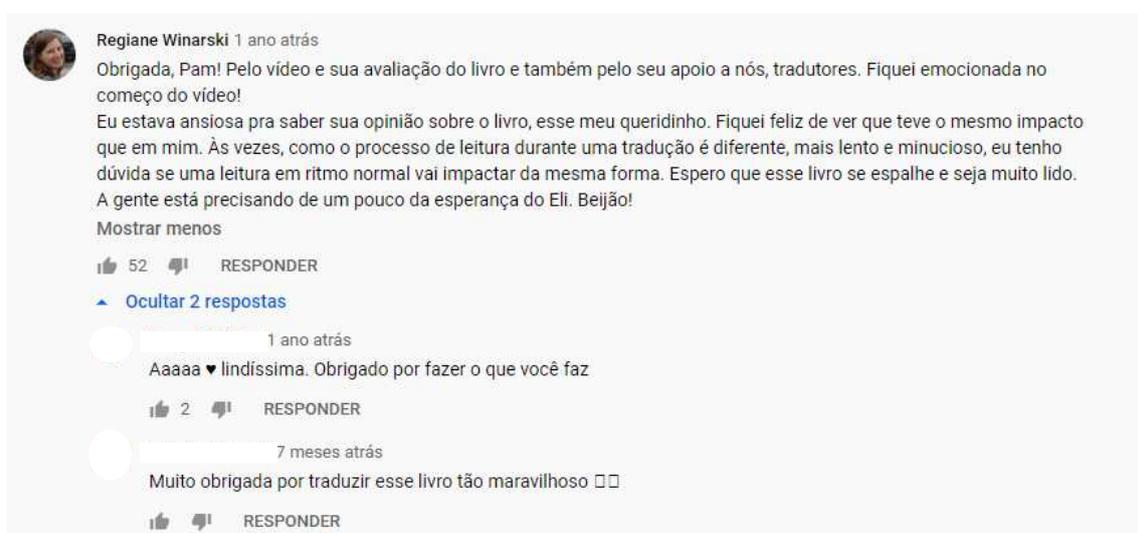


Figura 17: captura de tela 20

Fonte: Gonçalves (2019e).

3.7 Tradução nos comentários

Na resenha feita por Juliana Cirqueira (2019) sobre a obra *Mulherzinhas*, escrita por Louisa May Alcott e traduzida por Giu Alonso, vemos um comentário de uma inscrita sobre a versão traduzida do livro:

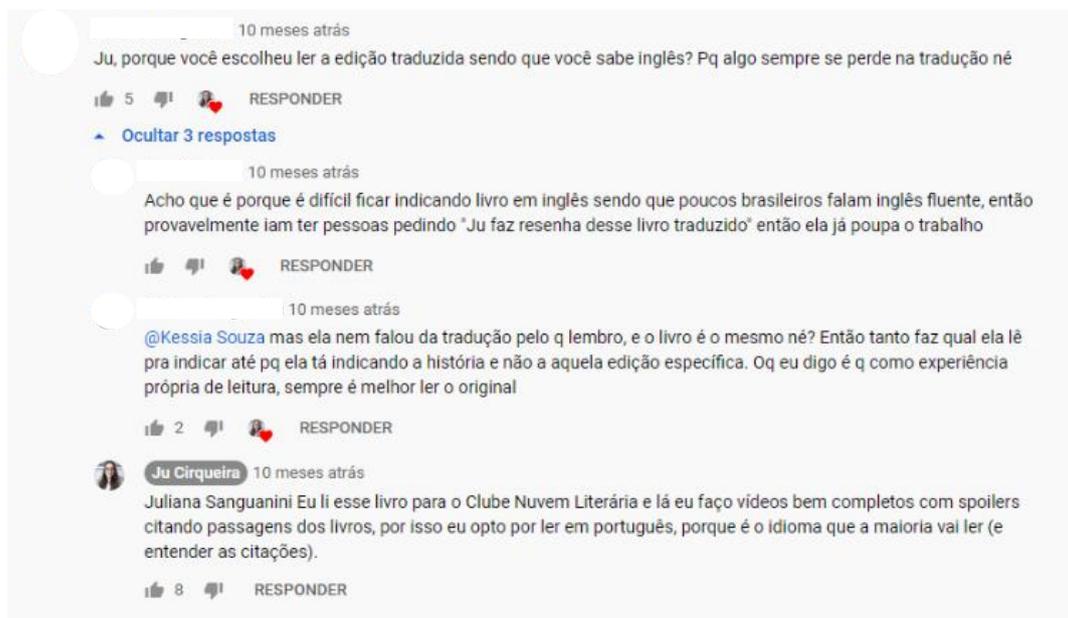


Figura 18: captura de tela 21

Fonte: Cirqueira (2019).

Aqui, percebemos como a ferramenta de comentários também pode ser levada em conta para as discussões sobre a tradução. Nesse caso, há uma interação sobre o tema e a apresentação dos motivos que levaram a *BookTuber* a ter escolhido ler o livro em português e não em inglês. Uma inscrita inclusive afirma que “algo sempre se perde na tradução” e outra responde-a, colocando que “é difícil ficar indicando livros em inglês sendo que poucos brasileiros falam inglês fluente”. Em seguida podemos ver que a primeira inscrita responde a segunda, dizendo que para ela não importa qual versão a *BookTuber* lerá para indicar porque ela está indicando a história, não uma edição específica, e que sempre é melhor ler no original. Juliana, então, entra na conversa e responde que optou por ler em português visto que é o idioma em que a maioria das pessoas que a acompanham vai ler. Nessa discussão, percebemos vários pontos relevantes e opiniões próprias geradas pelo questionamento das inscritas sobre a edição resenhada pela *BookTuber*. Notamos que o original ainda é visto como algo superior e que, como poucos possuem entendimento para ler em inglês, não é válido que ela resenhe livros em inglês. Por fim, a ideia de “algo se perder na tradução” está presente e a de que “é melhor ler no original”, também. Então, apesar de as inscritas reduzirem a tradução a apenas uma facilitação do texto original para quem não consegue ler no original, a *BookTuber* reitera que seu objetivo é resenhar o livro para o seu público, que vai consumir, possivelmente, a tradução da história.

Por último, na seção de comentários da resenha do livro *Dance of Thieves* (*Dinastia de Ladrões*) de Mary E. Pearson, com tradução de Ana Death Duarte, uma inscrita do canal de Paola (ALEKSANDRA, 2019) fala sobre os livros da saga não terem o título traduzido na versão em português.

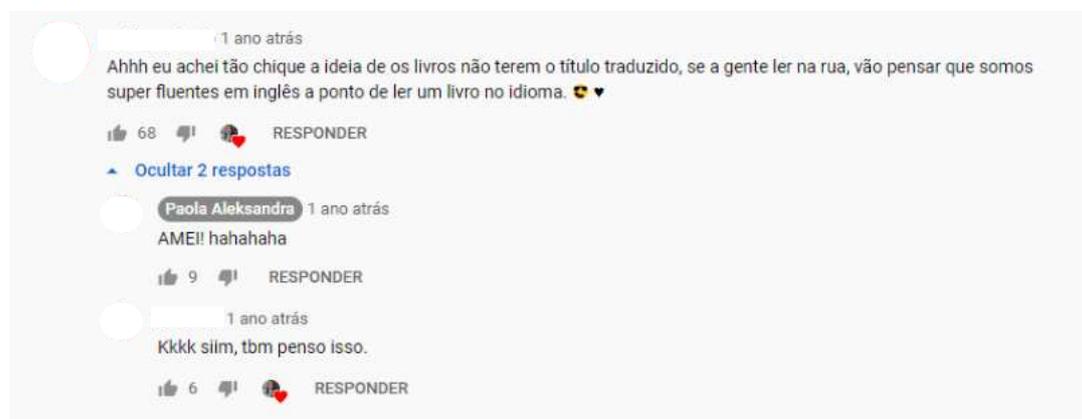


Figura 19: captura de tela 22

Fonte: Aleksandra (2019).

Nesse comentário, a inscrita diz que o título original faz com que pensem que os leitores são “fluentes em inglês”. Acreditamos que isso demonstra o interesse pela cultura e língua estrangeira e que, mesmo indiretamente, o título não ser traduzido gera um novo status à edição, o que possivelmente leva muitos leitores a preferirem essa escolha da editora devido à identificação com a obra no original ou com o imaginário acerca de quem é fluente em inglês.

É importante ressaltar que a língua que gera esse interesse é o inglês, que carrega um prestígio social e cultural por causa dos países falantes (como Estados Unidos, Inglaterra entre outros) e que, portanto, reforça o fato de o título na língua original chamar mais a atenção do público consumidor do livro.

Em outro comentário, na contramão do anterior, uma inscrita afirma não ter gostado da escolha da editora por manter o título em inglês. Para ela, isso foi “deixar de fazer o serviço completo” da tradução, prática que se assemelha a “lojas de esquina que acham chique ter nome em inglês”. Em resposta a ela, outras pessoas a instigam a ler o livro, apesar de sua crítica.

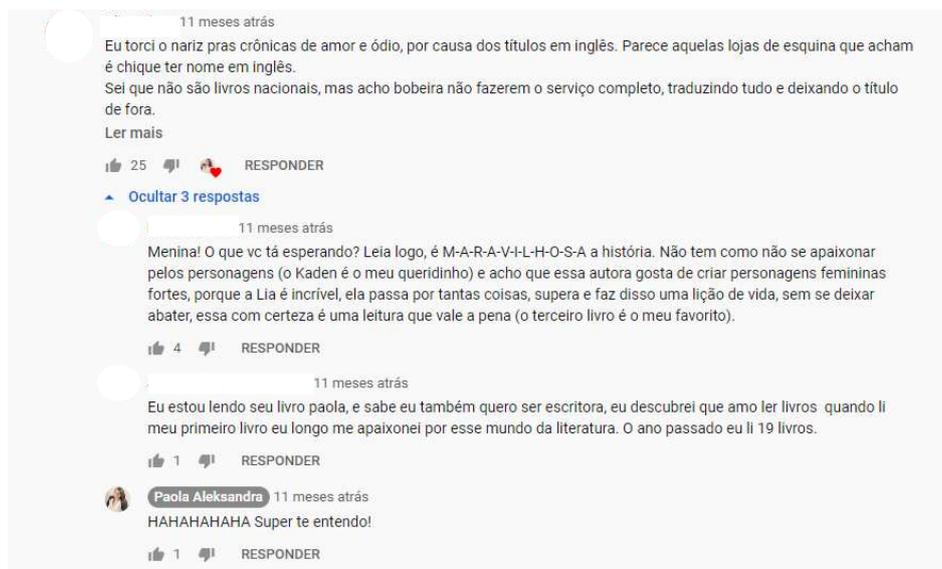


Figura 20: captura de tela 23

Fonte: Aleksandra (2019).

Os dois comentários que analisamos nesta seção nos permitem ver como o título de um livro pode gerar opiniões controversas em relação à sua tradução ou não. No caso, percebemos que a maioria concorda com a primeira inscrita e prefere o título do livro em inglês. No entanto, o segundo comentário também gerou interações, com 25 “curtidas”, demonstrando que um bom número de pessoas acha que o título não-traduzido é ruim. Nesse sentido, afirmamos que, aqui, a tradução vira elemento central de uma discussão que envolve a opinião das pessoas sobre a forma como elas veem o mundo e querem se mostrar na sociedade. Enquanto a primeira afirma se sentir bem e gostar que os outros a vejam lendo o livro com “título em inglês”, a segunda vê isso como uma demonstração de desprezo dos profissionais envolvidos, ao comparar a edição com algo popular como “lojas de esquina”. Isso pode tê-la afastado da leitura, visto que ainda não tinha lido a obra em questão, principalmente se retomarmos sua afirmação de que a editora não fez o serviço completo.

CONCLUSÃO

Pudemos traçar a partir de nosso percurso teórico que reflexões sobre as condições sociais dos tradutores possibilitaram que pesquisas mais profundas sobre esses profissionais se tornassem possíveis. Assim, foi através de pesquisadores, principalmente pós-estruturalistas – como Lawrence Venuti (1995) –, que esses estudos ganharam voz na academia, o que também levou o tradutor a ser considerado.

Nesse panorama, percebemos que a profissão do tradutor só ganha credibilidade quando se torna legitimada, isto é, quando ela depende diretamente das imagens que as pessoas produzem para firmar seu papel social – que está em constante processo de formação. Desse modo, é por meio de uma relação problematizada com o autor que o tradutor se torna indistinto em sua profissão. A busca por uma fidelidade ao autor impossível e questionável, assim como sua constante não presença no texto contribuem para a acentuação desse impasse que paira sobre o tradutor: o autor sempre será o grande nome do texto, prestigiado e reconhecido, enquanto quem o traduz costuma ser – quando possível – apenas mencionado na contracapa da edição, o que muitas vezes pode nem mesmo acontecer.

Pode ser que essa invisibilidade ainda aconteça por conta do baixo status social da profissão no mercado de trabalho e na sociedade, visto que a área de atuação do tradutor é repleta de consequências resultantes de uma constante falta de reconhecimento, o que acaba gerando dúvidas sobre a sua construção como profissional. Nesse sentido, quando abordamos essa discussão, queremos questionar até que ponto o ofício da tradução está sendo (des)valorizado nos meios em que circula.

Por esse motivo, no cenário estudado, temos a figura do tradutor dispersa e inconsistente. Todavia, um ponto observado nesta pesquisa e que pode indicar a possibilidade de reverter esse contexto foi a representação e a presença do tradutor no mundo virtual — que nos dias de hoje se configura como o âmbito mais interessante para a atuação do tradutor. O objetivo, nesse contexto, não é achar respostas para essa invisibilidade, mas entender a situação e traçar caminhos para propiciar novos olhares para o profissional da tradução e seu reconhecimento.

A presença do tradutor no ambiente digital, como mencionamos, é significativa. É lá que ele divulga seu trabalho — em sites voltados para divulgação de *freelances* ou nas redes sociais —, que encontra possibilidades de atuação em agências de tradução e que se torna (um pouco mais) visível.

É a partir, então, dos avanços tecnológicos que temos o digital não apenas como um meio no qual as informações e as produções circulam, mas também como um meio que possibilita a comunicação em massa da sociedade. Por isso, acabamos pensando em alguns pontos que podem proporcionar outras configurações para a construção do perfil do tradutor a partir do trabalho que fizemos aqui: as formas em que o material traduzido circula no ambiente digital; a divulgação desses textos; a influência desses avanços no processo tradutório; entre outros. Conseqüentemente, é nesse ponto que a figura do tradutor começa a se modificar.

Com essa mudança, o reconhecimento do tradutor também sofre alterações. Aqueles que consomem o texto traduzido passam a falar sobre o produto nos meios de comunicação virtual e os próprios tradutores passam a se expressar e a se colocar nesses novos canais digitais. Dessa forma, delimitar o que é ser tradutor e quem é o tradutor torna-se complexo e praticamente impossível, visto que o meio virtual permite que isso se transforme a todo momento.

Nesse caminho, encontramos os canais de *YouTube* dedicados a resenhas de livros, com vídeos que contam com milhares de visualizações e cujos conteúdos também são importantes no sistema que engloba o produto livro e toda a divulgação desse material. A influência desses conhecidos *BookTubers* impacta socialmente no reconhecimento dos tradutores, uma vez que eles mesmos já se manifestaram sobre o assunto em suas redes sociais.

Assim, percebemos que, no geral, as resenhas de traduções feitas pelas *BookTubers* e aqui analisadas não seguem parâmetros fixos, a não ser o que já se espera do próprio *BookTube*, em que há a proposta de se resenhar um livro em vídeo, fazendo comentários acerca do texto e expondo opiniões pessoais, apesar de cada *BookTuber* ter sua própria identidade nos vídeos. No entanto, quando a resenha é de um texto traduzido, como percebemos em boa parte dos vídeos desses canais, a tradução não é nem ao menos citada. Quando as menções aconteceram, elas se deram de maneiras bem específicas, as quais aqui separamos em: 1) menções aos nomes dos tradutores e 2) críticas à tradução.

Nesse sentido, apesar de as menções aos nomes dos tradutores acontecerem em sua maior parte de forma arbitrária, isto é, possivelmente as *BookTubers* não planejaram citar o nome dos tradutores com o objetivo de visibilizá-los¹²⁹, elas também

¹²⁹Os motivos que levaram a isso são múltiplos e nunca chegaremos a uma conclusão para tais acontecimentos.

foram contabilizadas e consideradas em nossa análise, uma vez que reconhecem esses profissionais de alguma forma e permitem questionamentos sobre como a tradução e os tradutores são vistos sem uma “interferência” de um movimento com esse propósito. Entretanto, em alguns dos casos aqui discutidos, essas menções foram intencionais com o objetivo de, de fato, nomear a pessoa quem traduziu o livro – como nos vídeos mais recentes de Pam Gonçalves. Nesses casos, as menções podem ter acontecido devido a uma interferência exterior, que entendemos como sendo as discussões que ocorreram no *Twitter*, em 2018. Nesse sentido, o que aconteceu no canal de Pam foi notado e ressaltado neste trabalho, pois foi a partir desse movimento de menção dos tradutores, após os próprios apontarem isto, que percebemos que é possível visibilizar esses profissionais nesses canais, apesar de ainda ser um processo que está em formação.

Já nos vídeos de resenhas em que aconteceram as críticas à tradução, percebemos, principalmente, uma tendência à crítica negativa desses textos. É como se a tradução só chamasse a atenção quando feita de uma forma “ruim”, segundo o que notamos em nossas análises. Nesses casos, a menção é feita de modo intencional com o objetivo de ressaltar essa “característica” do texto, assim, essas problematizações nos chamaram a atenção pela forma como essas críticas se deram, por vezes reproduzindo um viés muito estruturalista e dicotômico. Percebemos essas críticas negativas e pontuais em relação à tradução, principalmente, nas resenhas da *BookTuber* Tatiana Feltrin.

A resenhista deixa claro em seus vídeos que estudou tradução, utilizando esse fato como argumento de autoridade para, algumas vezes, validar sua opinião, deixando de lado apontamentos que validariam teoricamente suas resenhas. Percebemos, assim, que ao tratar a tradução a partir de um local de fala de uma pessoa formada na área, Tatiana tenta “demonstrar” ao seu público uma opinião fundamentada e especializada no assunto, ainda que muitas vezes apresente opiniões sem fundamentação. Ao assistir aos seus vídeos, o público pode acabar por levar as opiniões dela sobre as traduções como verdades absolutas, sem questionar se o texto possui de fato uma boa tradução ou não. É nesse sentido que, apesar de a visibilidade ser bem-vinda em contextos gerais, quando a crítica é negativa e vem carregada de opiniões que podem influenciar negativamente a visão de um texto traduzido, assim como levar a uma opinião distorcida do profissional da tradução, essa menção se torna problemática e passível de questionamentos.

Considerando, então, as críticas das traduções feitas por Tatiana Feltrin e a menção planejada dos nomes dos tradutores de Pam Gonçalves, percebemos que a visibilidade que Pam traz é muito mais positiva ao dar nome aos tradutores do que as

críticas detalhadas e negativas dos textos traduzidos, feitas por Tatiana. Desse modo, ainda que acreditemos que resenhistas e, neste caso, *BookTubers*, possam criticar as traduções, sendo esse um processo natural e esperado, discutido por diversos teóricos dos Estudos da Tradução – como deixamos claro em nosso segundo capítulo –, o fato de alguns deles ainda continuarem presos em noções estruturalistas de tradução faz com que esse processo seja dificilmente benéfico para a área.

Notamos também uma confusão acerca do que seria tradução por parte desse público consumidor que faz resenhas de traduções. As pessoas não entenderem o que é e como acontece esse processo e isso prejudica ainda mais o entendimento do que é a tradução – elas leem, veem e ouvem tradução, mas não sabem o que é isso, não entendem criação, ponto de vista, subjetividade e não sabem que todo conteúdo que passa por nós é traduzido de alguma forma. É por isso que o entendimento do que é traduzir é confuso, raso e cheio de estereótipos. Quando a tradução é, de fato, considerada é através de uma visão estruturalista, como é o caso do teórico Rainer Schulte, que trouxemos no capítulo dois, que entende a tradução como “transferência”. Com isso, percebemos a falta de visibilidade do processo tradutório como um todo, e uma falta de entendimento de tradução como algo maior e não apenas restrito ao texto escrito e duas línguas. É, portanto, um processo ignorado por quem lê, resenha ou consome a tradução por causa da falta de compreensão do que é traduzir.

Por isso, enquanto não temos resenhas críticas embasadas e fundamentadas em uma noção de tradução mais condizente com o trabalho realizado pelos tradutores, podemos incentivar menções dos nomes dos tradutores de forma clara e direta, como uma maneira de se iniciar um movimento de conscientização nos meios virtuais, principalmente no *BookTube*. Houve o início desse processo por meio de movimentações dos próprios tradutores, com as campanhas *online* no *Twitter* e *Facebook*, por nós apontadas, e acreditamos que assim que essas questões ganharem mais força, será ainda mais fácil garantir que esse processo se torne comum, tornando natural o ato de se apontar o nome do tradutor ou de fazer uma crítica bem fundamentada¹³⁰.

Quando afirmamos, então, que a visão estruturalista pode prejudicar a forma como leitores enxergam a tradução, queremos dizer que ter a tradução como apenas “certa” ou “errada” não colabora com o processo de consideração da tradução como um

¹³⁰ Entendemos, também, que se a resenhista não se sente qualificada para fazer uma crítica a uma tradução, trazer o nome da pessoa que trabalhou nesse texto já se configura como um grande passo em direção a um reconhecimento dos tradutores como profissionais.

aspecto relevante e necessário na literatura. Isso apenas ajuda a difundir um pensamento dicotômico que tem sido bastante desconstruído na academia e que tentamos fazer com que chegue ao público consumidor das traduções. Entendemos, no entanto, que essas considerações não virão naturalmente para consumidores leigos aos Estudos da Tradução e, por isso, o movimento de iniciar essas discussões se faz cada vez mais necessário. Para *BookTubers* ou blogueiros já consolidados ou que possuem certo conhecimento desses assuntos, como Pam Gonçalves e Mellory Ferraz, esse trabalho pode ser mais fácil, porém está ainda, como observamos em nossas análises, muito longe do ideal, já que a tradução é desconsiderada na maior parte do tempo ou, quando aparece, é vista de forma negativa.

Portanto, quando consideramos os resultados deste estudo, percebemos que a menção à tradução acontece em uma parte dos vídeos analisados, mas um número ainda pequeno de resenhas traz o nome dos tradutores dos livros resenhados. Essas referências se dão, em sua maioria, de forma específica, trazendo a consideração de que a tradução foi um ponto de relevância na obra lida – como foi o caso da tradução de *Ulisses*, das traduções de *Alice*, dentre outras que chamam a atenção de alguma forma. Em poucos casos, como nos vídeos de Pam Gonçalves, os nomes dos tradutores são trazidos para dar visibilidade a esses profissionais.

Percebemos também que citar o nome dos tradutores não garante que isso será bom, porque muitas vezes a própria concepção que as *BookTubers* têm de tradução acaba por desencadear críticas que estão sendo rebatidas há muito tempo em estudos acadêmicos, como uma visão mais estruturalista e simplista, como já mencionado. Nesse sentido, é importante apontar que não se trata apenas de visibilizar os tradutores, mas de como queremos que isso seja feito. A luta é por uma visibilidade que traga reconhecimento, por se considerar que a mudança de pensamento sobre a tradução pode auxiliar no processo de valorização do trabalho do tradutor. Por isso, concluímos que antes de se lutar para visibilizar esses profissionais da tradução, é necessário entendermos como isso pode ocorrer e buscar, por meio de discussões nas redes sociais por exemplo, uma desconstrução do público consumidor e dos resenhistas independentes para que possamos levar uma percepção mais aberta e contemporânea do processo tradutório para mais pessoas.

Como foi visto, a figura do tradutor já está ganhando mais espaço ao se colocar socialmente no ambiente digital, por isso, afirmamos que a cultura virtual está favorecendo o reconhecimento deste profissional, visto que nesses espaços *online*, o tradutor se permite discutir e refletir sobre a profissão. Alguns dos pontos que aparecem

nesse cenário são: discussões sobre o mercado de trabalho, remuneração, cursos de especialização, tradução automática, além de reflexões textuais que envolvem a tradução propriamente dita, como escolhas de palavras.

Espera-se, portanto, que com a democratização de assuntos na *internet* e a possibilidade de dar vozes a várias pessoas, os tradutores passem a ser ouvidos e, com isso, os produtores de conteúdo passem a reconhecer esses profissionais envolvidos nos produtos que analisam. Um exemplo dessa iniciativa no meio virtual é a conta do perfil literário, *Sem Spoiler*¹³¹ no *Twitter*, que possui mais de cem mil seguidores e que sempre traz os nomes dos tradutores nos livros que divulgam em suas postagens.

Por fim, nossa análise não busca indicar que as *BookTubers* devem fazer resenhas complexas, seguindo, por exemplo, os conceitos defendidos por Berman (1995), mas, sim, apontar a necessidade de reconhecerem que o texto lido e resenhado é uma tradução em momentos que não só o de críticas negativas. A menção ao nome dos tradutores é um passo inicial para a visibilidade desses profissionais.

Em síntese, é a partir de considerações como as aqui levantadas que propostas estão sendo discutidas e ampliadas na área da tradução acerca da influência do digital e da tecnologia em geral na vida profissional do tradutor. Assim, é através de questionamentos e estudos como o que apresentamos nesta dissertação que tentamos achar respostas para fenômenos envolvendo a área de tradução nas novas configurações sociais, políticas e culturais, atreladas também ao universo tecnológico.

¹³¹ Disponível em: <https://twitter.com/semspoiler>. Acesso em: 3 set. 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEKSANDRA, Paola. [Fuxico de Estante] **Resenha Um Olhar de Amor - Bella Andre**. 2012. 1 vídeo (15min41s). Publicado pelo canal: Paola Aleksandra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q69Klf5y8cU&t=739s>. Acesso em: 12 jan. 2021.

ALEKSANDRA, Paola. **ROMANCE E AVENTURA: DANCE OF THIEVES (DINASTIA DE LADRÕES)** □□. 2019. 1 vídeo (7min59s). Publicado pelo canal: Paola Aleksandra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kuOPXY56dss>. Acesso em: 2 jan. 2021.

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-14, jul. 2009. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6>. Acesso em: 26 set. 2019.

AMORIM, Lauro Maia. **Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas**, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

AMORIM, Lauro Maia. **Tradução e adaptação: Encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas**, de Lewis Carroll, e Kim, de Rudyard Kipling. São Paulo: Unesp, 2005.

ARROJO, Rosemary. A tradução passada a limpo e a visibilidade do tradutor. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 19, p. 57-73, 1992.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução – a teoria na prática**. São Paulo, Ática, 1986.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 1986.

ARTHURS, Jane; DRAKOPOULOU, Sophia; GANDINI, Alessandro. Researching YouTube. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 24, n. 1, p. 3-15, 10 jan. 2018. SAGE Publications. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1354856517737222>.

BARBIERI, Mickael Braga. **Booktube: comunicar a literatura pela via dos afetos**. Dissertação (Mestrado: Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BBXJ75>. Acesso em: 28 jan. 2021.

BATTISTI, Patricia Stafusa Sala. **A crítica de tradução em Antoine Berman: reflexo de uma concepção anti-etnocêntrica da tradução**. 2000. 129f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269636>. Acesso em: 27 mar. 2021.

BATTISTI, Patrícia Stafusa Sala. **A crítica de tradução em Antoine Berman**: reflexo de uma concepção anti-etnocêntrica da tradução. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2000. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269636>. Acesso em: 25 mar. 2021.

BENEDETTI, Ivone. A crítica de traduções. **Tradução em Revista**, n. 2, Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2015.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Mauri Furlan, Marie-Hélène Catherine Torres e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995.

BISSETT, Ariel. **Is BookTube Educational?** 2018. 1 vídeo (21m33s). Publicado no canal: Ariel Bissett. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kB7ol0Z2xC4>. Acesso em: 26 jun. 2018.

BORIOLO, Caroline Rodovalho. Legendado e engraçado?: a construção do humor e do tradutor em *How I Met Your Mother*. 2018. 1 recurso online (117 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

BOURDIEU, Pierre. **The field of cultural production: Essays on art and literature**. Polity Press, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **The rules of art: Genesis and structure of the literary field**. Stanford University Press, 1996.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARPINTERO, Ana Carolina Barbosa. **Caminhos da literatura na internet: o BookTube e a partilha de experiências de leitura**. Dissertação (Mestrado em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil, 2019. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=45740@1. Acesso em: 28 jan. 2021.

CHANG, Nam Fung. Towards a macro-polysystem hypothesis. **Perspectives: Studies in Translatology** v. 8, n. 2, p 109–123, 2000.

CHESTERMAN, Andrew. The name and nature of translator studies. **Hermes: journal of language and communication studies**, Aarhus, n. 42, p.13-22, jun. 2009.

CHRIST, Ronald. On Not Reviewing Translations: A Critical Exchange. **Translation Review**, v. 9, n. 1, p. 16-23, 1982. DOI: 10.1080/07374836.1982.10524048.

CIRQUEIRA, Juliana. **MULHERZINHAS (Primeira parte), de Louisa May Alcott | Ju Cirqueira**. 2019. 1 vídeo (9min01s). Publicado pelo canal: Ju Cirqueira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qZKem6YHgbo>. Acesso em: 2 jan. 2021.

CONSTANTINE, Peter. Professionalisation of literary translation and the publishing market. *In*: WASHBOURNE, Kelly; VAN WYKE, Ben. **The Routledge Handbook of Literary Translation**. London: Routledge, 2018, p. 89-102. DOI: <http://dx.doi.org/10.4324/9781315517131-7>.

DE BEAUGRANDE, Robert. **Factors in a Theory of Poetic Translating**. Assen: van Gorcum, 1978.

DODDS, John M. Translation Criticism in Defence of the Profession. **Rivista Internazionale di Tecnica della Traduzione**, v. 1, n. 4, 1992.

ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. Uma discussão sobre a prática da retradução com base no caso das republicações de obras de Clarice Lispector no exterior. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 55, n. 3, p. 651-676, dez. 2016. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/010318138647117214021>.

EVEN-ZOHAR, Itamar. A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. **Translatio**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 3-10, (1990), jan. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/34674/22321>. Acesso em: 21 maio 2019.

EVEN-ZOHAR, Itamar. O “Sistema Literário”. **Translatio**: Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 5, p. 22-45, (1990) 2013. Tradução de: Luis Fernando Marozo e Yanna Karlla Cunha. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/4290/27135>. Acesso em: 19 jul. 2018.

FELTRIN, Tatiana. **[CONTO] O Barril de Amontillado (Edgar Allan Poe) | Tatiana Feltrin**. 2019a. 1 vídeo (17min56s). Publicado pelo canal: tatianagfeltrin. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YWjAS_gn87I&t=151s. Acesso em: 12 jan. 2021.

FELTRIN, Tatiana. **10 Livros: Sobre a Escrita | Tatiana Feltrin**. 2019c. 1 vídeo (19min57s). Publicado pelo canal: tatianagfeltrin. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NKw_hsJDVEo. Acesso em: 12 jan. 2021.

FELTRIN, Tatiana. **As Irmãs Makioka (Jun'ichiro Tanizaki) | Tatiana Feltrin**. 2019d. 1 vídeo (21min19s). Publicado pelo canal: tatianagfeltrin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n5nVdcvxX7Y&t=898s>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FELTRIN, Tatiana. **Book Talk #1: Tradução: Ulysses ou Ulisses?** 2012. 1 vídeo (7min51s). Publicado pelo canal: tatianagfeltrin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hP3EF8hafQY>. Acesso em: 2 jan. 2021.

FELTRIN, Tatiana. **Cartas a um jovem poeta, de Rainer Maria Rilke (Globo Livros)**. 2013d. 1 vídeo (4min31s). Publicado pelo canal: tatianagfeltrin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NX8LCpHJpgc>. Acesso em: 2 jan. 2021.

FELTRIN, Tatiana. **Então, eu li Harry Potter...** | **Tatiana Feltrin**. 2012. 1 vídeo (28min50s). Publicado pelo canal: tatianagfeltrin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hGuS9eLg1ag>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FELTRIN, Tatiana. **O Hobbit e sua tradução**. 2013c. 1 vídeo (12min53s). Publicado pelo canal: tatianagfeltrin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mhf1pgCubxw&t=456s>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FELTRIN, Tatiana. **O Silêncio dos Inocentes (Thomas Harris)** | **Tatiana Feltrin**. 2019b. 1 vídeo (21min06s). Publicado pelo canal: tatianagfeltrin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=om1wp1R73pE&t=83s>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FELTRIN, Tatiana. **O Silmarillion (Tolkien)** □□ | **Tatiana Feltrin**. 2020. 1 vídeo (33min04s). Publicado pelo canal: tatianagfeltrin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-sAbedvgf2c>. Acesso em: 2 fev. 2020.

FELTRIN, Tatiana. **Paraíso Reconquistado (John Milton)** | **Tatiana Feltrin**. 2019e. 1 vídeo (19min32s). Publicado pelo canal: tatianagfeltrin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EjpvuPCQXao&t=166s>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FELTRIN, Tatiana. **Vídeo-resenha: The Casual Vacancy OU Morte Súbita (JK Rowling)**. 2013a. 1 vídeo (11min21s). Publicado pelo canal: tatianagfeltrin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RMsgsSPkxUY&t=607s>. Acesso em: 2 jan. 2021.

FELTRIN, Tatiana. **Você Escolheu #7: A Arte de Escrever (Schopenhauer)**. 2013b. 1 vídeo (14min53s). Publicado pelo canal: tatianagfeltrin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V3Og8J7Bx9E>. Acesso em: 4 jan. 2021.

FERRAZ, Mellory. **A MELHOR HQ QUE JÁ LI: FUN HOME**. 2019d. 1 vídeo (12min42s). Publicado pelo canal: Literature-se. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=P_WD_GOKoTc&t=145s. Acesso em: 12 jan. 2021.

FERRAZ, Mellory. **A REDOMA DE VIDRO, de SYLVIA PLATH**. 2019a. 1 vídeo (14min13s). Publicado pelo canal: Literature-se. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DJMO4fZTT1c>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FERRAZ, Mellory. **POÉTICA, de ARISTÓTELES, e a TRAGÉDIA**. 2019c. 1 vídeo (21min58s). Publicado pelo canal: Literature-se. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CVQ-K7RC_wE&t=648s. Acesso em: 12 jan. 2021.

FERRAZ, Mellory. **POLÊMICA E DROGAS em ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS, de LEWIS CARROLL**. 2019b. 1 vídeo (13min16s). Publicado pelo canal: Literature-se. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4Q8twrYsxo_k&t=369s. Acesso em: 12 jan. 2021.

FLICK, Uwe. A pesquisa qualitativa online: a utilização da Internet. *In*: FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 238-253.

FRAGOSO, Sueley; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. (Coleção Cibercultura).

FROTA, Maria Paula. Erros e Lapsos de tradução: um tema para o ensino. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 17, p. 141-156, 2006. Disponível em: [www.pwriódicos](http://www.pwriódicos.com). Acesso em: 22 jun. 2020.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, (1987) 2009.

GIORDANO, Emma. **WHAT DO 'EXPERTS' SAY ABOUT BOOKTUBE?** 2020. 1 vídeo (20min51s). Publicado pelo canal: emmmabooks. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ofyotfP2fHU>. Acesso em: 21 mar. 2021.

GONÇALVES, Pam. **6 MOTIVOS PARA LER A PACIENTE SILENCIOSA**. 2019c. 1 vídeo (6min36s). Publicado pelo canal: PAM GONÇALVES. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SiXIwHR2Xyw>. Acesso em: 2 jan. 2021.

GONÇALVES, Pam. **CIRCE *□ | O que achei da MELHOR FANTASIA de 2018 do GOODREADS? | Madeline Miller | PAM GONÇALVES**. 2019a. 1 vídeo (7min03s). Publicado pelo canal: PAM GONÇALVES. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pOg4OrITT9Q>. Acesso em: 2 jan. 2021.

GONÇALVES, Pam. **Existe pessoa boa em meio ao caos? | GAROTO DEVORA UNIVERSO (Trent Dalton)**. 2019e. 1 vídeo (6min56s). Publicado pelo canal: PAM GONÇALVES. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZBbX1gf78uA>. Acesso em: 2 jan. 2021.

GONÇALVES, Pam. **O que achei de O CEIFADOR ou uma reflexão sobre a necessidade da MORTE ☠** 2018. 1 vídeo (10min). Publicado pelo canal: PAM GONÇALVES. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QTXN553e8xE>. Acesso em: 2 jan. 2021.

GONÇALVES, Pam. **O SOL TAMBÉM É UMA ESTRELA (Nicola Yoon) | QUANTAS ESTRELAS? ★ PAM GONÇALVES**. 2019d. 1 vídeo (9min45s). Publicado pelo canal: PAM GONÇALVES. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-PnWyHq0LJ0>. Acesso em: 2 jan. 2021.

GONÇALVES, Pam. **TODO DIA por David Levithan - Resenha**. 2013. 1 vídeo (6min50s). Publicado pelo canal: PAM GONÇALVES. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eZW9yJ1qXJw&t=19s>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GONÇALVES, Pam. **VILÃO: o meu livro favorito da V. E. SCHWAB □**. 2019b. 1 vídeo (16min45s). Publicado pelo canal: PAM GONÇALVES. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e8E9pE9u5z8>. Acesso em: 2 jan. 2021

GÜRÇAĞLAR, Şehnaz Tahir. The translator as subject. *In*: WASHBOURNE, Kelly; VAN WYKE, Ben. **The Routledge Handbook of Literary Translation**. London: Routledge, 2018, p. 524-537. DOI: <http://dx.doi.org/10.4324/9781315517131-7>.

HOLMES, James S. **Translated!** Papers on Literary Translation and Translation Studies. Amsterdam: Rodopi, 1988.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

LUBRANO, Isabella. **UM CAMINHO PARA A LIBERDADE, DE JOJO MOYES (#247)**. 2019a. 1 vídeo (17min47s). Publicado pelo canal: Ler Antes de Morrer. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UVuzi1NMJ6g&t=958s>. Acesso em: 12 jan. 2021.

MAIER, Carol. Reviewing and criticism. *In*: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2. ed. Nova York: Ed. London And New York: Routledge, (1998) 2009.

MAIER, Carol. Reviewing Latin American Literature in Translation: time to proceed to the larger question. **Translation Review**, v. 34-35, n. 1, p. 18-24, dez. 1990. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/07374836.1991.10523502>.

MARCHETTO, Arthur Breccio. **BOOKTUBERS**: uma nova face da crítica literária jornalística. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. 2019. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1852>. Acesso em: 28 jan. 2021.

MARQUEZ, Gabriel García. **Doce Cuentos Peregrinos**: La Santa. Buenos Aires: Sudamericana, 1992.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies**: Theories and Applications. 4. ed. New York: Routledge, 2016.

NEWMARK, Peter. **A Textbook of Translation**. Hempstead, Nova York: Prentice Hall, 1988.

NINA, Claudia. **Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

NOUSS, Alexis. Europa: pour un multilinguisme bien tempéré, **Seminario T&P, Vigo**: UVigo-TV_Grupo T&P, 2011.

PALOPOSKI, Outi. Translation criticism. *In*: GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc. **Handbook Of Translation Studies**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2012, p. 184-190. DOI: <http://dx.doi.org/10.1075/hts.3.tra13>.

PALUDETTO, Beatriz. **10 Livros: Sobre a Escrita | Tatiana Feltrin. 2019c**. 1 vídeo (19min57s). Publicado pelo canal: Beatriz Paludetto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NKw_hsJDVEo. Acesso em: 12 jan. 2021

PALUDETTO, Beatriz. **A Pequena Sereia e o Reino das Ilusões - Vlog Diário de Leitura | Sem Spoiler**. 2019a. 1 vídeo (20min20s). Publicado pelo canal: Beatriz Paludetto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kqnlDWqsJRo&t=876s>. Acesso em: 2 jan. 2021.

PALUDETTO, Beatriz. **DIÁRIO DE LEITURA - EDGAR ALLAN POE E H.P. LOVECRAFT**. 2018. 1 vídeo (16min20s). Publicado pelo canal: Beatriz Paludetto. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=CXvoR9oVsMM&t=716s>. Acesso em: 2 jan. 2021.

PALUDETTO, Beatriz. **Emily the Strange; Os dias perdidos**. 2016a. 1 vídeo (5min17s). Publicado pelo canal: Beatriz Paludetto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ob7DXcASZVQ>. Acesso em: 2 jan. 2021.

PALUDETTO, Beatriz. **Últimas Leituras - Livros de romance, história, clássicos e literatura (Julho/Agosto)**. 2019c. 1 vídeo (20min31s). Publicado pelo canal: Beatriz Paludetto. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=qbUz7Y8_MjY&t=187s. Acesso em: 12 jan. 2021.

PALUDETTO, Beatriz. **Últimas Leituras - Uma Duas, Pequena Sereia, Volte para mim, Rupi Kaur, Mulheres na Luta e mais**. 2019b. 1 vídeo (17min26s). Publicado pelo canal: Beatriz Paludetto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6d6VN8a0pAI&t=328s>. Acesso em: 12 jan. 2021.

PALUDETTO, Beatriz. **Últimas leituras | Oscar Wilde, Viúva negra, Casa das Sete Mulheres e mais (Maio/Junho)**. 2019d. 1 vídeo (21min37s). Publicado pelo canal: Beatriz Paludetto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M6Pa8U_fEI0&t=673s. Acesso em: 12 jan. 2021.

PALUDETTO, Beatriz. **UNIVERSOS DE ALICE IN WONDERLAND - Filmes, Livros e Musicas**. 2016b. 1 vídeo (10min15s). Publicado pelo canal: Beatriz Paludetto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=thl0NZIGMjE&t=52s>. Acesso em: 12 jan. 2021.

PETRA. **Towards new conditions for literary translation in Europe: the PETRA recommendations**. 2012. Disponível em: <https://www.npage.org/uploads/b8d0aeb8e57e02d72fc5354feb9b7d372f932e0e.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PIETROLUONGO, Márcia Atália (org.). **O Trabalho da Tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

RECUERO, Raquel. A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. In: RECUERO, Raquel. **Lo Que McLuhan no Previó**. 1Ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, Buenos Aires, v. 223, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

RODRIGUES, Bel. **O emocionante SOB O CÉU ESCARLATE** □ (Mark Sullivan). 2019. 1 vídeo (14min52s). Publicado pelo canal: Bel Rodrigues. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vt_shkZSAeo&t=174s. Acesso em: 2 jan. 2021.

RODRIGUES, Bel. **OBSIDIANA (Saga Lux #1) | #PamDeBel**. 2016. 1 vídeo (8min26s). Publicado pelo canal: Bel Rodrigues. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBCCihBqFQk&t=57s>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik; DEFILIPPO, Juliana Gervason. Ciber caminhos da crítica: prolegômenos para pensar a crítica brasileira literária em ambiente virtual. **Verbo de Minas**, v. 20, n. 35, 2019. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/1951>. Acesso em: 28 jan. 2021.

SCHULTE, Rainer. Editorial: Reviewing Translations. **Translation Review**, v. 67, n. 1, p. 1-1, mar. 2004. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/07374836.2004.10523850>.

SCHULTE, Rainer. Editorial: The Reviewing of Translations: A Growing Crisis. **Translation Review**, v. 48-49, n. 1, p. 1-2, 1995. DOI: 10.1080/07374836.1995.10523655.

SCHULTE, Rainer. The Translators and Their Critics. **Translation Review**, v. 21-22, n. 1, p. 1-2, 1986. DOI: 10.1080/07374836.1986.10523382.

SILVA, Renata Prado Alves. BookTube: Livros e Leitura em Vlogs no YouTube. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, n. 39. 2016, São Paulo. **Anais**, São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016, p. 1-15. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1079-1.pdf>. Acesso em: 12 out. 2019.

SIQUEIRA, Ana Maria. **Aspectos conflitantes nas concepções textuais da reflexão de Lawrence Venuti sobre tradução**. Dissertação (Mestrado: Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. 2002. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269816>. Acesso em: 26 mar. de 2021.

STROWE, Anna. Reviewing and criticism. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 3. ed. Nova York: Ed. London And New York: Routledge, 2019. DOI: 10.4324/9781315678627.

TARA, Anderson. **A Book Club for the 21st Century: An Ethnographic Exploration of BookTube**. Dissertação (Doctor of Philosophy), University of North Carolina at Chapel Hill Graduate School. 2020. Disponível em: <https://cdr.lib.unc.edu/concern/dissertations/2227mw07s>. Acesso em: 30 nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17615/r4aq-e587>.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. 2. ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2012.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. **Palavra**, n. 3, p. 111-134. Tradução de Carolina Alfaro. Rio de Janeiro, 1995a.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**. Bauru: Edusc, 2002.

VENUTI, Lawrence. **The Translator Invisibility: A history of translation**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1995b.

VILIKOVSKÝ, Ján. Translation and Translation Criticism – the Elusive Criteria. In: Nekeman, Paul (ed.). **Translation, Our Future/La traduction, notre avenir, XIth World Congress of FIT/XIe Congrès Mondial de la FIT**. Maastricht: Euroterm, 1988, p. 72-78.

VILLELA, Adauto Lucio Caetano. **As (in)visibilidades dos tradutores: sombra, vestígio e imagem.** Dissertação (Mestrado: Linguística Aplicada), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. 2001. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269805>. Acesso em: 26 mar. 2021.

WINARSKI, Regiane. **Blogueiros amados, CITEM o nominho do tradutor dos livros lá na ficha da sua resenha, que costuma ter autor, editora, número de páginas, se bobear até o ascendente do autor. Ajudem a acabar com a invisibilidade do tradutor. Estamos precisando MUITO.** Rio de Janeiro, 20 jun. 2018. Twitter: @RegianeWinarski. Disponível em: <https://twitter.com/RegianeWinarski/status/1009541075919343616>. Acesso em: 24 jul. 2018.

YUSTE FRÍAS, J. Paratraducción: la traducción de los márgenes, al margen de la traducción. *DELTA* (Especial), n° 31, p. 317-347, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v31nspe/1678-460X-delta-31-spe-00317.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

ANEXOS

Neste item vamos detalhar o perfil das *BookTubers* mencionadas nesta dissertação, bem como os vídeos por eles produzidos. Organizamos o material em dois grupos: vídeos antigos e vídeos recentes. Todos os conteúdos que apresentam alguma menção à tradução estão destacados em negrito.

ANEXO A: Pamela Gonçalves

Pamela – ou Pam, como é conhecida em suas redes sociais – é de Santa Catarina, formada em Publicidade e Propaganda e começou a falar de livros na *internet* com o *blog Garota It*. Logo depois passou a se dedicar ao seu canal no *YouTube*, que hoje possui quase 300 mil inscritos. A *BookTuber* é também escritora e já produziu dois romances. Além disso, tem pelo menos cinco contos publicados¹³².

VÍDEOS ANTIGOS	
NOME DO VÍDEO ¹³³	DATA
Leviatã: A Missão Secreta; Scott Westerfeld	25 de out. de 2012
Lendo As Crônicas de Nárnia #2: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa	11 de dez. de 2012
Resenha: Lola e o garoto da casa ao lado; Stephanie Perkins	19 de dez. de 2012
O cavalo e seu menino - Lendo As Crônicas de Nárnia #3	9 de jan. de 2013
Partials; Dan Wells - Resenha/Book Review	30 de jan. de 2013
Escolhas de Formatura e a série Sociedade Secreta (Diana Peterfreund)	7 de fev. de 2013
DICA DE LIVRO: FIQUEI COM O SEU NÚMERO Pam Gonçalves	19 de fev. de 2013
Príncipe Caspian - Lendo As Crônicas de Nárnia #4	7 de mar. de 2013
A probabilidade estatística do amor à primeira vista (Jennifer E. Smith) – Resenha	4 de mai. de 2013
Entre o agora e o nunca (J. A. Redmerski) – Resenha	14 de mai. de 2013
TEMPEST por Julie Cross – Resenha	30 ago. de 2013
TODO DIA por David Levithan - Resenha	6 de set. de 2013
ALMA? por Gail Carriger – Resenha	13 de set. de 2013
DICA DE LIVRO: MÉTRICA Pam Gonçalves	4 de out. de 2013

¹³² Disponíveis em: <https://www.skoob.com.br/autor/15985-pam-goncalves>. Acesso em: 5 maio 2020.

¹³³ Dados recolhidos em dezembro de 2019.

VÍDEOS RECENTES¹³⁴	
NOME DO VÍDEO	DATA
Como ler e escrever todos os dias com MINI-HÁBITOS?	3 de jul. de 2019
VLOG 49 Vilão, o meu livro favorito da V. E. SCHWAB	27 de jun. de 2019
6 MOTIVOS PARA LER A PACIENTE SILENCIOSA	23 de mai. de 2019
O SOL TAMBÉM É UMA ESTRELA (Nicola Yoon) QUANTAS ESTRELAS? ★ PAM GONÇALVES	8 de mai. de 2019
O MILAGRE DA MANHÃ para se tornar um MILIONÁRIO É tão bom quanto o primeiro? PAM GONÇALVES	1 de mai. de 2019
Existe pessoa boa em meio ao caos? GAROTO DEVORA UNIVERSO (Trent Dalton)	25 de abr. de 2019
ATÉ VOCÊ SER MINHA (Samantha Hayes) QUANTAS ESTRELAS? ★ PAM GONÇALVES	23 de abr de 2019
CIRCE ✳ □ O que achei da MELHOR FANTASIA de 2018 do GOODREADS? Madeline Miller PAM GONÇALVES	10 de abr. de 2019
A CINCO PASSOS DE VOCÊ LIVRO E EXPECTATIVA PARA O FILME! PAM GONÇALVES	29 de mar. de 2019
ROMANCE TÓXICO (Heather Demetrios) QUANTAS ESTRELAS? ★ PAM GONÇALVES	9 de mar. de 2019
SIX OF CROWS NA NETFLIX! O livro e minhas expectativas para a série de tv! PAM GONÇALVES	7 de fev. de 2019
BOY ERASED E O CANCELAMENTO DO FILME NO BRASIL PAM GONÇALVES	5 de fev. de 2019
ESTAMOS TODOS PERDIDOS? □ O que achei de EU PERDI O RUMO (Gayle Forman)	6 de set. de 2018
O que achei de O CEIFADOR ou uma reflexão sobre a necessidade da MORTE ☞	29 de ago. de 2018

¹³⁴ Dados recolhidos em novembro de 2019.

ANEXO B: Mellory Ferraz

Mellory Ferraz começou com um blog literário no qual postava resenhas de seus livros favoritos. No início os livros resenhados eram os de fantasia e jovens-adultos. Atualmente, em seu canal no *YouTube*, com quase 800 vídeos, a *BookTuber* se dedica principalmente a resenhas de livros clássicos. Mell é formada em estudos literários pela Unicamp.

VÍDEOS ANTIGOS	
NOME DO VÍDEO ¹³⁵	DATA
Resenha [O Hobbit]	13 de dez. de 2012
Resenha: Morte Súbita - J.K. Rowling	19 de jan. de 2013
[Resenha] A maldição do tigre - Colleen Houck ¹³⁶	21 de jan. de 2013
[Resenha] Em busca de um final feliz	25 de abr. de 2013
[Resenha] O Grande Gatsby (LIVRO + FILME)	3 de jul. de 2013
5 motivos para ler A Guerra dos Tronos #1	10 de jul. de 2013
Terminei a série (Hush Hush): Minhas impressões (sem spoilers!)	2 de ago. de 2013
[Resenha] O resgate do tigre (A maldição do tigre #2)	16 de ago. de 2013
[Resenha] 4 livros da Emily Giffin!	11 de set. de 2013
[Resenha] O amor mora ao lado	22 de set. de 2013
[Resenha] O projeto Rosie	3 de out. de 2013
[Resenha] O velho e o mar	17 de nov. de 2013
[Resenha] O mundo de Sofia	4 de dez. de 2013
[Resenha] Alice no país das maravilhas & Através do espelho + Meus livros da Zahar	10 de dez. de 2013

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO ¹³⁷	DATA
LER FICÇÃO NOS DEIXA LOUCOS? ≈ Café da manhã dos campeões, Kurt Vonnegut	20 de dez. de 2019
Releitura: O MENINO DO PIJAMA LISTRADO, de JOHN BOYNE	6 de dez. de 2019
A NOVA PROMESSA DA LITERATURA NIGERIANA ≈ Fique comigo, de Ayòbámi Adébáyò	6 de nov. de 2019
POLÊMICA E DROGAS em ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS, de LEWIS CARROLL	3 de nov. de 2019
INTÉRPRETE DE MALES, de Jhumpa Lahiri	18 de out. de 2019
MAL-ENTENDIDO EM MOSCOU, de Simone de Beauvoir	7 de out. de 2019
A REDOMA DE VIDRO, de SYLVIA PLATH	27 de set. de 2019

¹³⁵ Dados recolhidos em dezembro de 2019.

¹³⁶ Fala da editora e da diagramação da capa.

¹³⁷ Dados recolhidos em janeiro de 2020.

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO ¹³⁷	DATA
(+SORTEIO) A GANGUE DOS SONHOS e "os anos loucos" dos EUA, de Luca Di Fulvio	15 de ago. de 2019
O clássico DRÁCULA, de Bram Stoke	13 de ago. de 2019
A MELHOR HQ QUE JÁ LI: FUN HOME	24 de jun. de 2019
TODO MUNDO pode ler DAQUI PRA BAIXO (poesia)	13 de jun. de 2019
(+SORTEIO) A INGÊNUA LIBERTINA: um dos melhores que já li!	22 de mai. de 2019
DOS MELHORES LIVROS DA VIDA: Matadouro-Cinco, de Kurt Vonnegut	22 de mar. de 2019
O NOVO LIVRO DO MARKUS ZUSAK ME DESTRUIU: O construtor de pontes	28 de fev. de 2019
POÉTICA, de ARISTÓTELES, e a TRAGÉDIA	20 de jan. de 2019

ANEXO C: Isabella Lubrano

Isabella é jornalista formada pela USP e pela Cásper Líbero. Seu projeto no *YouTube* consiste em ler e resenhar mil livros em seu canal. A *BookTuber*, além de fazer esse trabalho, também explica o contexto de publicação das obras que analisa, assim como faz um trabalho de investigação daquele material escrito. A maioria dos livros presentes no canal de Isabella são clássicos, tanto nacionais quanto da literatura universal.

VÍDEOS ANTIGOS	
NOME DO VÍDEO ¹³⁸	DATA
RELATO DE UM NÁUFRAGO, DE GARCÍA MÁRQUEZ (#1)	4 de maio de 2014
UM CONTO DE NATAL, DE CHARLIE DICKENS (#5)	24 de dez. de 2014
O PINTASSILGO, DE DONNA TARTT (#6)	10 de jan. de 2015
VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS, DE JULIO VERNE (#7)	20 de jan. de 2015
OS MISERÁVEIS, DE VICTOR HUGO (#8)	29 de jan. de 2015
O MUNDO DE SOFIA, DE JOSTEIN GAARDER (#10)	13 de fev. de 2015
A REVOLUÇÃO DOS BICHOS, DE GEORGE ORWELL (#14)	13 de mar. de 2015
O MORRO DOS VENTOS UIVANTES, DE EMILY BRONTË (#15)	20 de mar. de 2015
LARANJA MECÂNICA, DE ANTHONY BURGESS (#17)	3 de abr. de 2015
ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS, LEWIS CARROLL (#18)	10 de abr. de 2015
A METAMORFOSE, DE FRANZ KAFKA (#19)	17 de abr. de 2015
CRIME E CASTIGO, DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI (#21)	1 de maio de 2015
A SANGUE FRIO, DE TRUMAN CAPOTE (#25)	29 de maio de 2015
ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN (#27)	12 de jun. de 2015
FAHRENHEIT 451, DE RAY BRADBURY (#30)	7 de jul. de 2015

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO ¹³⁹	DATA
MULHERZINHAS, DE LOUISA MAY ALCOTT (#256)	20 de dez. de 2019
UM CONTO DE NATAL, DE CHARLES DICKENS	17 de dez. de 2019
O HORROR, O HORROR! - Coração das Trevas, de Joseph Conrad	8 de nov. de 2019
FRIDA KAHLO, UMA BIOGRAFIA - por María Hesse (#248)	15 de out. de 2019
UM CAMINHO PARA A LIBERDADE, DE JOJO MOYES (#247)	11 de out. de 2019
UM TETO TODO SEU, DE VIRGINIA WOOLF (#246)	4 de out. de 2019
DEUSES AMERICANOS, DE NEIL GAIMAN (Na Bial!) #244	6 de set. de 2019
REDE DE SUSSURROS, DE CHANDLER BAKER (#243)	30 de ago. de 2019

¹³⁸ Dados recolhidos em dezembro de 2019.

¹³⁹ Dados recolhidos em novembro de 2019.

O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE? - Henry Farrell (#242)	9 de ago. de 2019
PÁTRIA, de Fernando Aramboru - Livro do Ano na Espanha! (#241)	2 de ago. de 2019
AURORA NAS SOMBRAS - Fabien Vehlmann & Kerascoët (#240)	30 de jul. de 2019
"BLADE RUNNER", DE PHILIP K. DICK (#237)	12 de jul. de 2019
CAI O PANO, DE AGATHA CHRISTIE (#236)	28 de jun. de 2019
O ENIGMA DE ESPINOSA, DE IRVIN D. YALOM (#235)	21 de jun. de 2019
DAQUI PARA BAIXO, DE JASON REYNOLDS (#234)	14 de jun. de 2019

ANEXO D: Tatiana Feltrin

Tatiana Feltrin é criadora do *Tiny Little Things*, um dos canais no *YouTube* sobre livros mais antigos do Brasil¹⁴⁰, contando, atualmente, com mais de 400 mil inscritos¹⁴¹. A *BookTuber* é formada em Letras (tradutora e intérprete) pela UMESP e pós-graduada em ensino de idiomas pela Mackenzie¹⁴². Ela se dedica principalmente a fazer resenhas de livros clássicos, optando por vídeos com discussões longas e análises pertinentes.

VÍDEOS ANTIGOS	
NOME DO VÍDEO ¹⁴³	DATA
Então, eu li Harry Potter... Tatiana Feltrin	22 de jun. de 2011
Ulisses: a "resenha"	12 de out. de 2011
Book Talk #1: Tradução: Ulysses ou Ulisses?	13 de jun. de 2012
Deus não é Grande + Hitch 22 (Autobiografia), de Christopher Hitchens Tatiana Feltrin	29 de jun. de 2012
Philippa Gregory e seus livros sobre os Tudors	26 de jul. de 2012
Então, eu li o Zaratustra... - primeira tentativa e o que a Tatiana encontrou por lá	30 de jul. de 2012
Você Escolheu #2: O Sol É Para Todos (To kill a Mockingbird) - Harper Lee	24 de nov. de 2012
Vídeo-resenha: The Casual Vacancy OU Morte Súbita (JK Rowling)	19 de jan. de 2013
O Hobbit e sua tradução	9 de fev. de 2013
Você Escolheu #4: Bonequinha de Luxo (Truman Capote) - Breakfast at Tiffany's, 1950	23 de fev. de 2013
Você Escolheu #5: O Pequeno Príncipe (Le Petit Prince, Antoine Saint-Exupéry, 1943)	17 de mar. de 2013
Cartas a um jovem poeta, de Rainer Maria Rilke (Globo Livros)	26 de mar. de 2013
Hitler - Joachim Fest (Biografia) Tatiana Feltrin	19 de maio de 2013
A Velocidade da Luz (Javier Cercas)	22 de maio de 2013
Você Escolheu #7: A Arte de Escrever (Schopenhauer)	28 de maio de 2013
Livro + Filme: Os homens que não amavam as mulheres (Millennium, Stieg Larsson)	8 de jun. de 2013

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO ¹⁴⁴	DATA
Mulherzinhas (Louisa May Alcott) Tatiana Feltrin	25 de dez. de 2019
Frida, A Biografia (Hayden Herrera) Tatiana Feltrin	18 de dez. de 2019
Misto-quente (Charles Bukowski) Tatiana Feltrin	20 de nov. de 2019
As Irmãs Makioka (Jun'ichiro Tanizaki) Tatiana Feltrin	17 de nov. de 2019

¹⁴⁰ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/b?ie=UTF8&node=19466876011>. Acesso em: 10 maio 2020.

¹⁴¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin/about>. Acesso em: 10 maio 2020.

¹⁴² Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/10-canais-do-youtube-para-quem-ama-livros>. Acesso em: 10 maio 2020.

¹⁴³ Dados recolhidos em janeiro de 2020.

¹⁴⁴ Dados recolhidos em novembro de 2019.

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO ¹⁴⁴	DATA
Os Testamentos (Margaret Atwood) - Continuação de "O conto da Aia" Tatiana Feltrin	15 de nov. de 2019
Paraíso Reconquistado (John Milton) Tatiana Feltrin	13 de nov. de 2019
Os Demônios (Fiódor Dostoiévski) Tatiana Feltrin	10 de nov. de 2019
[CONTO] O Barril de Amontillado (Edgar Allan Poe) Tatiana Feltrin	27 de out. de 2019
A Profecia (David Seltzer) Tatiana Feltrin	23 de out. de 2019
[CONTO] O Tarn (Hugh Walpole) Tatiana Feltrin	20 de out. de 2019
[CONTO] Na Cripta (H. P. Lovecraft) Tatiana Feltrin	13 de out. de 2019
A Assombração da Casa da Colina (Shirley Jackson) Tatiana Feltrin	9 de out. de 2019
[CONTO] Às vezes eles voltam (Stephen King) Tatiana Feltrin	6 de out. de 2019
O Silêncio dos Inocentes (Thomas Harris) Tatiana Feltrin	2 de out. de 2019
A Intérprete (Annette Hess) Tatiana Feltrin	25 de set. de 2019

ANEXO E: Paola Aleksandra

Paola é dona do *blog Livros e Fuxicos* e do canal de mesmo nome no *YouTube*. A *BookTuber* paranaense é formada em administração e já tem pelo menos dois romances publicados. Em seu canal com mais de 200 mil inscritos, Paola resenha diversos tipos de livros, em sua maioria, romances.

VÍDEOS ANTIGOS	
NOME DO VÍDEO ¹⁴⁵	DATA
[Fuxico de Estante] Resenha Um Olhar de Amor - Bella Andre	31 de out. de 2012
[Livros & Fuxicos] Resenha: Divergente - Veronica Roth	25 de jan. de 2013
[Livros & Fuxicos] A Seleção - Kiera Cass	1 de mar. de 2013
[Dica] Paixão Sem Limites - Abbi Glines	14 de jan. de 2014
[Resenha e Desafio] Hyperbole and a half e a Carta para o Futuro	15 de abr. de 2014
Então eu – finalmente – li Como eu era antes de Você (Jojo Moyes) Livros & Fuxicos	31 de jul. de 2015
Um dos melhores do ano: A lista Negra	19 de ago. de 2015
5 (ou mais) motivos para ler Eu te darei o Sol	2 de out. de 2015
[Dica de Livro] Vida e Morte – Stephenie Meyer	28 de dez. de 2015
[Dica] Por Favor, Ignore Vera Dietz – A.S. King	12 de fev. de 2016
A Viajante do Tempo – Diana Gabaldon (Outlander ♥) Livros & Fuxicos	16 de mar. de 2016
Vamos falar sobre Depois de Você da Jojo Moyes? Livros & Fuxicos	22 de abr. de 2016
[Dica] A Indomável Sofia - Georgette Heyer	4 de maio de 2016
[Dica] The Kiss of Deception – Mary E. Pearson	22 de jul. de 2016
[Dica] A Garota do Calendário (Audrey Carlan): de janeiro a junho	29 de out. de 2016

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO ¹⁴⁶	DATA
ROMANCE INSPIRADOR: UM CAMINHO PARA LIBERDADE, JOJO MOYES	18 de nov. de 2019
ROMANCE APAIXONANTE (E FAVORITO): TETO PARA DOIS, BETH O'LEARY	15 de out. de 2019
REAL E EMOCIONANTE: O DIÁRIO DE NISHA ♥☐ (Veera Hiranandani)	3 de set. de 2019
VLOG DE LEITURA: APAIXONADA POR A PEQUENA SEREIA ♥☐	10 de maio de 2019
VLOG DE LEITURA: O SURPREENDENTE NOVE DESCONHECIDOS, LIANE MORIARTY ☐	18 de abr. de 2019
ROMANCE APAIXONANTE: AS REGRAS DO AMOR E DA MAGIA ☐	12 de abr. de 2019
ROMANCE DIVERTIDO: O BOM PARTIDO ☐	18 de mar. de 2019

¹⁴⁵ Dados recolhidos em janeiro de 2020.

¹⁴⁶ Dados recolhidos em novembro de 2019.

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO ¹⁴⁶	DATA
UMA NOVA PAIXÃO: SÉRIE ESTILHAÇA-ME, TAHEREH MAFI ♀☐♥☐	15 de fev. de 2019
APAIXONANTE: TRILOGIA VERÃO ☐ O VERÃO QUE MUDOU MINHA VIDA, JENNY HAN	7 de fev. de 2019
ROMANCE E AVENTURA: DANCE OF THIEVES (DINASTIA DE LADRÕES) ☐☐	1 de fev. de 2019
ROMANCE ARREBATADOR: TUDO AQUILO QUE NOS SEPARA, ROSIE WALSH ☐	30 de nov. de 2018
LUTO E SUPERAÇÃO EM LEVE-ME COM VOCÊ, CATHERINE RYAN HYDE ☐	26 de set. de 2018
TEM QUE LER: O ÓDIO QUE VOCÊ SEMEIA, ANGIE THOMAS ♥☐ I Livros e Fuxicos	14 de set. de 2018
PARA CHORAR E APRENDER: O TATUADOR DE AUSCHWITZ ☐	29 de ago. de 2018
QUENTINHO NO CORAÇÃO: MAGIA DE PAPEL, CHARLIE N. HOLMBERG ☐	14 de ago. de 2018

ANEXO F: Victor Almeida

O *BookTuber* paranaense Victor é formado em *Marketing* e criou seu canal no *YouTube*, o *GeekFreak*, em 2014. Em seu canal, ele resenha principalmente livros de fantasia e contemporâneos. Victor sempre faz vídeos com outros *BookTubers* e a maioria deles são sobre vários livros, tendo poucas resenhas individuais para as suas leituras.

VÍDEOS ANTIGOS	
NOME DO VÍDEO ¹⁴⁷	DATA
Amy & Matthew : Cammie McGovern Resenha (SEM SPOILERS)	20 de fev. de 2015
O Inquisidor : Mark Allen Smith Resenha (SEM SPOILERS)	25 de fev. de 2015
Por Lugares Incríveis : Jennifer Niven (SEM SPOILERS) VEDA #5	4 de abr. de 2015
Especial Trono de Vidro Pt. 1 (SEM SPOILERS) VEDA #23	22 de abr. de 2015
Osbert, O Vingador : Christopher William Hill (SEM SPOILERS) VEDA #25	24 de abr. de 2015
Reboot : Amy Tintera (SEM SPOILERS) VEDA #28	27 de abr. de 2015
A Cidade Murada : Ryan Gaudin Resenha (SEM SPOILERS)	4 de maio de 2015
Sombra do Paraíso : David Goyer & Michael Cassutt Resenha (SEM SPOILERS)	17 de maio de 2015
JOÃO E MARIA EM MINECRAFT? Resenha em Dobro (SEM SPOILERS)	18 de jun. de 2015
BRUXAS E EX-VAMPIRAS NA ESCOLA? Resenha em Dobro (SEM SPOILERS)	26 de jun. de 2015
DEUSES EM UMA ILHA DESERTA? Resenha em Dobro (SEM SPOILERS) VIPS #3	8 de jul. de 2015
Objetos Cortantes : Gillian Flynn Discussão (SEM SPOILERS)	30 de jul. de 2015
O que eu não gostei em ARMADA Discussão (SEM SPOILERS)	12 de out. de 2015
Suzy e as Águas-Vivas : Ali Benjamin OPINIÃO (Sem Spoilers)	30 de nov. de 2016
SUPER-HERÓIS QUE COMEM METAL? Recomendação x2 (Sem Spoilers)	13 de jan. de 2017

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO ¹⁴⁸	DATA
O livro que me tirou da ressaca Dinastia de Ladrões (sem spoilers)	21 de out. de 2019
Faltei na escola e olha no que deu As Três Runas (sem spoilers)	11 de out. de 2019
Essa série PRECISA de HYPE (pois maravilhosa!) Geek Freak	21 de ago. de 2019
Meu coração virou uma uva passa ☐ O Diário de Nisha (sem spoilers)	16 de ago. de 2019
Fui totalmente ESMURRADO Especial (sem spoilers)	9 de jul. de 2019
O favoritado que FINALMENTE saiu no Brasil Vilão (sem spoilers)	2 de jul. de 2019
O livro que me DESGRAÇOU (feat. clube do livro) Confissões (sem spoiler)	24 de jun. de 2019
Vocês todos estavam errados Um Casamento Americano (sem spoiler)	17 de jun. de 2019
Tudo o que eu gosto em um livro só Artemis (sem spoilers)	7 de jun. de 2019
O primeiro livro de STRANGER THINGS Sem spoilers	20 de maio de 2019

¹⁴⁷ Dados recolhidos em dezembro de 2019.

¹⁴⁸ Dados recolhidos em janeiro de 2020.

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO¹⁴⁸	DATA
Um dos melhores livros do ano A Impossível Faca da Memória (sem spoilers)	13 de maio de 2019
Reli um livro favorito depois de 5 anos Mundo em Caos (sem spoilers)	12 de abr. de 2019
Não odiamos nenhum estilo de livro A Garota Desaparecida (sem spoilers)	8 de abr. de 2019
Expandir séries de livros é realmente necessário? + Dance of Thieves (sem spoilers)	12 de dez. de 2018
MYTHOS EXPLODIU A MINHA CABEÇA (e foi incrível) Sem spoilers	7 de nov. de 2018

ANEXO G: Bel Rodrigues

Bel Rodrigues é, atualmente, a *BookTuber* brasileira com mais inscritos no *YouTube*: 700 mil. Bel tem um canal que aborda diversas temáticas como cinema, séries de TV, dicas de escrita e, principalmente, livros. No começo de sua jornada no *YouTube*, a blogueira catarinense focava no conteúdo literário, porém, com o passar dos anos, Bel passou tratar de outros tópicos que fizeram com que seu canal crescesse para outros nichos da cultura do entretenimento. Bel é graduada em Comunicação Social e é também escritora, tendo alguns contos e um livro publicado. Por esse motivo, a *YouTube* nunca deixou de falar sobre livros e hoje sua influência na *internet* pode ser percebida com o alcance de seus vídeos, que, em muitos casos, ultrapassam um milhão de visualizações.

VÍDEOS ANTIGOS	
NOME DO VÍDEO ¹⁴⁹	DATA
LIVRO: AS VANTAGENS DE SER INVISÍVEL, de Stephen Chbosky Bel Rodrigues	29 de jul. de 2013
LIVRO: A CULPA É DAS ESTRELAS, de John Green Bel Rodrigues	8 de ago. de 2013
LIVRO: QUEM É VOCÊ, ALASCA?, de John Green Bel Rodrigues	20 de mar. de 2014
LIVRO: O DIÁRIO DE ANNE FRANK Bel Rodrigues	11 de abr. de 2014
LIVRO: A ESTRELA QUE NUNCA VAI SE APAGAR, de Esther Earl Bel Rodrigues	14 de abr. de 2014
LIVRO: MENINO DE OURO, de ABIGAIL TARTTELIN	21 de jul. de 2014
LIVRO: LARANJA MECÂNICA Bel Rodrigues	5 de jan. de 2015
LIVRO: EXTREMAMENTE ALTO & INCRIVELMENTE PERTO, de Jonathan Foer Bel Rodrigues	25 de ago. de 2015
O MUNDO DE ANNE FRANK, de Janny van der Molen #PamDeBel	14 de dez. de 2015
BEL RECOMENDA: SEJAMOS TODOS FEMINISTAS, de Chimamanda Adichie	2 de mar. de 2016
5 MOTIVOS PARA LER "COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ" Bel Rodrigues	2 de abr. de 2016
5 MOTIVOS PARA LER "LUA DE LARVAS" Bel Rodrigues	3 de abr. de 2016
NÃO CONTE PARA A MAMÃE #PamDeBel	28 de abr. de 2016
5 MOTIVOS PARA LER "A GAROTA NO TREM" Bel Rodrigues	22 de maio de 2016
OBSIDIANA (Saga Lux #1) #PamDeBel	1 de ago. de 2016

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO ¹⁵⁰	DATA
OS TESTAMENTOS: a continuação d'O CONTO DA AIA vale a pena? <input type="checkbox"/>	11 de dez. de 2019
o livro que define um thriller psicológico perfeito <input type="checkbox"/>	5 de dez. de 2019
O mistério que cerca a REDE DE SUSSURROS <input type="checkbox"/>	29 de nov. de 2019

¹⁴⁹ Dados recolhidos em janeiro de 2020.

¹⁵⁰ Dados recolhidos em novembro de 2019.

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO ¹⁵⁰	DATA
30 ANOS DE INJUSTIÇA Conheça Anthony Ray Hinton	27 de nov. de 2019
O mistério de A CORRENTE <input type="checkbox"/>	25 de out. de 2019
O QUE ACONTECEU COM ANNIE? <input type="checkbox"/> (C. J. Tudor)	30 de ago. de 2019
O emocionante SOB O CÉU ESCARLATE <input type="checkbox"/> (Mark Sullivan)	16 de ago. de 2019
A violência presente em VILÃO <input type="checkbox"/> (V. E. Schwab)	17 de jul. de 2019
A fúria assassina d'A PACIENTE SILENCIOSA (Alex Michaelides) <input type="checkbox"/>	29 de maio de 2019
Uma vida misteriosa <input type="checkbox"/> NINGUÉM PODE SABER (Karin Slaughter)	5 de abr. de 2019
Crimes e traições em O DESAPARECIMENTO DE STEPHANIE MAILER <input type="checkbox"/>	14 de fev. de 2019
A tortura de uma verdade anulada BOY ERASED (Garrard Conley)	22 de jan. de 2019
O silêncio ensurdecedor de VOX (Christina Dalcher)	18 de out. de 2018
Os detalhes do horror em OS FORNOS DE HITLER (Olga Lengyel)	11 de out. de 2018
Uma lição de sobrevivência Conheça Tara Westover, A MENINA DA MONTANHA <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	18 de set. de 2018

ANEXO H: Juliana Cirqueira

Juliana Cirqueira é blogueira e *BookTuber* desde 2013. Ela é formada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e pós-graduada em Tradução de inglês pela Estácio de Sá¹⁵¹. Em seu canal, Juliana acumula atualmente mais de 200 mil inscritos¹⁵². A *BookTuber* se dedica a falar sobre diversos gêneros literários, administra um clube do livro *online* e publica vídeos toda semana.

VÍDEOS ANTIGOS	
NOME DO VÍDEO ¹⁵³	DATA
SÉRIE + FILME: AS BRUMAS DE AVALON, de Marion Zimmer Bradley Nuvem Literária	15 de dez de 2013
SÉRIE: ACADEMIA DE VAMPIROS, de Richelle Mead Nuvem Literária	21 de fev de 2014
DUOLOGIA: STARTERS + ENDERS, de Lissa Price Nuvem Literária	21 de mar de 2014
ELEANOR & PARK, de Rainbow Rowell Nuvem Literária	28 de mar de 2014
A NOITE DOS MORTOS VIVOS, de John Russo Nuvem Literária	8 de mai de 2014
EVELINA, de Frances Burney Nuvem Literária	30 de out de 2014
MENTIROSOS, de E. Lockhart Nuvem Literária ¹⁵⁴	12 de nov. de 2014
A RUIVA MISTERIOSA, de Alice Clayton Nuvem Literária	26 de nov. de 2014
O REI DO INVERNO, de Bernard Cornwell Nuvem Literária	16 de dez. de 2014
SHIRLEY, de Charlotte Brontë Nuvem Literária	6 de jan. de 2015
LAÇOS DE SANGUE, de Richelle Mead Nuvem Literária	9 de jan. de 2015
LADY SUSAN, de Jane Austen Nuvem Literária	1 de mar. de 2015
OBJETOS CORTANTES, de Gillian Flynn Nuvem Literária	15 de abr. de 2015
ESCURIDÃO TOTAL SEM ESTRELAS, de Stephen King Nuvem Literária	15 de maio de 2015
1984, de George Orwell Nuvem Literária	22 de maio de 2015

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO ¹⁵⁵	DATA
NOVO LIVRO DA JOJO MOYES (Vlog de Leitura) Ju Cirqueira	20 de nov. de 2019
VOCÊ PRECISA LER: DINASTIA DE LADRÕES □ Ju Cirqueira	10 de nov. de 2019
A PARÁBOLA DO SEMEADOR, de Octavia Butler Ju Cirqueira	30 de out. de 2019
MULHERZINHAS (Primeira parte), de Louisa May Alcott Ju Cirqueira	20 de out. de 2019
TETO PARA DOIS, de Beth O'Leary Ju Cirqueira	10 de out. de 2019
A CORRENTE, de Adrian McKinty Ju Cirqueira	4 de out. de 2019

¹⁵¹ Disponível em: <http://increasy.com.br/juliana-cirqueira/>. Acesso em: 10 maio 2020.

¹⁵² Disponível em: <https://www.youtube.com/user/NuvemLiteraria/about>. Acesso em: 10 maio 2020.

¹⁵³ Dados recolhidos em outubro de 2019 e janeiro de 2020.

¹⁵⁴ Vídeos analisados em janeiro de 2020.

¹⁵⁵ Dados recolhidos entre novembro de 2019 e janeiro de 2020.

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO¹⁵⁵	DATA
UM LUGAR BEM LONGE DAQUI, de Delia Owens Ju Cirqueira	15 de set de 2019
MORTOS NÃO CONTAM SEGREDOS, de Karen M. McManus Ju Cirqueira	28 de ago de 2019
PEQUENAS REALIDADES, de Tabitha King Ju Cirqueira	31 de jul de 2019
ATÉ QUE A CULPA NOS SEPARE, de Liane Moriarty Ju Cirqueira	26 de jun de 2019
Finalmente li MISERY, de Stephen King Ju Cirqueira	12 de jun. de 2019
A GAROTA QUE LIA AS ESTRELAS, de Kiran Millwood Hargrave Ju Cirqueira	7 de jun. de 2019
O QUE ACONTECEU COM ANNIE, de C. J. Tudor Ju Cirqueira	27 de maio de 2019
A PACIENTE SILENCIOSA, de Alex Michaelides Ju Cirqueira	22 de maio de 2019
A PEQUENA SEREIA E O REINO DAS ILUSÕES ☐☐♀☐ Ju Cirqueira	25 de mar. de 2019

ANEXO I: Beatriz Paduletto

Beatriz criou o *blog A Quimera* para falar de livros e logo em seguida migrou para o *YouTube*. A blogueira tem também uma loja virtual¹⁵⁶, na qual vende produtos de papeleria personalizados. Em seu canal no *YouTube*, Beatriz fala principalmente de livros fantásticos e do gênero terror¹⁵⁷.

VÍDEOS ANTIGOS	
NOME DO VÍDEO ¹⁵⁸	DATA
Emily the Strange; Os dias perdidos	6 de fev. de 2016
GUERRA CIVIL - Resenha do livro	24 de mar. de 2016
UNIVERSOS DE ALICE IN WONDERLAND - Filmes, Livros e Musicas	10 de maio de 2016
Menina Má - Psicopatas, Terror e uma Teoria	1 de jun. de 2016
GOLEM E O GÊNIO Helene Wecker Personalidades e fantasias	22 de jul. de 2016
O Clã das Freiras Assassinas Entenda a Série	19 de ago. de 2016
MARÉ VIVA Romance policial	23 de ago. de 2016
Confissões do Crematório VAMOS TODOS MORRER	6 de set. de 2016
O DRÁCULA DE BRAM STOKER	10 de out. de 2016
Labirinto A. C. H. Smith O filme que virou livro	14 de out. de 2016
PRECISO FALAR DAS VIRGENS SUICIDAS E DO KEVIN	14 de jul. de 2017
TODOS OS LIVROS QUE LI DO JOHN GREEN	13 de jan. de 2018
O FUNDO É APENAS O COMEÇO Resenha do livro	7 de maio de 2018
Diário de Leitura Agnes Grey - Anne Brontë Projeto Irmãs Brontë	18 de maio de 2018
PROBLEMAS QUE EU E A SARAH ANDERSEN SOFREMO	22 de ago. de 2018

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO ¹⁵⁹	DATA
Livro Jovem Adulto, Distopia, Feminista, com Personagens Fortes que Adorei Ler!	11 de nov. de 2019
Relendo Alice no País das Maravilhas - Curiosidades do Livro e Informações sobre Lewis Carroll	30 de set. de 2019
1984 e O Fim da Infância Explodiram Minha Cabeça! Livros Reflexivos	24 de ago. de 2019
O Labirinto do Fauno Vlog Diário de Leitura Opiniões e Veredito Final	19 de ago. de 2019
Últimas Leituras - Livros de romance, história, clássicos e literatura (Julho/Agosto)	8 de ago. de 2019
Os Sete Maridos de Evelyn Hugo e Um Lugar Bem Longe Daqui □ Personagens Incríveis	15 de jul. de 2019
Últimas leituras Oscar Wilde, Viúva negra, Casa das Sete Mulheres e mais (maio/junho)	10 de jun. de 2019
Duas leituras Impactantes: Sadie As Bruxas	27 de maio de 2019

¹⁵⁶ Disponível em: <https://www.aquimera.com.br/>. Acesso em: 10 maio 2020.

¹⁵⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/beatriz290/about>. Acesso em: 10 maio 2020.

¹⁵⁸ Dados recolhidos em janeiro de 2020.

¹⁵⁹ Dados recolhidos em novembro de 2019.

VÍDEOS RECENTES	
NOME DO VÍDEO¹⁵⁹	DATA
Últimas Leituras - Uma Duas, Pequena Sereia, Volte para mim, Rupi Kaur, Mulheres na Luta e mais	18 de abr. de 2019
Reli Crepúsculo depois de 10 anos Amor, independência e erros Diário de Leitura	11 de abr. de 2019
5 Lições que Aprendi com os livros de Jogos Vorazes Com Spoilers	9 de abr. de 2019
A Pequena Sereia e o Reino das Ilusões - Vlog Diário de Leitura Sem Spoiler	26 de mar. de 2019
O Colecionador, O Poder e a Violência - Uma discussão, um desabafo	17 de jan. de 2019
DIÁRIO DE LEITURA - EDGAR ALLAN POE E H.P. LOVECRAFT	11 de out. de 2018
A SERIE DE LIVROS QUE MEXEU COMIGO Sci-Fi, Família, Amor e Sociedade	28 de set. de 2018